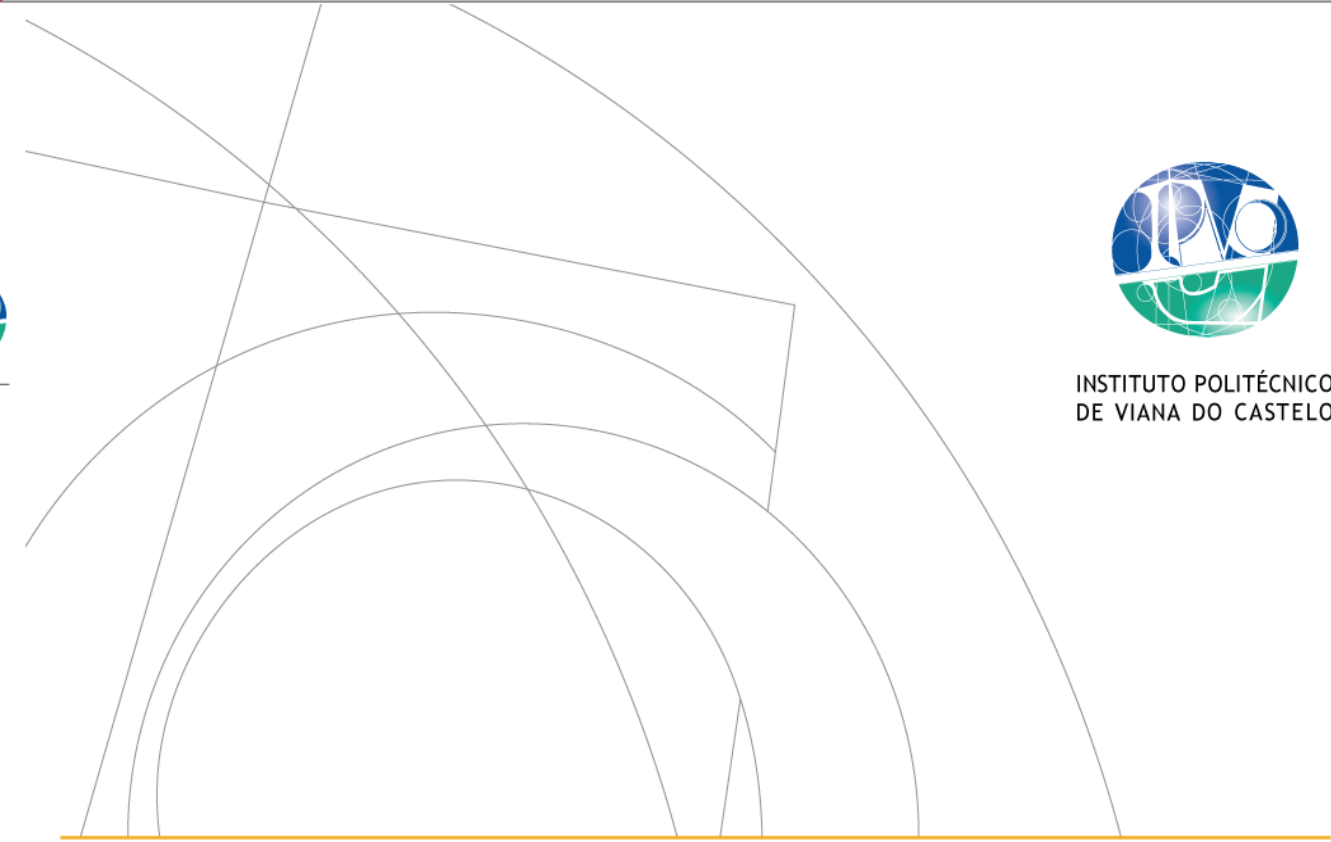




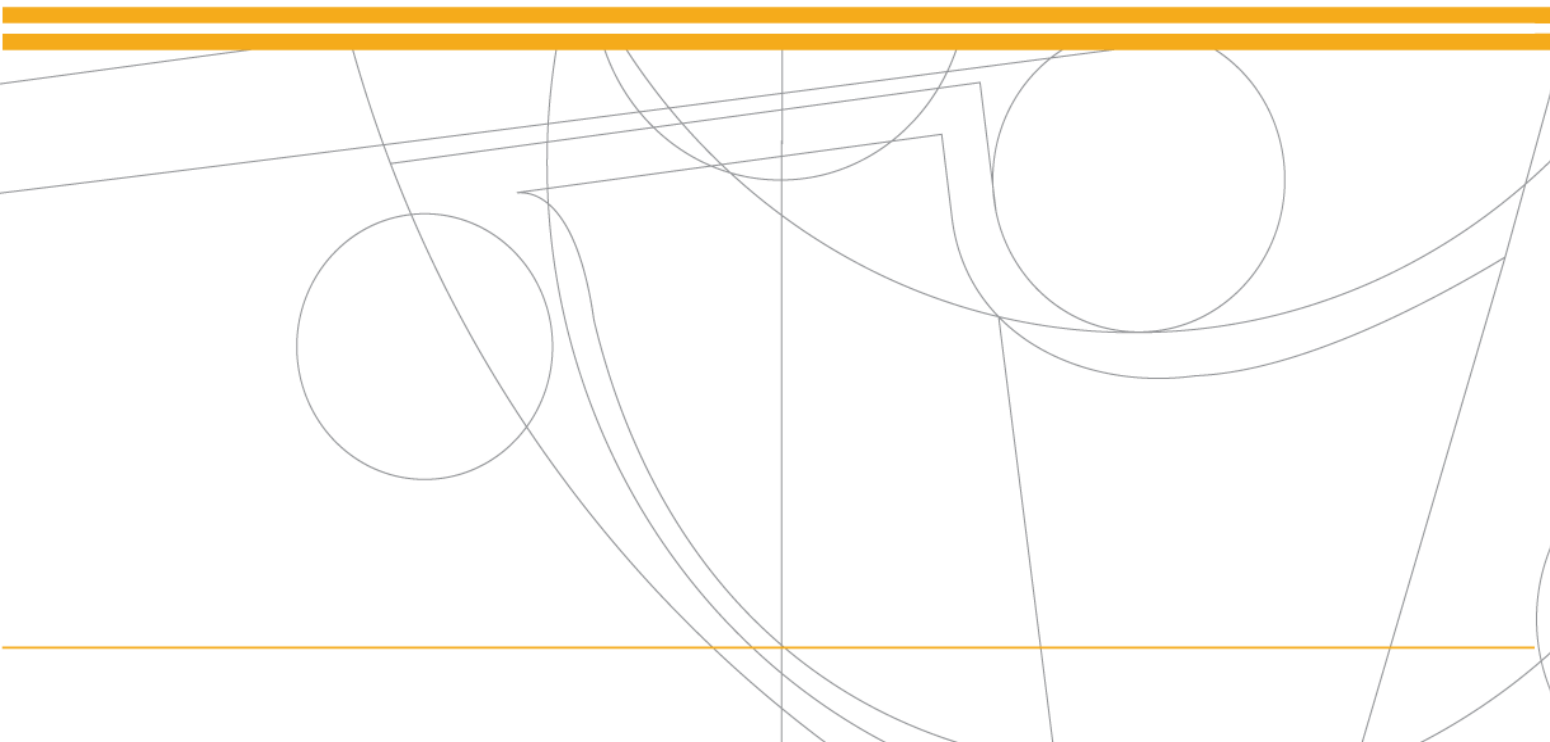
ESTG



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

PAISAGEM URBANA E TURISMO

Perceções e conflitos - estudo de caso na cidade de Guimarães (Portugal)



2021 PAISAGEM URBANA E TURISMO



Helena Sofia Morgado Ribeiro

Escola Superior de Tecnologia e Gestão



Instituto Politécnico
de Viana do Castelo

Helena Sofia Morgado Ribeiro

Paisagem Urbana e Turismo: perceções e conflitos

Estudo de caso na cidade de Guimarães
(Portugal)

Turismo, Inovação e Desenvolvimento

Trabalho efetuado sob a orientação da

Professora Doutora Olga Matos

Professora Doutora Alexandra Correia

julho de 2021



Instituto Politécnico
de Viana do Castelo

Helena Sofia Morgado Ribeiro

Paisagem Urbana e Turismo: perceções e conflitos

Estudo de caso na cidade de Guimarães
(Portugal)

Turismo, Inovação e Desenvolvimento

Trabalho efetuado sob a orientação da

Professora Doutora Olga Matos

Professora Doutora Alexandra Correia

julho de 2021

Júri da Prova

Presidente: Professora Doutora Flora Matos

Vogal (Arguente): Professor Doutor Gonçalo Marques

Vogal (Orientadora): Professora Doutora Olga Matos

Agradecimentos

Apesar de estas serem as primeiras palavras a serem lidas, são as últimas a serem escritas.

À Professora Olga, orientadora, agradeço-lhe o entusiasmo com que me desafiou para o tema do trabalho e também pela forma exigente, crítica, objetiva e assertiva com que me apresentou as ideias e orientou o trabalho. É alguém por quem nutro uma eterna admiração.

À Professora Alexandra, coorientadora, agradeço a disponibilidade, o apoio, as diretrizes de trabalho que me ensinaram principalmente a pensar.

À Professora Flora pelo acompanhamento do trabalho e palavras de incentivo.

A todos os residentes em Guimarães que mesmo a viver uma situação de confinamento devido à Covid-19 aceitaram responder ao inquérito, permitindo o seguimento da investigação.

A todos os turistas que responderam ao inquérito e que manifestaram curiosidade em saber mais sobre a temática e como poderiam aceder aos resultados.

Aos representantes das entidades vimaranenses que aceitaram a realização de entrevista e cujo interesse nesta temática me deu ânimo a continuar.

À minha família pela paciência, amor e companheirismo demonstrados em todos os momentos e principalmente por compreenderem as minhas ausências. O seu permanente apoio foi indispensável durante todo o trabalho.

Aos meus amigos, nomeadamente à Ana que me acompanhou nas idas a Guimarães e me apoiou nesta caminhada. Ao Hugo que fez parte do meu percurso académico e que me motivou e fez a revisão da dissertação.

A todos os professores e colegas de mestrado, com quem fui partilhando ideias e dúvidas.

À minha entidade patronal, o Município de Ponte de Lima, nomeadamente à minha coordenadora, Dr.^a Cristiana Freitas, que compreendeu desde sempre as minhas faltas, apoiou, ouviu e torceu pelo meu sucesso.

A todas as pessoas com quem tive o gosto de me cruzar neste percurso e que de forma direta ou indireta contribuíram para a continuidade do trabalho e cada um foi importante para encontrar o melhor rumo em cada momento da caminhada.

Resumo

A Paisagem é um fator fundamental para o Turismo, pois a sua qualidade e diversidade são determinantes nas motivações de viagem, completando as exigências dos recursos turísticos. Da paisagem urbana fazem parte os mais variados serviços e um infindável número de interações entre o Homem e a Natureza.

O Turismo é um agente dinâmico que se materializa ao fazer uso de diferentes estruturas e recursos existentes no território, como forma de captação de turistas e visitantes, daí resultando um retorno económico para os locais. O Turismo é cada vez mais, um ativo importante no desenvolvimento territorial e um setor fundamental para que os lugares se possam distinguir e se posicionarem.

A cidade de Guimarães alcançou notoriedade ao longo dos anos e que culminou com a classificação como Património Mundial em 2001, conferindo-lhe responsabilidade acrescida na nobre missão que é a preservação do património.

Tendo este enquadramento de uma cidade – Guimarães – e explorando os conceitos de Turismo e Paisagem Urbana, procurou-se estudar estas temáticas e explorar as relações que inevitavelmente se estabelecem entre residentes e turistas, dando enfoque às suas perceções e conflitos que se podem gerar de duas diferentes formas de viver o mesmo espaço e a paisagem urbana.

Palavras-chave: paisagem urbana, turismo, perceções, residentes, turistas

Abstract

Landscape is a fundamental factor for Tourism, as its quality and diversity are determinant in travel motivations, completing the demands of tourist resources. The urban landscape includes the most varied services and an endless number of interactions between Man and Nature.

Tourism is a dynamic agent that materializes by making use of different structures and resources existing in the territory, as a way of attracting tourists and visitors, resulting in an economic return for the locals. Tourism is an increasingly important asset in territorial development and a fundamental sector for places to distinguish and position themselves.

The city of Guimarães has achieved notoriety over the years, which culminated in its classification as a World Heritage Site in 2001, giving it, more responsibility in the noble mission of preserving its heritage.

Having this framework of a city – Guimarães – and exploring the concepts of Tourism and Urban Landscape, we sought to study these themes and explore the relationships that are inevitably established between residents and tourists, focusing on their perceptions and conflicts that can be generated from two different ways of living the same space and urban landscape.

Keywords: urban landscape, tourism, perceptions, residents, tourists

Índice

| | |
|--|------|
| Agradecimentos | iii |
| Resumo | iv |
| Abstract..... | v |
| Índice de Figuras | viii |
| Índice de Tabelas | x |
| Cap. I | 1 |
| 1 - Introdução..... | 1 |
| Cap. II - Metodologia | 4 |
| 2 - Metodologia..... | 4 |
| 2.1 Processo de investigação | 4 |
| 2.2 Enquadramento da Investigação | 9 |
| 2.3 Recolha de dados | 13 |
| 2.3.1 Entrevista | 13 |
| 2.3.2 Inquérito por Questionário | 15 |
| Cap. III- Revisão Bibliográfica | 18 |
| 3- Revisão bibliográfica..... | 18 |
| 3.1 Paisagem urbana: definição, evolução e planeamento..... | 18 |
| 3.1.1- Paisagem urbana: definição | 18 |
| 3.1.2- Paisagem urbana: evolução | 22 |
| 3.1.3 Paisagem Urbana: planeamento | 26 |
| 3.1.3.1 Indicadores de paisagem | 34 |
| 3.2 Turismo Urbano: definição, tratamento normativo e conflitos..... | 35 |
| 3.2.1 Turismo Urbano: definição | 35 |
| 3.2.2 Turismo Urbano: tratamento normativo | 38 |
| 3.2.3 Turismo Urbano: conflitos..... | 40 |
| 3.3 Efeitos da paisagem urbana na dimensão antropológica dos residentes e turistas | 45 |
| 3.3.1 Perspetiva dos turistas..... | 45 |
| 3.3.2 Perspetiva dos residentes | 48 |
| Cap. IV | 52 |
| 4- Guimarães: a cidade no tempo e no espaço..... | 52 |
| 4.1 Património e urbanismo: evolução histórica da cidade..... | 52 |

| | | |
|--|---|-----|
| 4.1.1 | Bipolarização Românica (Sécs. X e XII)..... | 52 |
| 4.1.2 | Unificação Gótica (Sécs. XIV e XV)..... | 53 |
| 4.1.3 | Influência Renascentista, Maneirista e Barroca (Séc. XVI a meados do Séc. XVIII).54 | |
| 4.1.4 | Reforma Rococó, Pombalina e Neoclássica (Meados do Séc. XVIII a meados do Séc. XIX) | 56 |
| 4.1.5 | A expansão industrial (Meados do Séc. XIX a 1924)..... | 57 |
| 4.2 | Preservação da memória: a requalificação do Centro Histórico | 57 |
| 4.3 | Classificação como Património Mundial da Humanidade..... | 60 |
| 4.4 | Enquadramento e caraterização atual do território | 67 |
| 4.5 | Caraterização turística..... | 68 |
| 4.5.1 | Indicadores da Oferta..... | 68 |
| 4.5.2 | Indicadores da Procura..... | 68 |
| Cap.V | | 70 |
| 5- | Paisagem Urbana: potenciador da cidade de Guimarães..... | 70 |
| 5.1 | Paisagem Urbana e o impacto do Turismo | 71 |
| Cap. VI | | 75 |
| 6- | Apresentação, análise e discussão de dados | 75 |
| 6.1 | Residentes, Turistas e Entidades..... | 75 |
| 6.2 | Caraterização da amostra | 77 |
| 6.3 | Análise das Perceções dos Residentes e Turistas | 86 |
| 6.3.1 | Análise das perceções das entidades..... | 125 |
| 6.4 | Discussão de dados | 132 |
| Cap. VII | | 142 |
| 7- | Conclusões e Recomendações | 142 |
| 7.1 | Conclusões finais | 142 |
| 7.2 | Limitações e recomendações | 148 |
| 7.3 | Considerações finais | 149 |
| Referências bibliográficas | | 150 |
| Apêndices | | 157 |
| Apêndice I - Guião da Entrevista Semi-Estruturada..... | | 157 |
| Anexos..... | | 159 |
| Anexo I - Questionário em português..... | | 159 |
| Anexo II - Questionário em inglês..... | | 162 |

Índice de Figuras

| | |
|--|-----|
| Figura 1. Processo da presente dissertação..... | 5 |
| Figura 2. Esquematização do processo metodológico adotado no presente trabalho..... | 8 |
| Figura 3. Quadro conceptual | 11 |
| Figura 4. Mapa da cidade entre 950 a 1279..... | 52 |
| Figura 5. Mapa da cidade entre 1279 e 1498..... | 53 |
| Figura 6. Estrutura de parede com taipa de rodízio (edifício no centro histórico) | 54 |
| Figura 7. Mapa da cidade entre 1498 e 1750..... | 55 |
| Figura 8. Mapa da cidade entre 1750 e 1863..... | 56 |
| Figura 9. Mapa da cidade entre 1863 e 1924..... | 57 |
| Figura 10. Mapas da candidatura do Centro histórico e Património da Unesco | 62 |
| Figura 11. Mapas da candidatura do Centro histórico e Património da Unesco | 60 |
| Figura 12. Proposta de inclusão de couros na zona classificada | 64 |
| Figura 13. Estado do edificado no CH em 2018 | 66 |
| Figura 14. Localização de Guimarães a nível nacional | 67 |
| Figura 15. Afluência aos postos de turismo em 2019 | 69 |
| Figura 16. Resultados nacionais das entrevistas e questionários da Bloom Consulting | 72 |
| Figura 17. Resultados digitais das procuras nacionais e internacionais | 72 |
| Figura 18. Ideia central da estratégia de comunicação proposta pela Bloom Consulting | 73 |
| Figura 19. Género dos Residentes | 78 |
| Figura 20. Género dos Turistas..... | 78 |
| Figura 21. Idade dos Turistas | 79 |
| Figura 22. Idade dos residentes | 79 |
| Figura 23. Idade dos residentes | 81 |
| Figura 24. Idade dos turistas..... | 81 |
| Figura 25. Top 10 – Países de origem | 82 |
| Figura 26. Dias de Estada | 83 |
| Figura 27. Categorias profissionais dos residentes..... | 85 |
| Figura 28. Categorias profissionais dos turistas | 85 |
| Figura 29. Perceção dos Residentes: lugar emblemático da cidade onde se encontram | 105 |

| | |
|--|-----|
| Figura 30. Percepção dos Turistas: lugar emblemático da cidade onde se encontram..... | 106 |
| Figura 31. Percepção dos Residentes: Algum elemento prejudica a imagem deste local | 107 |
| Figura 32. Percepção dos Turistas: Algum elemento prejudica a imagem deste local | 108 |

Índice de Tabelas

| | |
|--|-----|
| Tabela 1. Número de estabelecimentos hoteleiros e capacidade de ocupação entre 2013 e 2018 | 68 |
| Tabela 2 . Categorias profissionais dos residentes | 84 |
| Tabela 3. Categorias profissionais dos turistas..... | 84 |
| Tabela 4. Perceção dos Residentes – Sinalização Direcional..... | 87 |
| Tabela 5. Perceção dos Turistas – Sinalização Direcional | 88 |
| Tabela 6. Perceção dos Residentes – Publicidade exterior..... | 90 |
| Tabela 7. Perceção dos Turistas – Publicidade exterior | 91 |
| Tabela 8. Perceção dos Residentes - Mesas, cadeiras, Guarda-sóis dos estabelecimentos de restauração | 92 |
| Tabela 9. Perceção dos Turistas - Mesas, cadeiras, Guarda-sóis dos estabelecimentos de restauração | 93 |
| Tabela 10. Perceções dos Residentes: Mobiliário urbano | 95 |
| Tabela 11. Perceções dos Turistas: Mobiliário urbano..... | 96 |
| Tabela 12. Perceções dos Residentes: arborização, jardins e outros elementos naturais | 98 |
| Tabela 13. Perceções dos Turistas: arborização, jardins e outros elementos naturais | 99 |
| Tabela 14. Perceções dos Residentes – outros elementos | 101 |
| Tabela 15. Perceções dos Turistas – outros elementos..... | 102 |
| Tabela 16. Perceção dos Residentes: lugar emblemático da cidade onde se encontram..... | 105 |
| Tabela 17. Perceção dos Turistas: lugar emblemático da cidade onde se encontram | 106 |
| Tabela 18. Perceção dos Residentes: algum elemento prejudica a imagem deste local..... | 107 |
| Tabela 19. Perceção dos Turistas: algum elemento prejudica a imagem deste local | 108 |
| Tabela 20. Perceção dos Residentes: o que mais lhe agrada nos locais mencionados | 109 |
| Tabela 21. Perceção dos Turistas: o que mais lhe agrada nos locais mencionados | 110 |
| Tabela 22. Perceção dos Residentes:mobilidade, estacionamento e segurança | 112 |
| Tabela 23. Perceção dos Turistas:mobilidade, estacionamento e segurança..... | 113 |
| Tabela 24. Perceção dos Residentes: intervenções no centro histórico..... | 115 |
| Tabela 25. Perceção dos Turistas: intervenções no centro histórico | 115 |
| Tabela 26. Perceção dos Residentes: poluição sonora e visual | 116 |
| Tabela 27. Perceção dos Turistas: poluição sonora e visual..... | 117 |
| Tabela 28. Perceção dos Residentes: grau de satisfação com a paisagem urbana..... | 118 |

| | |
|--|-----|
| Tabela 29. Percepção dos Turistas: grau de satisfação com a paisagem urbana | 118 |
| Tabela 30. Percepção dos Residentes: classificação da paisagem ao CH | 119 |
| Tabela 31. Percepção dos Turistas: classificação da paisagem ao CH..... | 120 |
| Tabela 32. Percepção dos Residentes: palavra caraterizadora da paisagem do CH..... | 121 |
| Tabela 33. Percepção dos Residentes: palavra caraterizadora da paisagem do CH..... | 121 |
| Tabela 34. Percepção dos Turistas: palavra caraterizadora da paisagem do CH | 122 |
| Tabela 35. Percepção dos Turistas: palavra caraterizadora da paisagem do CH | 122 |
| Tabela 36. Percepção dos Turistas: paisagem como motivação de visita | 123 |
| Tabela 37. Percepção dos Turistas: contexto de visita | 124 |
| Tabela 38. Percepção dos Turistas: contexto de visita | 124 |
| Tabela 39. Categorias de questões entrevista | 126 |
| Tabela 40. Categoria 1: percepção da Paisagem Urbana..... | 127 |
| Tabela 41. Categoria 2: pontos de atração turística..... | 128 |
| Tabela 42. Categoria 3: impacto do Turismo | 129 |
| Tabela 43. Categoria 4: Residentes e Identidade..... | 130 |
| Tabela 44. Categoria 5: Dinamização cultural | 131 |

Cap. I

"Se abrissem as pessoas encontrariam paisagens".

Agnès Varda

1 - Introdução

Guimarães, cidade Berço. Guimarães, Património Cultural da Humanidade desde 2001. Guimarães, Capital Europeia da Cultura em 2012. E muitas outras atribuições poderia continuar a enumerar para esta cidade cuja formação terá tido início no séc. X com Mumadona Dias, que deu os primeiros passos na formação urbana, ao mandar edificar um mosteiro e mais tarde um castelo. Em 1096, é outorgado a Guimarães, o foral pela mão do conde D. Henrique e pela condessa D. Teresa, que viria a ser confirmado e ampliado por D. Afonso Henriques em 1128. No reinado de D. Dinis é contruída a segunda cintura de muralhas e com D. João I dá-se a reconstrução gótica da Igreja de Nossa Senhora da Oliveira, por promessa de ter pedido a Santa Maria da Oliveira para que o ajudasse a vencer os castelhanos na Batalha de Aljubarrota. No século XVI a meados do séc. XVIII dá-se a qualificação Renascentista, Maneirista e Barroca. Já nos meados do séc. XVIII a meados do Séc. XIX acontece a reforma Rocócó, Pombalina e Neoclássica da cidade. E no séc. XIX até ao início do séc. XX, dá-se uma expansão da malha urbana também graças à industrialização.

Na década de 40 e 50 do século XX, em pleno Estado-Novo, desenvolvem-se planos urbanísticos e recuperam-se monumentos nacionais. Na cidade de Guimarães regista-se nesse período, a título de exemplo, a recuperação do Paço dos Duques de Bragança e do Castelo, dois símbolos associados ao Berço da Nação.

Um novo processo de requalificação do Centro Histórico de Guimarães teve início na década de 80 e permitiu preservar os traços de uma cidade de origem medieval, contrariando a ânsia de renovação, transformação e descaracterização que aconteceu em outras cidades. Esta renovação, mas acima de tudo de recuperação e preservação do património construído, foram movidas pela necessidade de devolver o centro histórico aos vimaranenses e não somente pela patrimonialização da área, que mais tarde viria a ser classificada como Património Mundial da Humanidade.

Todas estas épocas introduziram alterações temporárias ou permanentes na paisagem e na atualidade, associar Paisagem urbana e Turismo, acaba por ser inevitável, como um capital indivisível que deve ser usufruído em benefício de todos que coexistem permanente ou temporariamente: os residentes e turistas.

A riqueza e a complexidade de olhar para um centro histórico, é tão ou mais abrangente do que ter a perceção de que estamos diante de uma paisagem estruturada e organizada, que é fruto de várias intervenções humanas, em diferentes épocas e que desta forma regista as expressões culturais desse mesmo tempo, tanto na sua arquitetura, como nos materiais e técnicas de construção. Quando além desta visão global do que é um centro histórico como o de Guimarães, acrescentamos uma classificação como Património Mundial da Humanidade, atribuída em dezembro de 2001, aferimos que não há senda, viela ou ruela que deva ser desvalorizada. Olhar um conjunto do qual fazem parte as pessoas, os seus modos de viver e de festejar e as suas necessidades diárias.

Em 2021, celebram-se vinte anos da classificação da cidade como Património Mundial (PM), fruto do trabalho de planeamento e gestão, começado décadas antes. Com o tempo, a cidade foi ganhando maior notoriedade a nível nacional e internacional e visitantes e turistas foram aumentando, bem como o número e a frequência de visitas. Aos poucos, a cidade vivida pelos locais começou a ser partilhada diariamente com pessoas de todas as idades, proveniências e motivações.

Face a este cenário e escalpelizando as interações da cidade com o turismo, é relevante perceber, se possíveis disfunções provocadas pelos turistas afetam o dia-a-dia dos residentes, e só com uma monitorização periódica, metódica e atenta, é que nos aperceberemos sobre alertas de pontos mais sensíveis.

Como objetivo geral do trabalho, pretendia-se averiguar que perceções e conflitos existiriam entre o olhar dos residentes e dos turistas em relação à paisagem urbana da cidade.

Assim, a grande conclusão deste trabalho é que, da análise destas perceções e conflitos para a cidade de Guimarães é a de que as perceções de residentes e turistas sobre a paisagem urbana e o turismo são na sua maioria comuns, e que a paisagem da mesma é uma forte motivação para a escolha de visita.

Esta dissertação divide-se em sete capítulos, que se subdividem em vários pontos:

No capítulo 1, a introdução contém o enquadramento genérico, a especificidade desta dissertação e a estrutura do trabalho.

Apresenta-se a metodologia adotada, no capítulo 2, e os objetivos gerais e específicos, a pergunta de partida e o quadro conceptual.

Definem-se os contributos principais para o estado da arte com a revisão bibliográfica no capítulo 3.

A evolução histórica e arquitetónica da cidade de Guimarães dá-se nota no capítulo 4.

Elencam-se no capítulo 5 as potencialidades da paisagem urbana como alicerce do desenvolvimento.

Apresentam-se e analisam-se os dados recolhidos nos inquéritos por questionário (turistas e visitantes) e por entrevistas no capítulo 6.

Destacam-se no capítulo 7, as conclusões da parte prática e teórica e ainda as recomendações e limitações da investigação.

Cap. II - Metodologia

2 - Metodologia

Neste ponto do capítulo serão abordados todos os procedimentos metodológicos que sustentaram esta dissertação.

2.1 Processo de investigação

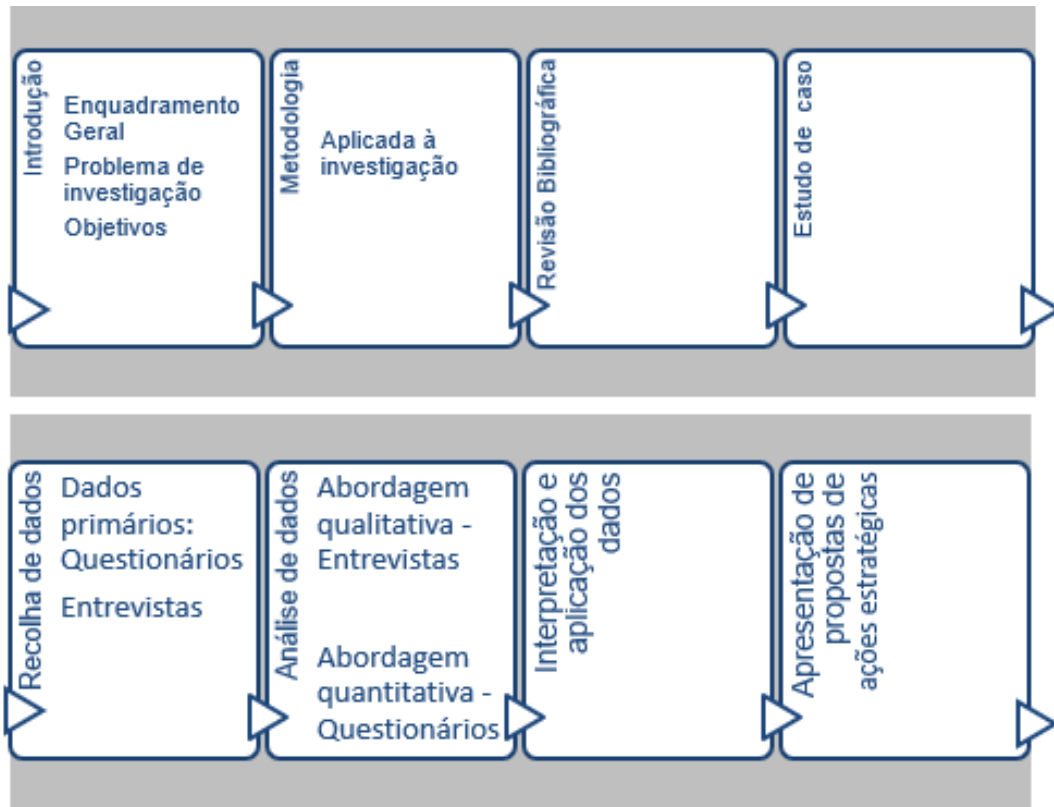
A investigação é um processo, um exercício cognitivo que vai sistematizando a informação recolhida, de forma a dar resposta a objetivos gerais e específicos e que contribui para acrescentar, explicar e compreender fenómenos sociais (Coutinho, 2016), sendo, por isso, importante a sua explicação para a sociedade em geral (Batista & Sousa, 2011).

Neste contexto, podem ser adotados diferentes métodos como forma de chegar ao conhecimento, explicados na metodologia, que por sua vez, permite nortear o investigador no processo de investigação. Partindo da estrutura de Quivy & Campenhout (2018), definem-se os objetivos, os métodos, a amostragem e quais os instrumentos que vão permitir a recolha de dados. Delinear a investigação pressupõe definir o ponto de partida (onde estamos) e o de chegada (onde queremos chegar), combinando e equacionando os diferentes fatores que influenciam a investigação:

- A motivação da investigação (problema);
- O lugar de onde partimos (estado do conhecimento);
- A escolha do caminho a seguir para chegarmos onde queremos (método).

Abaixo é apresentada a sequência do processo desta investigação, com todas as fases e do que foi desenvolvido em cada uma delas.

Figura 1. Processo da presente dissertação



Fonte: elaboração própria baseado em Quivy & Campenhout, 2018

O processo do trabalho de investigação contempla perceções de um problema, decisões de avançar com a investigação e depois uma série de fases que levam à apresentação de novo conhecimento. Uma investigação parte de um problema, quer seja para explicar novas formas de analisar uma questão ou para validar algo já realizado anteriormente. Como nos informam Cardoso, Alarcão, & Celorico (2010), cada investigador estuda e analisa trabalhos de outros investigadores, de forma a perceber o que já existe dentro da temática, para que depois possa produzir novo conteúdo e criar novas informações. A revisão da literatura já existente, nomeadamente sobre paisagem urbana, vista por outras áreas de conhecimento como a arquitetura, foi crucial para podermos relacionar com o Turismo, pois a recuperação de muito património imóvel deve-se a profissionais que com sensibilidade e arte, devolvem vida ao edificado já em processo de decadência (algo que aconteceu também com o centro histórico de Guimarães e com a intervenção técnica do Arquiteto Fernando Távora.

A pergunta de partida tornou-se essencial para definir o seguimento do trabalho, pois é este o ponto que vai guiar o conjunto de decisões que se tomarão. Como referem Quivy & Campenhoudt (2018), a pergunta de partida é o fio condutor da investigação e onde o investigador exprime qual o conhecimento que está à procura de produzir ou de conhecer melhor. Coutinho (2016) reforça a ideia base de Moltó (2002) de que é desejável que a definição do problema seja o mais específico possível contendo os aspetos essenciais do estudo, ou seja, fazer referência ao que se estuda (objeto da investigação, com quem se vai levar a cabo a investigação (sujeitos) e como se estuda o problema (definição de variáveis).

No caso da presente dissertação, a pergunta de partida foi a seguinte:

- Qual a perceção de residentes e turistas acerca da paisagem urbana de Guimarães, cidade Património Mundial da Unesco?

Perante a problemática, o presente trabalho adotará um estudo de caso, que é usado para conseguir explicar uma situação e ser a base de aplicação de soluções a considerar, ou ainda para descrever um objeto ou fenómeno (Doodley, 2002 *cit in* Meirinhos & Osório, 2010, p. 52). O que define um estudo de caso não é apenas a metodologia que se adota, mas o objeto que tem de ser exclusivo, singular, distinto e complexo (Mertens, 1998). É ainda considerada, a estratégia ideal quando é necessária uma investigação profunda, visando a perspetiva global do objeto em estudo (uma situação específica ou organização) e ‘identificar possíveis fatores que o influenciam ou são influenciados pelo mesmo’ (Gil, 2002, p. 55). Segundo Yin (2010) o estudo de caso é uma investigação empírica que investiga profundamente um fenómeno atual e o seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenómeno e o contexto não são tidos como claros e tem como foco de investigação pessoas, objetos ou acontecimentos. Os tipos de dados usados variam, por exemplo, entre descrições, opiniões, análises. As fontes dos dados são os participantes, processos, contextos, objetos, registos e documentos. As ferramentas usadas passam pelo guião da entrevista, critérios, entrevistas, questionários, testes e escalas (Charles, 1998). Meirinhos & Osório (2010, p. 52) referem que o estudo de caso usado como estratégia de investigação é abordado por vários autores, como Yin (1993, 2005), Stake (1999), Rodríguez *et al* (1999) entre outros, para os quais, ‘um caso pode ser algo bem definido ou concreto, como um indivíduo, um grupo ou uma organização,

mas também pode ser algo menos definido ou definido num plano mais abstrato como, decisões, programas, processos de implementação ou mudanças organizacionais’.

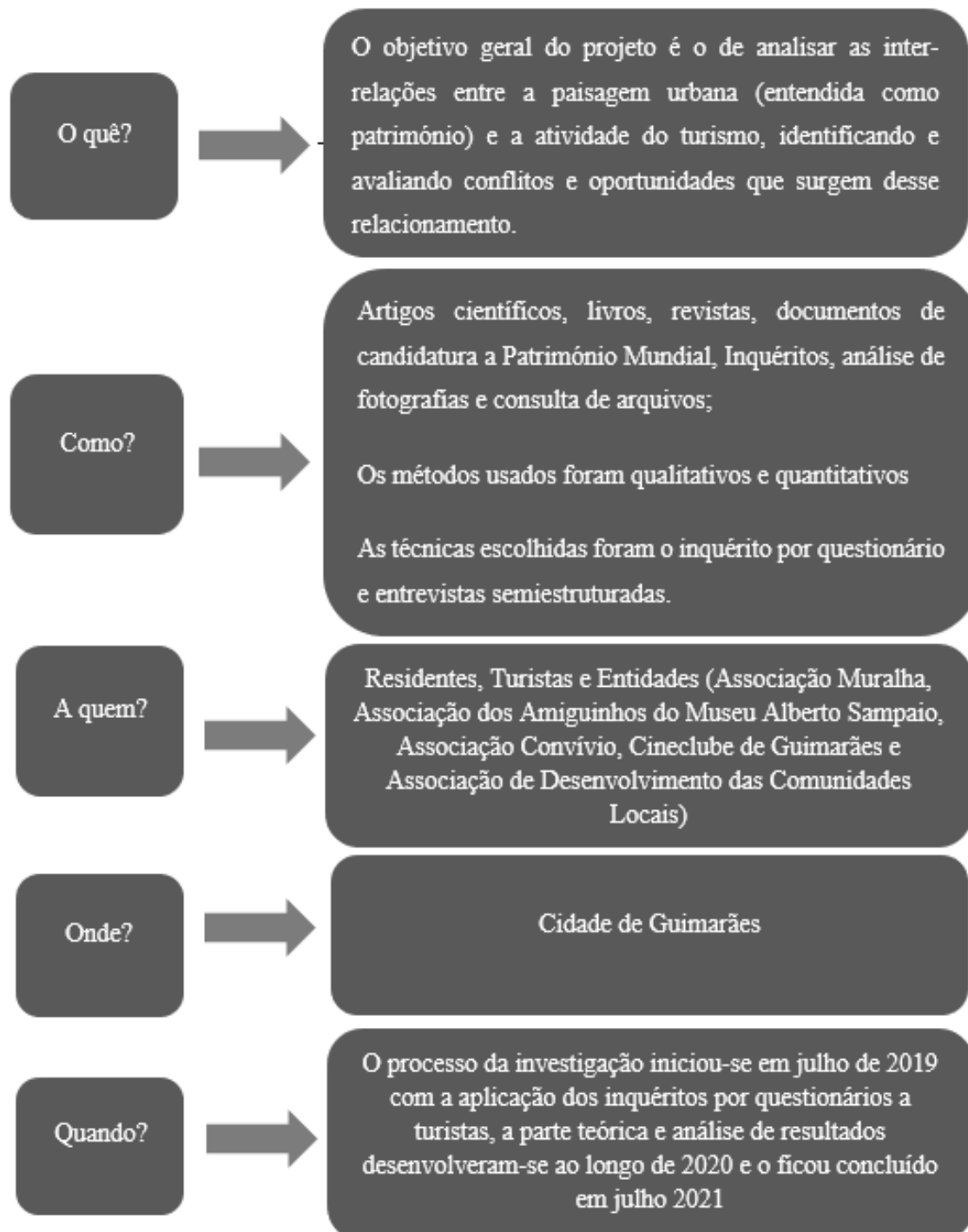
Dada a temática do presente trabalho, o estudo de caso da cidade de Guimarães, o método (estudo de caso) foi adotado para se compreender melhor o fenómeno do Turismo e qual a perceção dos diferentes intervenientes: os residentes, os turistas (ou não residentes) e as entidades culturais ou institucionais que em determinado tempo se encontraram a partilhar um mesmo espaço: a cidade de Guimarães. A riqueza de um estudo que envolve pessoas, é a multiplicidade, são as interpretações dos espaços públicos e privados e relação com a restante paisagem, e é ainda a consciência de que cada um deles é interveniente nesse mesmo espaço, num determinado período e, daí resulta apenas uma realidade pessoal que se vai encontrar com tantas quantas forem as pessoas com quem se cruze nesse processo. Residentes, turistas e representantes de associações, de diferentes faixas etárias, propósitos de vida, gostos pessoais, graus de formação académica, nacionalidades, ocupações profissionais que fazem parte da complexidade das sociedades.

Agregar e retirar ilações, é neste trabalho, assumido como a melhor forma de compreender o fenómeno do turismo e ao mesmo tempo, ter presente o património como integrante da paisagem, mas também de quem o mantém vivo, o ‘património humano’ lhe dá vida durante todo o ano (residentes e associações) ou por um período mais limitado (turistas). Um centro histórico classificado como Património Mundial, traz notoriedade, traz turistas que procuram vivências culturais únicas, traz valorização da paisagem e promove oportunidades para profissionais de áreas direta ou indiretamente ligadas ao Turismo. Segundo Cruz (2007, p. 21) ‘a atividade turística tem uma inquestionável capacidade de transformar os lugares em função de seus interesses, não raras vezes escusos e estranhos aos locais dos quais se apropria’.

Este trabalho teve a necessidade de se adequar a duas realidades sociais e turísticas diferentes, ou seja, antes e durante a Covid-19, um contexto de pandemia mundial. Os objetivos mantiveram-se, contudo, a forma de os alcançar alterou-se ou adaptou-se: os inquéritos aos residentes não atingiram o número inicialmente calculado e tiveram de ser realizados maioritariamente *online*. As entrevistas às entidades, que inicialmente estavam pensadas para serem presenciais, alteraram-se para entrevistas por videochamadas, e o próprio tempo de execução do trabalho também se prolongou.

De seguida é apresentado um esquema resumo do processo metodológico usado na investigação.

Figura 2. Esquemática do processo metodológico adotado no presente trabalho



Fonte: Elaboração própria

Estando definido o objetivo geral, é importante definir agora os objetivos específicos, que no caso desta investigação são:

- aprofundar o quadro teórico e conceptual das relações entre paisagem, património e turismo, centrado na cidade como espaço turístico;
- diagnosticar os conflitos gerados pela relação entre turismo e paisagem urbana, apontando os impactos sobre o usufruto do património consequentes do turismo;
- recolher informações a nível nacional e internacional e analisar comparativamente os regulamentos sobre a parte histórica da paisagem urbana, especialmente em cidades com fluxos turísticos intensos;
- descobrir as diferenças e pontos comuns na perceção e avaliação de paisagens urbanas entre residentes e visitantes.

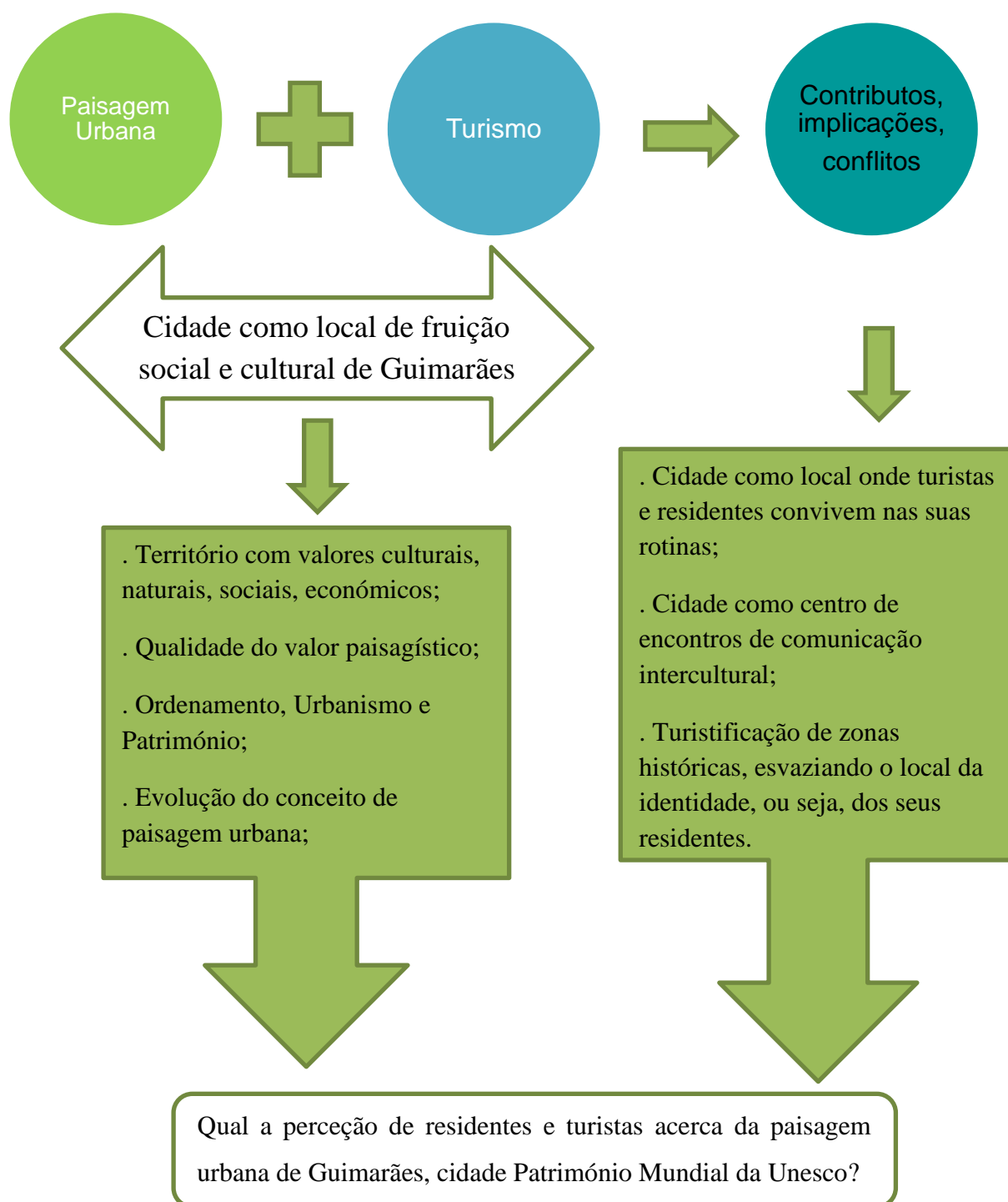
Tendo a pergunta de partida determinada e sabendo a metodologia a seguir, a fase seguinte passou pela leitura de vários artigos e outra bibliografia existente sobre a temática da paisagem urbana. Foi sendo desenvolvida então, a revisão bibliográfica, tendo como ponto de partida a definição das palavras-chave da investigação: Paisagem Urbana, Turismo Urbano e Efeitos da paisagem urbana na dimensão antropológica dos residentes e turistas. E como sugere Coutinho (2016), um investigador nunca parte do zero, pois mais ou menos desenvolvido, há algo feito por outros investigadores e que é deveras importante para a base de qualquer investigação. O objetivo da revisão é descrito por Cardoso, Alarcão & Celorico (2010) como uma forma de contextualizar a investigação e estabelecer relação com o conhecimento que já existe sobre o tema, também chamado estado da arte e a problemática a investigar.

2.2 Enquadramento da Investigação

A paisagem é entendida por parte da Convenção Europeia da Paisagem como qualquer parte do território, cuja marca é resultante de fatores naturais e/ou humanos e das relações que se estabelecem entre ambos (Direção Geral do Território, 2000). Atualmente é aceite, não só como um elemento patrimonial de primeira ordem, como também um dos recursos turísticos essenciais, pois o usufruto estético de contextos diferentes ao cenário da vida quotidiana representa uma das motivações fundamentais da viagem turística podendo chegar a ser a motivação principal, que por si mesma atrai fluxos de procura, perante casos de paisagens de qualidade excepcional.

Esta função essencial, em que se pode incluir o papel decisivo da paisagem na criação de uma imagem transmitida ao turista, vê-se revalorizada perante as mudanças nas últimas fases de desenvolvimento do sistema turístico, em que a qualidade territorial e paisagística (como indicador perceptível do equilíbrio ou harmonia entre os fatores físicos e humanos) se mostram repetidamente como uma das exigências determinantes no processo de eleição de destino, pelo que a degradação da mesma incidirá inevitavelmente na perda de competitividade e rentabilidade do espaço afetado. Assim, a qualidade territorial, da qual a paisagem é resultado e imagem, configura-se como um fator essencial de competitividade (Correa & Rosendahl, 1998). Nesse sentido, e como se assume de extrema importância para a regeneração de espaços ou bens singulares, o turismo pode desempenhar um papel importante – de facto já começou a fazê-lo – como fator na recuperação de espaços ou bens degradados (seja por a atividade turística própria, por outros ou por desgaste), como instrumento e financiamento para intervenções de recuperação ou conservação. Desta forma, o gerar de riqueza associada ao turismo (esta pode ser a consequência pragmática de tudo o que é expresso), torna-se um argumento sólido para a adoção das políticas paisagísticas e patrimoniais pelas administrações públicas, parte indispensável do objetivo geral deste projeto que é o de tentar dar respostas para melhorar a qualidade territorial de Guimarães.

Figura 3. Quadro conceptual



Fonte: Elaboração própria

Partindo dos dois conceitos principais, Turismo e Paisagem Urbana, procuram encontrar-se quais as principais implicações e conflitos, sendo a cidade o local de fruição por parte

dos turistas de um conjunto de recursos que podem ser cumulativamente usados pelos residentes.

O estudo de caso é um método que usualmente combina dados qualitativos e quantitativos e o uso de métodos mistos deve-se à complexidade dos fenómenos para explorar em detalhe após a validação dos dados (Finn *et al*, 2000). Significa isto que no turismo, e segundo os autores, a pesquisa qualitativa e quantitativa são abordagens complementares. Neste trabalho a abordagem é mista, pois permite-nos analisar o tema em estudo com diferentes perspetivas e métodos. Enquanto a abordagem qualitativa promove a análise interpretativa do conteúdo das entrevistas, a abordagem quantitativa, permite-nos quantificar através dos questionários, os perfis e as opiniões acerca de perguntas previamente pensadas para esta investigação.

De acordo com Diehl & Tatim (2006) a abordagem qualitativa permite descrever a complexidade e a interação das variáveis de determinado problema e possibilita o entendimento desses processos e como estão interligados. Os métodos são uma forma de chegar ao conhecimento, reforçando mais o processo do que propriamente os resultados (Bisquerra, 1989; Coutinho, 2016). Os métodos são formalizações do procedimento, ou seja, propostas diferentes, concebidas para irem ao encontro dos fenómenos ou domínios em estudo (Quivy & Campenhout, 2018).

A nível metodológico a investigação qualitativa assenta no método indutivo, pois o “investigador deseja mostrar a intenção da ação” (Pacheco, 1993) *cit in* (Coutinho, 2016) e assim criar novo conhecimento. Poder-se-á ainda referir que esta abordagem permite uma realização de estudos aprofundados sobre uma ampla variedade de tópicos, incluindo temas atuais, temas de interesse pessoal ou relevância social, em termos simples e quotidianos, contribuindo para o reconhecimento da pluralidade cultural e da relevância em dar voz aos participantes (Yin, 2016). A análise qualitativa de acordo com Malhotra (2006) permite uma visão mais detalhada e o conhecimento do contexto do problema.

Já a abordagem quantitativa segundo Richardson (1989) é frequentemente aplicada nos estudos descritivos e propõem-se investigar “o que é”, ou seja, descobrir as características de um fenómeno como tal.

2.3 Recolha de dados

2.3.1 Entrevista

Selecionar a técnica para recolher a informação constitui um aspeto importante do processo de investigação, assim como definir o tipo de instrumento de medida que melhor se adequa ao objetivo do estudo e às suas questões de investigação (Fortin, 2009). Partindo da premissa de Silverman (2000)) *cit in* (Coutinho, 2016, p. 141) ‘as entrevistas são uma poderosa técnica de recolha de dados porque pressupõem uma interação entre o entrevistado e o investigador, possibilitando a este último a obtenção de informação que nunca seria conseguida através de um questionário’. Pode ainda referir-se que têm a vantagem de o investigador poder solicitar esclarecimentos adicionais ao entrevistado, caso a resposta não seja suficientemente elucidativa (Coutinho, 2016). A entrevista pode ser: não estruturada (ou livre), estruturada (ou diretiva) ou semiestruturada (ou semidiretiva) (Coutinho, 2016). Este trabalho adotou uma entrevista semiestruturada, dada a diversidade de opiniões que podem surgir e direções que poderão não ter sido exploradas no início da investigação e neste tipo de entrevista, também dependemos muito do comportamento do entrevistado e da natureza da associação que representa. Esta opção permite ainda planear o rumo da entrevista, expõe de forma coerente as questões que abordam os diferentes aspetos do tema (podendo algumas revelar mais significado que outras, dependendo dos participantes), sem nunca esquecer a finalidade e os objetivos do estudo (Fortin, 2009). Deste modo, tentar-se-á compreender o significado de um acontecimento ou de um fenómeno experienciado pelos participantes, sendo que nesta variante, o entrevistador esboça uma lista de temas a abordar, constrói questões com integridade com esses temas e apresenta-os ao participante numa ordem que considera pertinente (Fortin, 2009).

Salienta-se ainda que este tipo de entrevista contribui para revelar aspetos a ter em conta, alargar e retificar o campo de investigação de forma a completar o conhecimento obtido através das leituras anteriores (Quivy & Campenhout, 2018).

O guião da entrevista semiestruturada elaborado no presente trabalho, é composto pelas seguintes perguntas:

- Perguntas 1 e 2 - pontos gerais sobre a paisagem urbana de Guimarães;
- Pergunta 3 - o Turismo e a cidade de Guimarães;
- Pergunta 4 - identidade cultural vimaranense e pertinência da investigação;
- Pergunta 5 - competências e papel da associação.

Cada uma das questões é orientadora e procurou ter sempre em linha de conta, os objetivos e finalidade já expostos.

Dado o protocolo de colaboração com o Município de Guimarães, foi cedida uma listagem de associações vimaranenses, assim como os contactos dos seus representantes. Dessa lista, alguns dos contactos não foram possíveis de fazer, contudo, no decorrer de duas entrevistas, foi solicitada ajuda no sentido da indicação de outras associações que estivessem disponíveis para esta investigação, o que se revelou frutífero. O processo para todas as entrevistas foi o mesmo: primeiro um contacto telefónico para apresentação e contextualização, em segundo o envio prévio do guião da entrevista, depois a marcação de dia e hora da entrevista, e finalmente, a entrevista por videochamada (apenas uma foi realizada por email por indisponibilidade laboral do entrevistado). A transcrição das mesmas e uma primeira análise às respostas foi a fase final deste processo que decorreu no mês de junho de 2020. As limitações encontradas nesta fase foram consequência da impossibilidade de estabelecer os contactos presenciais com os entrevistados devido à Covid-19, contudo foram ultrapassadas pela possibilidade e disponibilidade de se fazerem as entrevistas por videochamada.

Para a obtenção de informação, mais sintetizada usou-se a análise de conteúdo com a definição de palavras-chave para cada categoria de perguntas do guião e a comparação entre o que foi referido pelos autores na revisão bibliográfica e o afirmado pelos entrevistados.

Bardin (2011) indica-nos que a análise de conteúdo pode ser aplicada em diversas formas de comunicação e que compreende três fases: a pré-análise, a exploração e o tratamento dos resultados. A primeira fase, a pré-análise é um momento de organização e no caso das entrevistas representa, por exemplo, a sua transcrição pois esta será a base das fases seguintes. Na segunda fase, ou fase de exploração do material, são definidas as categorias e a forma de agregar e comparar elementos. Neste caso recorreu-se a dois elementos: à definição de palavras que se considerou destacarem-se na revisão bibliográfica e um outro em que se retirou das entrevistas, frases ou ideias que iriam ao encontro ou em oposição ao que foi referido pelos autores enunciados. A terceira fase é o tratamento de dados através da inferência e da interpretação. Para uma boa interpretação de dados é necessário rever a parte teórica e fazer o cruzamento com os pontos centrais do encadeamento de ideias. A relação entre os dados obtidos e a fundamentação teórica, dará suporte, sentido

e validação à interpretação. A interpretação leva às conclusões, ou seja, às inferências, que visam retirar sentido e análise em profundidade da realidade que nos foi apresentada. O guião da entrevista encontra-se no Apêndice I desta dissertação.

2.3.2 Inquérito por Questionário

Recorre-se ao questionário quando se pretende chegar a um maior número de pessoas – os inquiridos – tendo em mente a caracterização dos traços identificadores de grandes grupos de sujeito e por isso associamos este instrumento a planos de investigação de cariz quantitativo (Coutinho, 2016). Este é o processo que visa a obtenção de respostas expressas pelos participantes no estudo (Ghiglione & Matalon, 1997; Wiersma, 1995), e pode ser implementado com o recurso a questionários (Charles, 1998; Eisman, 1992).

O questionário permite colocar questões abertas ou fechadas, questões diretas ou indiretas, sendo que todas as escolhas devem ser pensadas e fundamentadas (Coutinho, 2016). Recorreu-se a inquéritos por questionário a turistas e residentes na cidade de Guimarães, tendo em vista a resposta ao objetivo geral, nomeadamente, nas conclusões sobre quais as perceções e conflitos da Paisagem Urbana e do Turismo.

No presente trabalho, o inquérito por questionário foi resultado do projeto em que está inserido, que visa um estudo comparativo, entre Paisagem Urbana e Turismo, percebendo quais as perceções e os conflitos que surgem dessa relação, em cidades Património Mundial. Foi desenvolvida uma parte (7 questões) por Inmaculada Mercado Alonso da Universidade de Sevilha. Os membros deste projeto, a ser desenvolvido na ESTG-IPVC, entenderam colocar mais 5 questões de forma a complementar a informação recolhida e a alargar o estudo. As perguntas adicionadas tinham que ver com a mobilidade, as intervenções no Centro Histórico (CH), a poluição sonora e visual, a satisfação com a visita, classificação da mesma e por fim a motivação e contexto da deslocação a Guimarães.

a) Aplicação do Pré-Teste

De acordo com Ghiglione & Matalon (1997, p. 157) ‘quando uma primeira versão do questionário fica redigida, ou seja, quando a formulação de todas as questões e a sua ordem são provisoriamente fixadas, é necessário garantir que o questionário seja de facto aplicável e que responda efetivamente aos problemas colocados pelo investigador’. O pré

teste funciona ou visa a correção de erros detetados ou assinalados pelos inquiridos. Não apresentou nenhuma questão preocupante e foi aplicado a 30 turistas e residentes. Nos questionários recolhidos, alguns apresentavam alíneas em branco, o que alertou para que na aplicação do questionário, o investigador deveria estar atento às dificuldades e poder ajudar no preenchimento.

O inquérito foi traduzido do espanhol para português e inglês. Durante a aplicação de inquéritos a turistas, percebeu-se já numa fase avançada, da possibilidade de tradução para francês, dado que os turistas franceses abordados não se mostravam recetivos a responder por não estar no seu idioma.

b) Processo de aplicação dos questionários a residentes e turistas

Os inquéritos realizados a turistas decorreram entre os meses de julho e outubro de 2019, para coincidir com a época alta. Dado o protocolo de cooperação com o Município de Guimarães, obteve-se autorização para a permanência dentro dos monumentos, dando credibilidade perante os turistas. De forma a testar qual o local onde os turistas estariam mais recetivos à abordagem dos inquéritos foi visitado primeiramente o castelo, mas pela sua estrutura arquitetónica não havia um local onde os turistas pudessem sentar e responder ao inquérito, que demora cerca de 5 minutos a ser respondido. De igual forma, também foi visitado o Museu Alberto Sampaio, que reunia condições técnicas para os turistas poderem responder ao inquérito quer à entrada quer nos claustros, mas não registava um movimento fluído de turistas que pudesse permitir recolher o maior número de inquéritos nos meses de maior afluência. Por tal facto, os inquéritos foram maioritariamente aplicados nos claustros do Paço dos Duques, que mantinha uma fluidez de visitas diárias que permitia recolher na maioria dos dias mais de 50 inquéritos. O inquérito foi impresso, aplicado de forma presencial e estava disponível em Português e Inglês e no total obtiveram-se 384 respostas. A maioria dos inquiridos respondeu autonomamente ao inquérito e sempre que existiam dúvidas foram auxiliados. As pessoas de mais idade por dificuldade por vezes em ler, embora quisessem responder, não o conseguiam, e a esses a aplicação do questionário foi realizada pela investigadora.

No caso dos residentes, além do inquérito em papel, foi criado um inquérito no *google forms* de forma a difundir entre os residentes. Foi solicitada ajuda a escolas, infantários, fábricas têxteis, lojas, entidades públicas como universidades e ao Município de Guimarães. Foi ainda partilhado ao longo de vários meses, em vários grupos do facebook

ligados a Guimarães, o que demonstrou ser uma boa forma de incentivar à participação. Foi ainda pedido aos entrevistados das cinco associações, a partilha entre os associados, amigos e família.

A aplicação direta do inquérito na rua e nas lojas não se mostrou a forma mais eficaz de abordagem, pois não se conseguia uma fluidez tão rápida de inquéritos respondidos tal como tinha acontecido com os turistas. A partir do mês de março, acrescenta-se ainda a impossibilidade de aplicação dos inquéritos na rua, por razões sanitárias da pandemia causada pelo Corona Vírus. O número inicialmente previsto de 350 inquéritos não foi possível atingir pelas razões anteriormente explanadas, que se traduziram no fecho quase generalizado do comércio de rua, com limitação de circulação entre concelhos, dever de confinamento e isolamento social. Assim sendo, o número final de inquéritos conseguidos foi de 291, sendo que destes, 31 foram realizados na rua e os 260 com resposta *online*.

c) Análise de resultados

Finalizados os questionários e as entrevistas, pôde-se avançar para o tratamento de dados. No caso do inquérito aos turistas foi usado o SPSS para tratamento dos dados recolhidos.

Relativamente ao inquérito aos residentes foi usada a ferramenta do *Google forms*, permitindo um acompanhamento constante da evolução das respostas. Após termos obtido um número de respostas que permitisse uma amostragem significativa, num total de 291, pôde ser realizada a análise dos dados, tendo sido exportados para um documento excel de forma a validar a resposta a todas as questões.

Cap. III- Revisão Bibliográfica

3- Revisão bibliográfica

3.1 Paisagem urbana: definição, evolução e planeamento

3.1.1- Paisagem urbana: definição

As primeiras cidades, enquanto coletivos urbanos e humanos, datam de há mais de 4000 anos a.C. e localizavam-se no Oriente. O aumento da densidade populacional e de necessidades de separar diferentes atividades vai, aos poucos, transformando as antigas aldeias em cidades. A agricultura e a criação de gado continuaram a ser atividades feitas fora das cidades, sendo os seus cultivos e animais, não só para consumo próprio, mas também para comércio e troca de bens (Benevolo, 1998).

Seguiram-se outros períodos da História, com grande relevância para a evolução e organização do conceito de cidade. Destacam-se, por exemplo, a Grécia antiga com as cidades-estado (sócio-pólis) e também Roma, cidade do império onde, até ao século III d.C., viveram cerca de 600 mil a 1 milhão de habitantes (Benevolo, 1998).

Na época Medieval, a cidade é sinónimo de grande riqueza espacial e humana, destacando as vivências associadas ao bairro, e que foi posteriormente “relembrada” várias vezes ao longo da História, nomeadamente no Modernismo quando são criadas as “unidades de vizinhança” na cidade funcionalmente fragmentada, tendo vindo a permanecer nas cidades europeias e a servir como exemplo estrutural orgânica na cidade de cultura ocidental (Lamas, 2004).

Com o evoluir dos tempos e da sociedade, chega-se ao séc. XVIII e à Revolução Industrial, que impulsionou várias mudanças: com a transformação decorrente da descoberta do motor mecânico e o surgimento de novos espaços urbanos, como fábricas. Isto implicou que tivessem de surgir novas edificações para acolher os inúmeros operários, oriundos do êxodo rural que buscava na cidade, melhores condições de vida (Benevolo, 1998).

A partir de mecanização, da criação de transportes e das suas redes, toda a malha urbana ganhou maior complexidade e foi precisando de evolução, de reestruturação, de expansão

e de modernidade, dada pelas necessidades da sociedade e alterada pelo passar dos tempos.

A cidade apresenta-se assim, como uma construção que visa a ocupação do espaço (Gonçalves, 2001), contudo a mesma pode ter distintos significados: enquanto cenário físico da vida humana, ou como corpo social. A cidade como espaço físico perdura no tempo e no espaço, enquanto a sociedade que lhe deu origem pode já não existir ou ter sofrido alterações profundas dado o desenvolvimento temporal e espacial (Benevolo, 1998). A cidade é vista como um lugar singular, em que se estabelece uma complexa relação entre o espaço (o espaço como a projeção dos indivíduos e da sociedade em que vivem e se inserem) e o tempo (entendido nas suas paragens, conforme os mecanismos da memória e da História) (Machado, 2000).

A Nova Carta de Atenas, em 2003, designa cidade (*polis, civitas*) como uma construção ou estabelecimento humanizado com um certo grau de coerência e coesão. Aqui, não se teve apenas em conta a cidade convencional e compacta, mas também as cidades região, as redes de cidades e as Eurocidades (Conselho Europeu de Urbanistas, 2003).

Numa abordagem mais filosófica, poderemos abordar o conceito, como a cidade que vive apenas do momento presente e assim sendo é um organismo vivo, mutável numa dicotomia espaço-tempo mas que vive entre o seu passado e o seu futuro (Reckert, 1989). Corrêa & Rosendahl (1998) apresentaram uma definição geral de paisagem que pode ser facilmente aceite também como de paisagem urbana, compreendendo que a paisagem é mais do que se vê instantaneamente, pois se olharmos com acuidade mental, expressa gostos, valores, tradições e os desejos, mesmo que momentâneos dos indivíduos que as habitam e, por isso mesmo, traduzem uma dimensão cultural muito além do óbvio. Já de acordo com Berque (1998, p. 8), ‘a paisagem tanto pode ser uma marca como uma matriz’. Entendida como uma marca, pois é a expressão de uma civilização, um legado físico e cultural, e é uma matriz pois dá origem a toda uma linha de perceções e execuções que conjugam ser humano organizado em sociedade e as interligações do espaço que ocupam e a natureza ao seu redor.

Freire (2018) indica-nos que a noção de paisagem envolve a Natureza e o Homem. E ao olhar esta premissa de forma mais profunda, percebe-se que o Homem adicionou à Natureza a Cultura e desta forma, produziu paisagens.

Apesar de se compreender genericamente o que é uma cidade e a paisagem a ela associada, não existe uma única forma universalmente usada, pois a sua definição também depende de fatores, nomeadamente, espaciais e culturais. E para percebermos o que é a paisagem urbana, necessitamos de um conceito base para podermos evoluir a partir daí. A definição que consideramos nesta investigação define ou apresenta ‘a cidade enquanto um povoamento concentrado cuja população está envolvida em atividades não agrícolas e onde a população ultrapassa um determinado número de habitantes e/ou uma densidade populacional estipulada administrativamente’ (Rodrigues, 2009, p. 27). No mesmo seguimento, o autor ressalva que poderemos encontrar aldeias com dezenas de milhares de habitantes e cidades com apenas algumas centenas. Tendo esta premissa em consideração, o que distingue na sua verdadeira aceção de conceito as aglomerações humanas é a sua dimensão urbana. A área urbana acaba por estar intrinsecamente ligada à área física de uma cidade de grande ou média dimensão. Esta é caracterizada por uma importante percentagem de superfície construída, uma elevada densidade de população, e de emprego e redes significativas de infraestruturas de transportes e outras (por oposição às áreas rurais). As áreas urbanas podem englobar áreas verdes não construídas, geralmente utilizadas para fins recreativos pelos habitantes da cidade (Direção Geral do Território, 2016).

Em Portugal, com a finalidade de seguir as diretrizes e procedimentos europeus, em 1999, deram-se os primeiros passos para a criação de uma Tipologia de Áreas Urbanas para fins estatísticos (TIPAU). Nessa altura, à semelhança do modelo europeu, a classificação dividia-se em três níveis: Predominantemente urbano, Mediamente urbano; Predominantemente rural. O Instituto Nacional de Estatística (INE) continuou a desenvolver este trabalho, e em 2009 surge uma TIPAU em que foi incluída a análise da ocupação do solo, a densidade populacional e a análise dos Planos Diretores Municipais com as classificações de solo urbano e não urbano.

Em 2014, a TIPAU foi revista e foram-lhe incluídos os dados recolhidos nos Censos 2011. Esta versão consiste, à semelhança das anteriores de 1999 e 2009, na classificação das freguesias do território nacional em Áreas predominantemente urbanas (APU), Áreas mediamente urbanas (AMU) e Áreas predominantemente rurais (APR). A principal alteração foi uma reforma administrativa, que consistiu em não classificar a freguesia em que se encontrasse a sede da Câmara Municipal como Área Predominantemente Rural, sendo essa classificada por Predominantemente Urbana, se apresentasse uma população residente acima de 5000 habitantes e Mediamente Urbana em caso contrário (INE, 2014).

O Instituto Nacional de Estatística publica, a cada dois anos, um Relatório Anual do Território que analisa a informação estatística de base territorial, que é disponibilizada pelo Sistema Estatístico Nacional e foca-se em três domínios: Qualificação territorial, Qualidade de Vida e Coesão e Crescimento e competitividade. A edição de 2019 visou uma análise entre os anos 2010 e 2015 e uma das conclusões aponta que, a superfície ocupada pela classe referente aos territórios artificializados aumentou nas cinco regiões do Continente, registando a região do Alentejo a taxa mais elevada (+2,8%) (INE, 2019). Segundo este relatório, um território artificializado é uma ‘superfície de território’. No mesmo documento é apresentada a (...) definição de Solo urbano como aquele ‘ao qual é reconhecida vocação para o processo de urbanização e edificação e no qual se integram os terrenos urbanizados ou cuja urbanização seja programada’ (INE, 2019).

Em termos de critérios para fins estatísticos e de forma a distinguir as categorias urbanas das restantes, estas são classificadas quando cumprem um dos requisitos apresentados: densidade populacional seja superior a 500 habitantes por Km², e serem integradas em lugares com população residente igual ou superior a 5000 habitantes’ (INE, 2014).

O termo cidade já engloba uma multiplicidade complexa de derivações passíveis de serem estudadas e analisadas à lupa. De forma a encaminhar o leitor para o objeto de estudo desta investigação, acrescenta-se ao que é da cidade (o urbano), o conceito de paisagem. Cada cidade é única, pela envolvente cultural e pelas vivências quotidianas. A cidade apresenta-se como um território à mercê de ser decifrada e a sua paisagem não é uma construção idílica, muito menos ideal, mas é da responsabilidade de todos, até dos que apenas estão de passagem, o respeito pelo legado, para outros a responsabilidade é acrescida de deixar uma marca positiva no território para a próxima geração, que viverá a um ritmo diferente, com necessidades comuns, mas também mudadas pelas circunstâncias, que na base, mantém a tão falada identidade cultural. A paisagem urbana apresenta-se como um espaço exterior ao Homem, em que este atua como peão num jogo em que as regras estão em constante evolução.

Paisagem urbana é uma noção que resulta da conjugação dos conceitos de paisagem (que faz parte de um território e é da forma como é absorvida por quem lá vive) (Convenção Europeia da Paisagem) -, e de urbana, que diz respeito à cidade (Campos, 2015, p. 7). Relph (2002) definiu paisagens urbanas modernas como aquelas que foram construídas desde o início do século XX. Acrescenta que existem mudanças drásticas que antecederam o momento presente, quer pelo estilo, escala, vivências e mesmo significados. A estética da paisagem urbana é assente no equilíbrio dos espaços, na

diminuição do impacto visual, na redução do ruído, formando desta forma, um mosaico de paisagens dentro da cidade, onde a harmonia que se procura, nem sempre se concretiza, mas que é o marco da modelagem do planeamento da paisagem urbana, na qual o Homem exerce tamanha pressão e, ao mesmo tempo, também procura ter espaços onde possa recuperar as forças. Cria-se nesta perspetiva, uma ligação simbiótica, onde a paisagem serve o Homem e o Homem a paisagem.

3.1.2- Paisagem urbana: evolução

Pensemos numa cidade e na sua paisagem urbana, associemos a uma tela não em branco, mas na qual é necessário organizar elementos: criar zonas habitacionais, comerciais, industriais, institucionais, de lazer e de turismo e tudo mais que se pode associar à urbe. Está, portanto, criado um ecossistema artificial, em que na base deverá estar o respeito pela vocação da paisagem associada às necessidades do Homem. Quando pensamos em paisagem urbana, invariavelmente teremos uma imagem mental associada à construção e a um dado momento da História, a paisagem tornou-se parte da arquitetura, são conceitos indissociáveis, pois existe a necessidade de enriquecimento quer com materiais de construção naturais, o uso de técnicas quer pela arte da cor ou da azulejaria. Acrescenta-se ainda a relação com o espaço natural envolvente, que acrescenta valor ao conjunto arquitetónico pois estabelece-se uma relação simbiótica com o exterior (Cullen, 2018).

Contudo, a paisagem urbana não é uma construção idílica, muito menos ideal, mas é da responsabilidade de todos os intervenientes, o respeito pelo legado, a tentativa de deixar uma marca positiva para a próxima geração, que irá certamente viver num ritmo e tom diferente, com necessidades mudadas, mas que na base, mantém a tão falada, identidade. Uma outra parte fundamental da valorização da paisagem por parte da sociedade e das diferentes profissões, que acabam por trabalhar em função da paisagem, deve-se à divulgação e até uma generalização global de acesso e partilha de fotografias, o próprio cinema e a televisão (Naranjo, 2014).

A paisagem urbana deverá ser vista como uma realidade complexa em que o Homem procura criar recursos culturais e patrimoniais, contribuindo para a renovação da própria imagem e atratividade das cidades. Existe um esforço por parte dos autarcas, na aposta pelo *design* urbano quer nas arquiteturas quer no ambiente que além de resultar em

melhores equipamentos, acabam muitas vezes por conseguir promover a cidade (Gonçalves, 2001).

O ordenamento do território, inerente a determinados momentos da História, suscita a necessidade de consensos e de diretrizes. A Convenção Europeia da Paisagem (CEP) é um instrumento de conceitos e de cariz orientador que procura a clarificação dos conceitos relativos à paisagem europeia e cria condições para facilitar a cooperação entre os países signatários, cabendo a cada Estado Membro que ratifica a CEP, assumir a responsabilidade de adequar os seus objetivos e pressupostos ao contexto nacional e de proceder à sua implementação, à escala nacional, regional e local' (Direção Geral do Território, 2000)¹. Este documento representa o primeiro tratado europeu referente à paisagem e foi assinada em Florença no ano 2000, Portugal ratificou o tratado em fevereiro de 2005.

A CEP é aplicável a todo o território, com a inclusão das áreas naturais, rurais, urbanas e periurbanas, abrangendo as áreas terrestres, as águas interiores e as águas marítimas, tanto a paisagens que possam ser consideradas excecionais como a paisagens da vida quotidiana e paisagens degradadas (Direção Geral do Território, 2000)². As principais linhas orientadoras do documento são: a identificação e caracterização das paisagens e as transformações nela decorrida que daí surgem e as linhas orientadoras para a gestão da paisagem. Ao mesmo tempo, almejam a participação pública e definir objetivos para alcançar a qualidade paisagística. Em Portugal Continental, esse trabalho de identificação e caracterização foi realizado em 2004, e no ano seguinte, no arquipélago dos Açores. Os objetivos principais deste trabalho foram: a proteção do carácter, das qualidades e valores da paisagem; integrar a paisagem nas decisões políticas mais relevantes e promover a sensibilização para as temáticas relacionadas com a paisagem (Direção Geral do Território, 2007)³.

Após estas diretrizes europeias, foi, paulatinamente, introduzida na agenda política do dia, a temática da paisagem, nomeadamente através das CCDR – Comissões de Coordenação e Desenvolvimento Regional. Contudo, já existiam preocupações anteriores relativamente a esta temática, podendo referir-se que entre 1986 e 1990 foi realizado um Relatório de Intrusão Visual em Portugal por parte do então denominado Ministério do

¹ <http://premiopaisagem.dgterritorio.gov.pt/convencao-europeia> acessido a 28 de novembro de 2019

² <http://premiopaisagem.dgterritorio.gov.pt/convencao-europeia> acessido a 28 de novembro de 2019

³ <https://www.dgterritorio.gov.pt/paisagem> acessido a 28 de novembro de 2019

Plano e da Administração do Território (MPAT) – sendo apresentada uma linha orientadora relativamente à Paisagem, Ordenamento, Publicidade, Propaganda, Património, Urbanismo e que daí saíram diplomas relevantes (Cangueiro, 2018).

Em 1988 foi criada a Associação Portuguesa dos Municípios com Centro Histórico, com a missão de defender, valorizar, revitalizar e animar os núcleos urbanos históricos (Associação Portuguesa dos Municípios com Centro Histórico, 2021).

(...) Nos dos anos 90 foi apresentado o ‘Estudo Transfronteiriço do Vale do Douro’ pela Fundação Rei Afonso Henriques, salientando as áreas de interesse para conservação e classificação do Vale do Douro. Daqui veio a resultar, em 2000-2001, a Candidatura e Classificação do Alto Douro Vinhateiro como Património Mundial (Paisagem Cultural Evolutiva e Viva) (Cangueiro, 2018).

O Conselho Europeu de Urbanistas (2003) defendeu uma visão futura na estratégia do desenvolvimento urbano que incluísse o conceito de cidade coerente. Esta acaba por integrar um conjunto variado de mecanismos de coerência e de interligação que atuam a diferentes escalas: coerência visual e material das construções. Assim, como das diferentes e diversificadas funções urbanas, também a coerência ao longo do tempo, relativa às transformações de cada época; a coerência social, que se foca essencialmente na riqueza multicultural e na identidade cultural; a coerência económica e a coerência espacial.

Destacam-se nesta investigação a riqueza cultural, patrimonial e a identidade social, pois entendem-se como pontos fundamentais na gestão e planeamento urbano de qualquer cidade e ainda mais, em cidades como Guimarães, classificadas como Património Mundial da Humanidade. A riqueza multicultural, pelo aumento do peso do turismo na cidade, conduz a impactos económicos, mas também sociais, nomeadamente na abertura à multiculturalidade e à tolerância à diferença, muitas vezes até como benefícios a longo prazo para a própria comunidade. Por outro lado, a abertura da cidade ao turismo também abre a comunidade para outras formas de manifestação artística que podem ser fomentadas pelos decisores culturais da cidade. A identidade pessoal e coletiva dos cidadãos reflete-se nas vivências das ruas, dos bairros e são o reflexo da identidade da sua cidade. Nora (1985) escreveu sobre os lugares de memória e referiu que são estes que permitem estabelecer a ligação entre a memória e a história pois aí encarnam simultaneamente, um sentido material, simbólico e funcional.

A paisagem urbana de Guimarães e os seus inúmeros atrativos, nomeadamente no centro histórico, serão motivações de viagem para visitantes e turistas. Contudo é a identidade social de um local que permitiu a manutenção desses mesmos atrativos. São as pessoas que mantêm os locais, com contínuos acrescentos de mudança, quer arquitetónicos quer sociais. Poder-se-á então indagar se é a diversidade de realidades que motiva verdadeiramente a viagem, ou a diversidade cultural, social ou arquitetónica (a diversidade do património material e imaterial)?

Em 2005, a Convenção Europeia da Paisagem definiu paisagem como ‘parte do território, tal como é apreendida pelas populações, cujo carácter resulta da ação e da interação de fatores naturais e ou humanos’ e que ‘deve ser protegida através de ações de conservação ou manutenção dos traços significativos ou característicos de uma paisagem, justificadas pelo seu valor patrimonial resultante da sua configuração natural e ou da intervenção humana’ (DGT - Direção Geral do Território, 2016). Esta definição aplica-se ao conceito geral do termo paisagem e, igualmente, em sentido mais específico, à paisagem urbana.

A paisagem, valorizada enquanto recurso, aumenta-lhe o potencial do que é usufruído pelos residentes, pelos visitantes e pelos turistas. A paisagem é um valor, um elemento mutável ao longo do tempo e por isso mesmo é visto atualmente como uma vantagem quando se associa às áreas do turismo e lazer, pois poderá alavancar o desenvolvimento de zonas periféricas, com menor densidade populacional e com maiores dificuldades económicas. Por outro lado, Fernandez Latorre (2010) alerta-nos para a monitorização e avaliação de impacto ambiental, pois acaba por se tornar um instrumento poderoso e fundamental para evitar impactos ambientais na paisagem das atividades económicas, incluindo o próprio turismo. Para se poder avaliar a qualidade ambiental, Acevedo & Yera (2000) indicam que deverão ter-se em conta, por exemplo, fatores como a saúde ambiental, a estética ambiental, o tratamento de resíduos e os valores resultantes da relação Homem-Natureza.

Paisagem urbana, é pois o resultado da arte de tornar visualmente organizado e limpo, aquilo que à primeira vista é uma teia complexa de edifícios, ruas e tudo o resto que completa a malha urbana (Cullen, 2010). Esta perceção de paisagem urbana dá, a este autor, a clareza de que, se lhe fosse pedido para definir o conceito de paisagem urbana, diria que ‘um edifício é arquitetura, mas dois seriam já paisagem urbana, porque a relação entre dois edifícios próximos é suficiente para libertar a arte da paisagem urbana. (...)

Multiplique-se isto à escala de uma cidade e obtém-se a arte do ambiente urbano, as possibilidades de relacionamento aumentam, juntamente com as hipóteses a explorar e os partidos a tomar' (Cullen, 2010) *cit in* (Campos, 2015).

Da paisagem urbana fazem parte elementos, vários tangíveis e intangíveis, materiais e imateriais: edifícios habitacionais, de serviços e de comércio, monumentos, ruas, ruelas, estradas, praças, largos, estatuária, gradeamentos, fontes e chafarizes, jardins, parques com zonas verdes, parques infantis, parques para cães, mobiliário urbano público como bancos, papeleiras e vasos, e se pensarmos a outro nível farão parte ainda a rede pública de abastecimento de água, rede de esgotos, iluminação pública e particular, painéis publicitários de uso comercial ou governamental. Acrescente-se as esplanadas de cafés, esplanadas de outros estabelecimentos comerciais. A rede de transportes públicos e em muitas cidades acrescenta-se a rede ferroviária, de metro, aeroporto e porto de mar, mar, rios, riachos, lagos. As escolas, os lares de idosos. Em termos de oferta, poder-se-ão enumerar as principais atrações: teatros, cinemas, centros comerciais, estádios de futebol, centros culturais, hipódromos, etc. Ocasionalmente, existem ainda as iluminações de Natal ou das festividades associadas a alguma religiosidade ou tradição do local. Juntam-se a estes elementos, as pessoas, as suas vivências e necessidades diárias que criam assim a dinâmica cidadina.

Paisagem urbana é composta como vimos, de uma múltipla rede de necessidades, podendo ser vista também como um sistema de perspetivas ou de caminhos. Toda essa rede constitui o próprio percurso para se atingir a maturidade da paisagem, e que é passível de se observar na cidade de Guimarães, numa cumplicidade de estilos, em que existe contraste, mas não contradição do passado, pois todas as culturas têm momentos únicos, edifícios sublimemente integrados na paisagem, sendo o seu centro histórico a combinação perfeita entre a construção e a restante natureza humanizada.

3.1.3 Paisagem Urbana: planeamento

O Plano Nacional da Política de Ordenamento do Território de 2007 (PNPOT) da competência da Direção Geral do Território (DGT) refere paisagem como caracterizadora do território e do seu ordenamento, numa síntese multidimensional entre o indivíduo e o território, acrescentando ainda o valor da identidade e, por isso, é fundamental para a sustentabilidade do povoamento (Direção Geral do Território, 2007). Acrescente-se que

a paisagem deve ser entendida enquanto valor cultural e social e que constitui uma realidade dinâmica e, deste modo, não é passível de particularização, nem de processos estáticos pois os usos alteram-se, assim como as interligações dos habitantes e dos visitantes com os territórios. É, portanto, fulcral, saber encaixar subtilmente as mudanças, mantendo ou reforçando os valores de identidade, de memória e de uso dos espaços.

Na alteração do PNPOT em 2018, elaborou-se um melhorado programa de ação para o horizonte 2030 no contexto de uma estratégia de organização e desenvolvimento territorial de mais longo prazo. Nesta revisão são definidas duas importantes áreas para o planeamento da paisagem urbana:

A rede de sistemas urbanos é assumidamente um dos elementos mais estruturantes na organização do território, pois implica a criação de dinâmicas de urbanização, a identificação de centros urbanos mais funcionais, deslocalização e construção de comunidades interurbanas. Ao mesmo tempo, procura-se melhorar a qualidade de vida, procurando identificar as condicionantes que devem ser contrariadas. É fulcral a gestão do uso e a ocupação do solo, pois estas indicam as vivências das comunidades humanas no desenvolvimento das suas atividades ao longo do tempo, em função de contextos socioeconómicos, institucionais e culturais bastante diversos (DGT - Direção Geral do Território, 2018)⁴;

Os espaços urbanos deverão ser polos de desenvolvimento e ao mesmo tempo corresponder às necessidades da sociedade portuguesa, pois só assim poderá garantir uma melhor qualidade de vida e de bem-estar às pessoas e às comunidades, tendo em conta as principais desigualdades sociais entre outras variantes (DGT - Direção Geral do Território, 2018)⁵.

Além da Nova Carta de Atenas já referida, existem outros documentos a ter em conta quando nos debruçamos sobre planeamento do urbanismo e paisagem: a Adenda de Istambul para a Nova Carta de Atenas, em 2012, e as principais recomendações vão ao encontro a mudanças estruturais e de paradigma, que se refletem no crescimento e desenvolvimento da economia urbana (algo que surge após a crise económica de 2008); alargamento da influência das economias de aglomeração; as novas cadeias económicas que privilegiam os circuitos mais curtos e o tema do momento o impacto das alterações

⁴ <http://pnpot.dgterritorio.gov.pt> – DGT – consultado a 13 de dezembro de 2019

⁵ <http://pnpot.dgterritorio.gov.pt> – DGT – consultado a 13 de dezembro de 2019

económicas, assunto já abordado em 2003 mas que neste documento é vincada a necessidade de um real compromisso (Conselho Europeu de Urbanistas, 2012).

Da combinação da Nova Carta de Atenas de 2003 e da Adenda de Istambul em 2012, surge em 2013, a aprovação da Carta Europeia do Urbanismo (*Charter of European Planning*) resultante da Assembleia Geral do Conselho Europeu dos Urbanistas reunidos em Barcelona. A Carta Europeia do Urbanismo segue a mesma linha da Carta de Atenas, uma vez que mantém o raciocínio que o futuro das cidades assenta num modelo de desenvolvimento do território, tendo como base a rede de cidades antigas, mas também as modernas, aprofundando a possibilidade de conexão.

A 30 de maio de 2016, os ministros responsáveis pelo desenvolvimento urbano de cada Estado Membro reuniram-se, em Amesterdão, para debater e adotar a Agenda Urbana da União Europeia designada de Pacto de Amesterdão. Esta Agenda Urbana resultou de um trabalho conjunto de mobilização que se iniciou em 2015 com a Declaração de Riga, cujo cerne é o contributo das áreas urbanas em questões como o crescimento económico, a inclusão social e um dos desafios atuais, a crise dos refugiados (Agenda Urbana para a União Europeia, 2016). Teve como principal foco, proporcionar um maior envolvimento das cidades europeias e trabalhar para o reconhecimento da dimensão urbana no processo legislativo da UE, no acesso ao financiamento europeu e numa rede de partilha de conhecimento (Conselho da União Europeia (UE), 2016). Este documento para 2020, define-se como um quadro político para a coesão territorial na UE e para a importância da dimensão territorial dos desafios da política, estabelecendo prioridades de desenvolvimento policêntrico e integrado do espaço europeu. A Agenda Territorial da União Europeia foi acordada pelos Ministros responsáveis pelo Desenvolvimento Territorial aquando da Presidência Alemã do Conselho da União Europeia, em 25 de maio de 2007 e que foi revista aquando da Presidência Húngara, em 19 de maio de 2011. Nele, foram delineados um conjunto de respostas aos desafios advindos das mudanças estruturais, por exemplo resultantes da crise económica, mas também da maior propensão para as dependências inter-regionais, das transformações demográficas e sociais, os impactos das alterações climáticas, e ainda temáticas como energia, ambiente, biodiversidade e património natural e cultural (Conselho da União Europeia (UE), 2011)⁶

⁶ <http://www.forumdascidades.pt> – consultado a 14 de dezembro de 2019

Os documentos atrás referidos são os principais e são comuns aos estados membros da EU e cada um dos estados criou legislação nesse sentido. A estes acrescentam-se documentos com diretrizes para cidades históricas e ainda, como é o caso da cidade de Guimarães, as recomendações da Unesco para sítios classificados como Património Mundial. É o caso dos Princípios de La Valletta para a Salvaguarda e Gestão de Cidades e Conjuntos Urbanos Históricos, adotados pela 17.^a Assembleia Geral do ICOMOS de Paris em 2011, em que salientamos dois artigos: um deles refere que a perda total ou a substituição das funções tradicionais de um espaço poderá levar a impactos negativos na vida da comunidade local assim como nas áreas urbanas históricas. O segundo artigo realça a natureza dessas mesmas alterações, que poderão levar à mudança das pessoas, levando com elas, as suas práticas culturais, acabando pela identidade e o caráter não poderem ser substituídos por qualquer outra introdução subsequente, como é o caso de áreas quase exclusivamente direcionadas para o lazer e turismo, não se ajustando por isso ao dia a dia dos residentes (ICOMOS, 2011). Referimos por último que, planejar a conservação de cidades e conjuntos urbanos históricos, deve incluir um estudo prévio e multidisciplinar, pois a participação e a responsabilização dos intervenientes, agentes públicos e privados (com colaboração de diferentes especialistas de diferentes áreas de conhecimento, e que daí resultem propostas concretas dos decisores políticos, agentes económicos e sociais), incluindo os habitantes (ICOMOS, 2011), que no caso concreto de um centro histórico, são simultaneamente encenadores e atores de uma paisagem que é cenário do seu quotidiano. O planeamento urbano de Guimarães que motivou posteriormente uma candidatura a Património Mundial, teve vários contributos e fases, e todos tem o seu papel na História da cidade. Temos como exemplo mais recente, o planeamento que ocorreu a partir de 1980, e teve como premissa, um gabinete pluridisciplinar com a colaboração estreita do Arquiteto Fernando Távora. Dando continuidade à aposta na melhoria da mobilidade e das acessibilidades, durante o ano de 2020 estavam previstas obras que visam melhorar o plano viário quer nas principais vias de acesso à cidade e a melhoria de condições de algumas ruas principais em redor do centro histórico.

Como é possível observar, existem muitos instrumentos de planeamento de uma cidade, uns mais diretivos, outros mais vinculativos, pois planejar uma paisagem urbana, exige pensar em todas as valências próprias e exigidas por cada época, assim como ir ao encontro das necessidades de cada cultura. Nessa linha de pensamento, também é necessário pensar que, para um espaço urbano poder receber turistas, também deve ter

premissas que incluam aqueles que estarão na cidade de passagem. Como nos indica Carvalho (2009, p. 1) ‘(...) o planeamento do turismo é uma ferramenta estruturante da política de desenvolvimento sustentável (...) planejar o turismo é uma condição necessária para a organização, a viabilidade e a sustentabilidade da própria atividade, e a sua evolução em harmonia com os pilares do desenvolvimento sustentável designadamente as vertentes económica, social, cultural e ambiental’. A estas acrescentamos, por força do momento que vivemos, a vertente sanitária, como demonstram as medidas tomadas durante os anos de 2020 e 2021, devido à Covid-19, uma doença provocada pelo Coronavírus e que se propagou por todo o mundo, obrigando ao fecho de fronteiras, a imposições de quarentena a pessoas oriundas de certos países, a limitação de lotação de praias, a novas regras de funcionamento de hotéis, restaurantes, companhias aéreas e toda a cadeia que faz funcionar o turismo. Uma situação nova que exigiu uma flexibilização de planeamentos já elaborados e de reorganização de prioridades para o setor.

Desenhar e planear a paisagem de uma cidade é, e usando uma analogia, como construir um puzzle, em que apenas uma peça fará sentido naquele local, e em que o turismo também pode estar implícito. Contudo a paisagem é mutável numa combinação de tempo e espaço, de agentes físicos e culturais, e de relações que se vão formando e fundindo em novas perceções da própria evolução humana (Bertrand & Bertrand, 2002). Este mosaico de paisagem ou paisagens conforme a dimensão da cidade, em que a harmonia se procura e nem sempre se concretiza, mas que é o marco da filosofia de modelação da paisagem, aquela em que o Homem exerce tamanha pressão, mas que ao mesmo tempo, necessita de criar espaços, para que aí possa novamente recuperar forças.

É ainda indissociável a ligação entre cidade, a sua paisagem e o turismo. E ao introduzir o fator turismo há que ter em conta que é a paisagem que primeiramente atrai a atenção e potencia a descoberta de novos destinos pois muitas das experiências são motivadas pela paisagem e depois são adquiridas (Marujo & Santos, 2012). O planeamento da Cidade e o planeamento do Turismo são condições essenciais para a competitividade da cidade como recurso turístico. Planear é antecipar, planear é antever tendências e potenciar soluções a cada uma das vertentes e necessidades que compõe cada cidade. Se a paisagem influencia a viagem e igualmente se torna parte da experiência turística, quantas pessoas serão influenciadas por uma simples partilha de uma foto numa rede social. Há algo na paisagem que por vezes é captado pelo momentâneo da fotografia, que transmite alguma sensação de curiosidade e que direta ou indiretamente vai orientar a escolha desse destino

(Ferronato, 2010). Contudo, e nas cidades históricas com uma preocupação acrescida, a paisagem urbana não foi contruída para ser contemplada de fora pelos turistas e visitantes, foi criada para ser vivida dentro dos edifícios, sentida nas praças e parques, em que se pões em contato a memória e ao mesmo tempo a perpetuação pelo presente e pelo futuro. A cidade e o turismo deverão ter uma interação numa perspetiva simbiótica ou de mutualismo: onde a paisagem serve o Homem e o Homem a paisagem.

Apesar da importância da comunidade no seu todo, os planeadores urbanísticos tendem a dar mais ênfase às necessidades dos residentes, descurando por vezes um planeamento que contemple, de uma forma integrada, as necessidades dos residentes e visitantes (C. Costa, 2006) e (Gunn, 2002). Quem desenha a paisagem (a paisagem transcende o espaço, sem a ousadia de criar a natureza no seu estado mais puro, mas transpondo por exemplo para uma cidade, um pouco desse ambiente com o objetivo de criar espaços de escape), tem uma cultura mais aberta, compreende o valor do diálogo da multiculturalidade e da multidisciplinariedade, mais atenta a temas diversificados que possam influenciar esse planear.

O desenvolvimento de uma cidade, feito de uma forma estruturada e sustentada, faz-se com base na Natureza, em todos os seus elementos de flora e fauna, do qual o Homem também faz parte. Outro aspeto relevante, é a de que sabemos identificar quem foi o arquiteto que projetou determinado monumento ou participou na sua reabilitação, mas relativamente ao resto da paisagem urbana, como parques, jardins, espaços verdes, já não é tão comum (salvo exceções de grandes arquitetos como por exemplo Gonçalo Ribeiro Teles). No documentário ‘Tudo é Paisagem’ de Natário (2020), o autor apresenta-nos um conjunto de perceções de várias figuras nacionais e é explicado o papel dos arquitetos paisagistas, aqueles que são igualmente essenciais no desenvolvimento citadino, aqueles que trabalham de forma a tirar partido da Natureza e não contra ela, que tiram proveito dos declives, que fazem uso dos vales, que compreendem os cursos de água, que prevêm a acumulação da água no solo, que escolhem as espécies arbóreas e arbustivas que melhor definem a cultura daquele território, não só pela questão estética, mas conjugado com diversos saberes. É a arte de delinear espaços, corredores, de os esboçar para cumprirem a sua principal função, de interpretação profunda do terreno, do território, do espaço e a forma de o fruir. Desta forma, os planeadores de uma paisagem urbana, não usam uma tela em branco, usam elementos que necessitam de organização e novas roupagens, num processo que podemos dizer que nunca termina, mas em que se desenharam o que se pode

chamar de maturidade da paisagem, que na minha perspectiva, se traduz, em fazer manutenção ao legado, adaptando à modernidade e honrando a sua grandeza.

A diversidade visual de uma cidade poderá ser, por si só, um fator de atratividade, quer de residentes, quer de turistas. Cidades há, que pela sua dimensão mais reduzida poderiam viver à sombra da área de influência de cidades maiores, contudo, algumas destacam-se pela sua paisagem urbana, adicionando fatores de captação de interesse como eventos culturais e desportivos, mantendo uma ampla oferta durante todo o ano. Neste contexto, poder-se-á considerar a cidade de Guimarães como um desses exemplos, que pela coerência espacial de traços medievais dá importância ao espírito do lugar, que foi sendo preservado e melhorado desde pelo menos a década de 80 do século XX.

Prats (2005) entende que a identidade é uma construção social e que funciona de forma dinâmica, embora apresente uma razoável fixação e duração no tempo. A afirmação de que o Turismo Urbano vive fundamentado no Património Cultural, torna ainda mais complexa, a realidade de uma cidade pois existem recursos usados quase exclusivamente por residentes (creches, escolas, serviços administrativos, etc.), recursos quase exclusivamente usados por visitantes e turistas (autocarros panorâmicos, souvenirs, etc.), mas a maioria dos recursos são mistos: ruas históricas, restaurantes, hotéis, etc.) e é nesta partilha das rotinas diárias que poderão estar os principais conflitos, que é na maioria dos casos mais sentida por parte dos residentes face aos turistas. Todas estas necessidades estão previstas e disponíveis em cidades de pequena, média ou grande dimensão com maior ou menor presença conforme a procura. A paisagem é pois uma amálgama de contactos entre o turista e o local visitado, o que constitui, a atratividade principal de um local (Cruz, 2002).

Salvaguardar o território, é respeitar a vocação da paisagem, numa afirmação do espaço público, mas ao mesmo tempo, analisando-o com atenção. A paisagem urbana, além da diversidade de contactos põe à prova a salvaguarda da memória, ativada ao mesmo tempo pela perpetuação no presente e no futuro. A reabilitação de edificado para fins turísticos é uma questão colocada em muitas cidades em que os edifícios perdem a função principal de fornecer habitação a residentes e passam a fornecer alojamento temporário a turistas. Este é um dos ‘novos’ conflitos no planeamento das cidades e das funções associadas a cada parte da cidade. Decompor as partes estruturantes da paisagem urbana, é ter em conta que, quando se pensa em reabilitar, mudar, intervir, deverá ter-se em conta que o processo

de reabilitação se deve constituir como forma de intervir no património edificado, sem que o descaracterizem. Muito simplesmente torná-lo vivo, fazê-lo renascer. Reabilitar é ainda significado de respeitar os edifícios, em tudo o que é estrutural e lhe confere originalidade, mas ao mesmo tempo, dar as condições que no presente são possíveis, no que concerne ao conforto térmico e acústico (Antunes, 2015). Todos estes conceitos técnicos, com raiz na Carta de Veneza, estão indubitavelmente ligados ao planeamento e preservação do património, mas que foram entrando no dia-a-dia de quem trabalha nas diversas áreas ligadas ao património das cidades, cujas intervenções advêm de estudos prévios, onde são mapeadas as áreas da cidade que estão mais vulneráveis, que tipo de manutenção necessitam e qual a vocação daquela paisagem, quer seja para fins comerciais, habitacionais, espaços verdes e de lazer e serviços onde incluimos o Turismo.

Uma das premissas que penso ainda se manter, é a de associar paisagem a uma ligação imediata com a natureza, não sendo tão espontânea a associação de paisagem a urbe ou cidade, parecendo então que são incompatíveis. Costa Monteiro (2016) alerta-nos nesse sentido, contudo, com a evolução da sociedade urbana e a inevitável nova ocupação do espaço, pelas necessidades do Homem, a definição de paisagem vai tornando-se mais abrangente, até para o nosso próprio entendimento e na cidade, os espaços verdes que tanto associamos a paisagem, ocupam o espaço, com maior importância, a partir do momento em que a própria arquitetura se desdobra numa nova corrente, a arquitetura paisagista, no fundo para criar nas cidades a harmonia entre o edificado e o Homem, através do equilíbrio do ecossistema urbano.

Como é óbvio, o olhar do Turismo sobre a Paisagem Urbana, é uma abordagem própria de contemplar um lugar e daí criar uma ideia nova, um roteiro diferenciado, até mesmo a exploração de um novo produto turístico e a partir daí surge a divulgação e promoção que crie nos outros, a vontade de ter o mesmo olhar. Tudo o que constitui a paisagem urbana existe num delicado equilíbrio, em que nada cessa totalmente, apenas se mudam os ciclos: ora se apressam, ora se amainam, ora florescem, ora retemperam forças. A vida numa cidade com um centro histórico atrativo, é um fluir de vida, mesmo a paisagem embora quase musealizada também se renova, com novos intervenientes, ao ritmo de sempre, num eterno renovar diário. Poder-se-á dizer que não será o Homem a observar os monumentos ou os atrativos turísticos, mas sim esses mesmos elementos a assistirem à mudança dos tempos, e um novo Homem a captar de forma sempre nova, o que ali quase sempre existiu.

Os centros históricos são o que para Cullen (2010, p. 28) se designam de ponto focal pois é o ‘símbolo vertical da convergência. (...). É este o local que procuravam. Pare. É aqui’. É esta a sensação que temos ao contemplar ou a fruir da homogeneidade da paisagem urbana no Centro Histórico de Guimarães, que sabiamente preservou a traça medieval, e que culminou com a classificação como Património Cultural da Humanidade em 2001, após um processo de reabilitação e de aproximação dos residentes com o seu legado, com a sua herança. Passaram a integrar o centro histórico nas suas rotinas em vez de caminharem de costas voltadas.

3.1.3.1 Indicadores de paisagem

A paisagem das cidades é diversificada e singular, no sentido em que, cada uma se organiza mediante fatores específicos como a morfologia do relevo, a cultura local, as políticas de urbanismo, as necessidades das populações, entre outros, sendo portanto, agrupados em categorias: espaciais, sociais, económicas, ambientais, políticas, de segurança, etc. Muitos destes aspetos, refletem-se na forma como a sociedade se apropria e se organiza no espaço urbano, associado a um contexto temporal. Abbud (2010) afirma que os espaços são resultado de volumes, mas também de vazios. Esta reflexão leva-nos a uma perceção mais real do que é realmente o espaço urbano e que no global, forma a paisagem urbana.

Os residentes também são agentes de urbanização e não apenas consumidores de espaços que são pensados, geridos e regulados por outras pessoas ou entidades. Os residentes constroem as suas habitações (atualmente, acontece principalmente nas zonas periféricas das cidades) e usam o seu gosto e os recursos disponíveis para as fazer (Caldeira, 2016).

Os turistas acabam por indiretamente, serem (co) criadores da paisagem urbana, dado que o local de destino terá de ter criado estruturas como alojamento, animação turística, eventos, entre outros serviços, que respondam às suas necessidades durante a estada.

A cidade é assim um produto complexo, e é interpretada por meios distintos relativamente à sua estrutura e existência.

Como já foi referido, a Convenção Europeia da Paisagem, definiu paisagem e como pontos-chave temos:

- Paisagem é uma parte do território;
- A perceção das populações;

- Interação de fatores naturais e humanos.

A questão da percepção das populações será alvo de análise através de inquérito por questionário e entrevistas. Através da análise ao questionário, determinamos os critérios de paisagem urbana, nos elementos que a valorizam ou desvalorizam, mediante a percepção de cada indivíduo. Os indicadores de paisagem que apuramos dessa análise são os seguintes: a sinalização direcional, o mobiliário de estabelecimentos de restauração, a publicidade exterior, o mobiliário urbano, a qualidade do desenho e dos materiais, a arborização, as zonas verdes, os parques com elementos naturais, as zonas pedonais, a limpeza das ruas, a afluência turística, a mobilidade, os transportes públicos, o estacionamento, a poluição visual, o ruído do trânsito, a conservação e o nível de satisfação com a paisagem urbana,

Estes indicadores que constituem a base das perguntas do questionário aplicado a residentes e turistas, permitirá avaliar as percepções e eventuais conflitos acerca da paisagem urbana da cidade Património Mundial de Guimarães.

A cidade é assim, um lugar que reúne cada vez mais diversidade e em que se deseja que o turismo faça parte do fluxo económico e social. Esta premissa exige que, no planeamento urbanístico (desenvolvimento sustentável) tenham em conta necessidades diárias (residentes) e sazonais (com maior afluxo de turistas), pois este equilíbrio interfere positivamente na qualidade do espaço urbano.

3.2 Turismo Urbano: definição, tratamento normativo e conflitos

3.2.1 Turismo Urbano: definição

A paisagem urbana como mote e atrativo de visita. A cidade como ponto de intercâmbio cultural. O Turismo Urbano, como olhar diferenciado de fruição de um espaço humanizado. As motivações são variadas e expressam necessidades individuais de evasão.

Segundo a OMT (2018) o turismo urbano é um tipo de atividade turística que acontece num espaço urbano, com os atributos que lhe estão associados, nomeadamente a economia ser de base não agrícola, assim como a existência de administração pública, de indústria, serviços e comércio, e ainda por ter uma multiplicidade de transportes. A mesma entidade reforça que em 2015, 54% da população mundial vivia em áreas urbanas e é esperado que até 2030, chegue até aos 60%.

Para Cunha & Abrantes (2013, p.10) o turismo é ‘o conjunto de atividades desenvolvidas pelos visitantes em razão das suas deslocações, atrações e os meios que as originam, as facilidades criadas para satisfazer as suas necessidades e os fenómenos resultantes de umas e de outras’. Na cidade, as atrações poderão ser monumentos, conjuntos históricos, lendas, figuras importantes, eventos, jardins, parques, gastronomia, produtos endógenos, etc. Poderíamos enumerar o que pensássemos ser a totalidade de recursos e ainda assim, poderia surgir a cada turista, uma motivação completamente nova.

O turismo é uma atividade económica que faz um aproveitamento, mais ou menos invasivo dos recursos existentes. A este aproveitamento de base local sobrepõe-se o estatuto global da atividade turística. Daí surgem os conflitos que conduzem à perda de pequenos negócios que funcionam como marcas identitárias dos lugares, surgindo em seu lugar, marcas globais que podem ser encontradas em qualquer cidade do mundo (Pereira, 2017). O turismo é um fenómeno global, baseado num conjunto de recursos naturais, culturais, económicos, sociais e humanos, carece de uma articulação direta com o planeamento de uma atividade sustentável.

Em Portugal, o Turismo foi responsável por 19,1% da riqueza produzida em 2018 e de acordo com dados divulgados pelo Conselho Mundial das Viagens e Turismo (WTTC - *World Travel & Tourism Council*), que aponta Portugal como o 5º país onde é mais forte a contribuição do turismo para o PIB. Em valores absolutos da contribuição do turismo para o PIB, Portugal surge em 29º entre os 40 países especificados na informação do WTTC, com 45 mil milhões de dólares, à frente da Grécia, com 44 mil milhões (Turismo de Portugal, 2019)⁷. Revendo os números finais de 2019 que se revelou francamente positivo por exemplo na contribuição do emprego no turismo, com um peso de 6,9% na economia nacional (336,8 mil empregos em 2019 e com um decréscimo de 7,1 mil empregos em relação ao ano de 2018 - dados alojamento, restauração e agências de viagem)⁸.

De acordo com o estudo⁹ do IPDT (Instituto de Planeamento e Desenvolvimento do Turismo) em parceria com a Entidade Regional do Turismo Porto e Norte e o Aeroporto Sá Carneiro, o perfil dos Turistas do Porto e Norte e com dados relativos a 2017, indica-

⁷ <http://business.turismodeportugal.pt> – consultado a 23 de dezembro de 2019

⁸ business.turismodeportugal.pt – consultado a 15 de agosto de 2020

⁹ <https://travelbi.turismodeportugal.pt> – consultado a 26 de dezembro de 2019

nos que os principais motivos de visita são em lazer/férias com 49%. Dessa percentagem podemos segmentar que 28% fazem uma escapadinha, seguidos de 23 % que procuram a praia, 11% visitam a região de carro, 10% para desfrutar da natureza, 9% pela gastronomia e vinhos, 3% para eventos culturais e ainda concertos/ festival, 2% para um evento desportivo, 1% para compras e ainda um valor residual para saúde e bem-estar e 9% desloca-se por outros motivos.

Desde a crise económica de finais de 2008 com um lento retomar após 2013 e nos anos seguintes até 2019, o Turismo foi firmando-se como um dos pilares da economia portuguesa, tendo dando um forte impulso para minimizar os efeitos económicos: à medida que ia havendo maior procura, era necessário a contratação de mais pessoas e também surgiram novos investimentos que contribuíram para a economia local e para a economia nacional. O ano de 2020 seria um novo ano positivo para o turismo em Portugal, até que a crise sanitária provocada pelo Covid-19 ainda no primeiro trimestre do ano, veio alterar todas as perspetivas nacionais e mundiais. Uma doença que se espalhou durante algum tempo silenciosamente, mas que atingiu o Mundo de forma inesperada e totalmente despreparada para uma guerra contra um vírus. Em Portugal perdeu-se uma época alta importante, que é a Semana Santa, assim como, feriados e as várias romarias e eventos que são já firmados como potenciadores de visitantes e turistas. Neste momento, em que se pensa ter ultrapassado o pico da doença, lamenta-se a morte de mais de 17 187 pessoas¹⁰. Ainda não foi possível alcançar a imunidade de grupo, mas decorre a bom ritmo a campanha de vacinação. Existe um retomar lento da economia e também do sector do Turismo. Desta paragem mundial, com fecho de fronteiras terrestres, aéreas e marítimas (como forma de contenção da doença), Portugal está praticamente dependente do turismo interno e vivem-se tempos de adaptação e de definição de estratégias e planos empresariais e institucionais para que de um período menos favorável se possam aproveitar todo o investimento e trabalho feito até este ano, promovendo Portugal como um destino turístico, antes uma referência a nível de segurança, este ano acrescentando a designação de '*Clean and Safe*'- certificação criada pelo Turismo de Portugal para alojamento, restauração, atividades turísticas.

A relação indelével que o poder económico do turismo tem neste momento em muitos países, faz com que entidades públicas e privadas tentem retirar o máximo de projeção

¹⁰ <https://covid19.min-saude.pt/ponto-de-situacao-atual-em-portugal/> - acedido a 16 de julho de 2021

positiva e de dividendos dos visitantes e turistas. O planeamento é sempre uma ferramenta de preparação e antecipação e Tosun & Jenkins (1996) reforçam ainda que é uma diligência para ser possível alcançar um padrão de ocupação do espaço dentro do desenvolvimento normal dos tempos. O planeamento turístico surge como uma atividade indispensável para delinear uma estratégia de desenvolvimento sustentável dos destinos turísticos.

3.2.2 Turismo Urbano: tratamento normativo

As razões de visita a uma cidade poderão ser da mais variada ordem: pela envolvente arquitetónica, cultural, religiosa, social, política, ambiental, pela segurança ou por uma multiplicidade de outros intuitos, sendo que, este ano de 2020 acrescenta-se uma preocupação ainda mais importante para a quase totalidade dos destinos, a segurança sanitária e o acesso a bons cuidados de saúde. Toda esta mescla de motivações é que adiciona valores complementares, a que visitantes e turistas se desloquem para aí poderem absorver e viver todas as particularidades que tornam essa cidade motivo de atração. O turismo, neste momento, tem como pedra basilar, áreas muito urbanizadas e quando alarga ou tenta dispersar a procura, tem um efeito colateral, que é o de alargar os seus impactos, pondo em causa os princípios de uma exploração turística sustentável (Careto & Lima, 2007).

A complexa rede que exige a uniformidade de paisagem urbana é, pois, um emaranhado de vivências, de arquiteturas e culturas, de regras de conduta e convivência, leis de trânsito, regras de arrendamento, imposições de construção e de reabilitação, de riscos, de polaridades de antigo e moderno, de estratificação social, de sobreposições de importância, de unidades de serviços públicos e privados, ou seja, um quebra-cabeças para os urbanistas e paisagistas. Junta-se a esta realidade cidadina, as necessidades humanas, quer de quem vive na cidade, quer de quem a escolhe visitar. A atividade turística deverá respeitar e não interferir com a vida quotidiana dos habitantes, poderá apenas influenciar atitudes globais e deverá estar incluída nas soluções urbanísticas e daí só podem resultar boas soluções para a paisagem urbana, em que o turismo é apenas mais um elemento. Planear uma cidade, exige disciplinar por exemplo o uso do solo: habitacional, comercial ou cultural/desportivo. Estas regras permitem criar uma aparente harmonia paisagística e dar um salto qualitativo na forma de viver a cidade, muitas vezes associadas aos caos.

Marques e Santos (2015) advertem para a situação das políticas públicas, com vista ao desenvolvimento do turismo ao nível local não terem, frequentemente, em consideração a gestão do território, sendo desejável a inclusão da estruturação do território na gestão pública.

De igual forma a gestão do turismo torna-se fulcral na decisão estratégica de desenvolvimento para um dado local, pois é crucial para que se consiga captar investimento que vá de encontro aos eixos estruturais do destino e por outro lado captar turistas que dinamizem todas as estruturas criadas. A par dos turistas estão ainda os residentes, que se forem envolvidos nos projetos, acolherão melhor quem os visita. Estando o setor do Turismo em alta até 2019 e a contribuir para a economia local e para a economia nacional, os conflitos existentes em locais de maior pressão imobiliária como são os casos de bairros históricos de Lisboa e Porto, levaram a uma premente definição de estratégias e planos empresariais e institucionais para que de um período favorável se possam aproveitar todas as mais-valias. Surge assim, com grande influência no sucesso ou insucesso de projetos, o planeamento turístico e a gestão de destinos. Em 2020, face à Pandemia mundial causada pelo Covid-19, deu-se a paragem quase total do Turismo e de outras atividades económicas direta ou indiretamente dependentes da atividade turística e assim sendo, as prioridades inverteram-se totalmente, mesmo para os investidores que vendo os alojamentos com falta de procura, procuram novas estratégias de se reinventar e sobreviver no mercado.

A estratégia dos destinos deve ser fundamentada em valores autênticos, que seja perceptível pelos públicos-alvo e facilmente incorporável na comunicação dos destinos turísticos e operadores turísticos (intermediários), de forma a atingir os objetivos definidos pela marca. Assim, aquando do processo de definição dos atributos a salientar na comunicação, os destinos turísticos devem escolher, aqueles que devem ser salientados na sua comunicação, na medida em que as visitas ao destino turístico dependerão da sintonia entre as preferências dos turistas e as ofertas percebidas do destino turístico (Pratas, 2014). Os impactos visuais que um empreendimento ou espaço turístico provoca quer no local, quer de onde pode ser observado de outro ponto da cidade, é um princípio que acaba por ter influência na qualidade da paisagem assim como na própria experiência turística (Pires, 2011). A esta visão acrescento, todos os transtornos que os residentes irão ter durante a implementação da obra e mesmo *a posteriori*, deverão ter sempre em linha

de conta se vão conseguir manter a qualidade de vida que tinham antes do projeto turístico.

3.2.3 Turismo Urbano: conflitos

De que vive o turismo urbano? Dada a enorme concentração de recursos em cidades de média e grande dimensão, não é de estranhar que o património cultural seja um dos mais importantes impulsionadores do turismo e segundo Dumont (2006), existe uma interdependência entre o turismo urbano e a sua cultura em que, por um lado, o património cultural e arquitetónico tradicional nas cidades enriquece as experiências turísticas e, por outro lado, a conservação do património histórico, em geral, depende das receitas do turismo, o que pode originar conflitos de interesses. Daqui, e apenas se não houver uma visão estratégica para o destino turístico, as receitas provenientes da atividade turística, poderão pressionar os decisores a definirem ações que retiram a autenticidade ao território, subvertendo algo positivo em ações nefastas no imediato e no futuro. A autenticidade é que entendida como aquilo que se apresenta como único, as referidas singularidades ou espírito do lugar.

O que se procura neste momento é promover o turismo como agente potenciador do desenvolvimento das cidades e que atue igualmente como agente transformador da paisagem.

Costa (1996) indica-nos que o trabalho em rede em turismo é muito importante, nomeadamente no planeamento, pois fornece informações mais abrangentes, inclusivas e completas, levando a serem desenvolvidas propostas mais robustas e mais participadas. Desta forma, e para minimizar impactos negativos, procura-se na regulação dos empreendimentos turísticos e do alojamento local, visando a coerência na ocupação dos edifícios por parte de alojamentos destinados a turistas - gestão urbanística - mas sobretudo, trata-se de uma defesa das pessoas locais e da própria sobrevivência da herança cultural. Os centros históricos apelidados de ‘coração da cidade’, não podem viver apenas da sazonalidade do turismo, de reservas temporárias de quartos e do entra e sai de pessoas estranhas, que os residentes não veem com bons olhos pelo barulho que provocam, pelo lixo que deixam, pelos modos de vestir e falar diferentes, mas acima de tudo na falta de relação de proximidade que não se consegue estabelecer com os ‘vizinhos temporários’ – os turistas. A própria qualidade de vida de quem habita os centros históricos é altamente afetada, pois cada vez mais se resumem a redutos de sociabilidade, com clara propensão para a exclusão por inadequação às novas vivências.

Autores como García (2013) defendem a abordagem da paisagem como um produto cultural, dado que transmite a identidade do lugar e das suas gentes, pois só lutando por essa identidade é que um visitante estrangeiro, se deixará fascinar pelo exotismo do que lhe é totalmente novo. Esta é uma visão de paisagem urbana que funciona como ferramenta promocional diferenciada do turismo urbano. As características únicas e singulares do centro histórico de Guimarães, podem funcionar como fatores de atração deste tipo de turismo que procura vivenciar culturas com forte cariz identitária.

Inevitavelmente, ao falar-se de cidades e turismo, associamos ao que é possível ver e fazer nos centros históricos e dos consequentes impactos do turismo. Por um lado, é necessário abordar a questão da reabilitação (pois além da recuperação física e funcional dos edifícios leva também à especulação imobiliária que está na origem de muitos dos problemas já referidos anteriormente) e ainda de renovação urbana. Em ambos os casos, o turismo poderá ter uma forte participação.

A reabilitação é um conceito que procura dotar o tecido urbano de adaptações às novas vivências e necessidades e ‘tem ênfase no carácter habitacional, interferindo no edificado, no que toca a qualidade de habitação, serviços e instalação. Acontece de formas diferentes em função das necessidades’ Moura *et al* (2006, pp. 18–20). Quando se fala em paisagem urbana, a reabilitação implica melhorias nas fachadas de monumentos e outros edifícios e espaços de uso público. Quando nos referimos a renovação urbana, os mesmos autores, definem-no como a substituição de um edifício ou pré-existência, realizada através de uma demolição para que depois se possa contruir algo novo no mesmo lugar.

O Turismo é assim, um motor de desenvolvimento também para a reabilitação e renovação urbanas. Turismo e gentrificação estão assim a ser descritos como co-produtores da cidade, nomeadamente nos processos de regeneração urbana aplicados em muitos centros históricos (Gravari-Barbas & Guinanand, 2017). E direta ou indiretamente acabam por modificar visualmente uma cidade, a sua envolvente limítrofe, mas consome igualmente e vorazmente os seus recursos, quando estes são mal pensados e planeados e que acaba por inflacionar o espaço urbano. Desta realidade surge o termo ‘gentrificação’ associado aos impactos do desenvolvimento do turismo. Segundo Mendes (2014) a gentrificação é um processo de reabilitação do espaço urbano, nomeadamente a reabilitação das habitações nos centros históricos das cidades, através de investimentos públicos e privados. Contudo, a gentrificação é associada negativamente ao turismo e anda a reboque

da especulação imobiliária que expulsa residentes (nomeadamente idosos) de bairros históricos, os mais apetecíveis para o consumo turístico. Assim, os centros que antes eram totalmente esquecidos do resto da cidade (zonas marginalizadas onde se evitava circular), pois funcionalmente já não se enquadravam nas exigências cidadinas atuais, após processos de reabilitação urbana, tornam-se locais imensamente apetecíveis, pois a localização é altamente valorizada, quer pela questão social, quer económica. A explicação é que a gentrificação leva a que novos moradores, com capacidades económicas superiores, se instalem nesses locais, enquanto, os anteriores moradores, que ficaram sem a possibilidade de pagar rendas mais altas, vêm-se obrigados a mover-se para as periferias das cidades (Mendes, 2014) e (Liang & Bao, 2015). Em Guimarães, o processo de reabilitação procurou devolver as habitações aos residentes, de forma a manter vivo o centro histórico. Contudo, não estará isento de algumas situações acima descritas.

Esta temática ‘incendeia’ a opinião pública, pois cria uma certa aversão aos turistas, a chamada turismofobia. Não é aqui defendido que a temática não deva ser abordada, até como chamada de atenção aos decisores, mas sem entrar em fundamentalismos de total restrição ao turismo. Pode ler-se a título de exemplo, num artigo do Jornal Público de 2017 que ‘a ameaça é a de transitarmos de um centro decrepito e esvaziado para uma zona histórica recuperada, ocupada apenas temporariamente, por quem está de passagem, e incapaz de acolher quem não tem abrigo’ (Correia, 2017)¹¹. A gentrificação, não é, contudo, uma sintomática tão recente, e não era inicialmente associada ao Turismo. O termo gentrificação vem da palavra inglesa ‘*gentry*’, que significa pequena nobreza. Em 1964, a socióloga britânica Ruth Glass, aplica este termo para descrever alterações no tecido social e urbano de bairros londrinos e é hoje usado em variadas áreas das ciências sociais e um pouco por todo o mundo (Lees et al, 2016).

Neste contexto, e segundo a descrição de Glass, os bairros habitados essencialmente pelas classes baixas foram sendo ocupados pela classe média (*gentry*), criando um processo de ‘aburguesamento’ do espaço urbano.

Neste momento fala-se essencialmente de gentrificação turística, contudo este é apenas um dos tipos de gentrificação. E o turismo é um culpado sem defesa fácil e com muitos rostos, a culpa é do estrangeiro.

¹¹ <https://www.publico.pt/2017/10/08> - consultado a 12 de dezembro de 2019

Em 2016, a comissão portuguesa do ICOMOS – Conselho Internacional dos Monumentos e Sítios, promoveu um debate com a temática ‘O Processo de Turisficação de uma cidade Património Mundial’. Um dos oradores, o arquiteto Pedro Bismark apresentou uma intervenção enunciando ‘treze tristes teses sobre o turismo’ afirmando numa das quais, que o turismo, na sua voracidade, destrói aquilo de que se alimenta, seja a autenticidade social, arquitetónica ou outra, de um lugar (Coentrão, 2016)¹². Tais afirmações diabolizam um setor que traz largamente na maioria das cidades, mais benefícios do que malefícios. Face ao aumento do turismo, não estarão muitas cidades preparadas estruturalmente para acolher turismo de massas e claramente é mais fácil atribuir a culpa ao turismo, do que à falta de planeamento, quer das cidades quer em incorretas promoções de paisagens de um destino sem antever que a difusão nas redes sociais é tão rápida como volátil e que não sendo previsto, cria os constrangimentos que se veem acontecer em grandes cidades europeias massificadas pelo turismo, ou em pequenas aldeias que se viraram moda por uma atração já existente ou criada.

É comum apresentar-se o Turismo e o Património como entidades distantes, o primeiro mais ligado à economia e ao lazer, o segundo mais associado com a cultura e a identidade e apenas se tocam, de forma ligeira e ocasional para criar sinergias (Gilman, 2019). Ainda na mesma lógica, o autor acrescenta que de certa forma a atividade turística modifica e dá forma ao conceito de património e às estratégias para sua conservação, classificação e reabilitação. O turismo explora recursos patrimoniais, contudo geram-se receitas que promovem a sustentabilidade, nomeadamente na recuperação de edificado ou da salvaguarda do património material e imaterial. Se tal não acontecer, algo no processo, seguiu o caminho errado. A patrimonialização é aqui entendida como o processo que orienta ao reconhecimento público ou a aquisição de um estatuto especial, de objetos materiais e imateriais por um coletivo ou grupo. A partir daí, esses bens são protegidos e procura-se a transmissão do conhecimento e da importância dos mesmos (Bernardo, 2020).

Pereira (2017) alerta que a sagacidade atual pela reabilitação, a reboque que anda da promoção turística, leva por vezes ao esgotamento dos recursos materiais ou imateriais. Atribui-se ao turismo uma pressão de contribuição económica tal como se tratasse da galinha de ovos de ouro, numa alegoria aos recursos culturais e ambientais, à

¹² <https://www.publico.pt> – consultado a 12 de dezembro de 2019

autenticidade, a identidade e o *genius loci*¹³ que em muitos destinos são explorados sem qualquer controlo até culminar na sua destruição.

A mesma autora reforça que, quando um espaço é transformado e usado sem ter em linha de conta a conservação e quando os residentes são forçados abandonar o espaço (muitas vezes foi o único local que conheceram) desfaz-se não só um edifício e um lar, mas também uma linha de afetos, de sentimento de pertença e memórias partilhadas. A destruição desta cadeia de valores é irremediavelmente uma perda cultural, pois pela transformação do uso e das estruturas, surgem novos atores, que interpretam novos papéis. O que existe na Memória nem sempre está presente na História, e é esta premissa que deveria guiar o planeamento do turismo urbano. A memória que aqui é referida é a parte humana da cidade, pois sem ela, que sentido faz o resto do património. O envolvimento da comunidade nos planos pensados a nível institucional, trazem pontos-chave e um sentimento coletivo de que são ouvidos.

Nestes novos tempos, a cidade, deixou de ser um entreposto comercial e tornou-se numa mercadoria a ser consumida entre outras (Gilman, 2019)¹⁴. A experiência turística constitui a essência do Turismo e da indústria da hospitalidade (Neuhofer, et al, 2015), contudo perante uma procura crescente, com o alargar da oferta e com vista a aumentar a competitividade dos destinos, existe por vezes a necessidade de regular e controlar a capacidade de carga, de forma a equilibrar por um lado a pressão turística exercida, por outro permitir que os locais possam ter as suas rotinas, sem serem condicionados pelo afluxo de visitantes e turistas. O coração das cidades deverá pertencer aos habitantes, não aos turistas, pois isso será um contrassenso: os turistas quererão ver o que é único ou o que é globalmente conhecido?

A relação da cidade com o turismo pode e deve caminhar para o equilíbrio de necessidades, pois nesse plano, todos beneficiam numa mutação incessante e policromática do inevitável progresso.

¹³ Traduzido: o espírito do lugar

¹⁴ <https://www.revistapunkto.com> – consultado a 26 de dezembro de 2019

3.3 Efeitos da paisagem urbana na dimensão antropológica dos residentes e turistas

3.3.1 Perspetiva dos turistas

Os residentes e turistas são parte ativa da paisagem de grande parte das cidades. Na cidade, cruzam-se nas suas atividades diárias: uns no trabalho, outros no lazer, uns nos afazeres quotidianos, outros no usufruto do tempo não marcado. Como a paisagem urbana impacta cada um destes intervenientes varia quer no tempo quer no espaço que ambos ocupam. Desta forma poderemos considerar que existem ‘três dimensões que marcam a vida do turista: a relação consigo (procura de sentido), com o espaço e com os outros’ (Amirou, 2007, p. 48).

A descoberta de uma cidade vai além das visitas culturais a monumentos, igrejas ou museus, ou ainda do usufruto da gastronomia e das delícias locais. Em todos estes locais existem interações humanas que vão moldando simultaneamente a experiência turística e assim sendo, o turismo é capaz de redefinir a relação com o próprio e com os outros (Amirou, 2007) e daí advém no imediato ou acontecendo aos poucos, uma mudança de perspetiva.

O turismo acaba por identificar produtos ou serviços locais que acabam por os tornar únicos e passíveis de serem recursos turísticos e fontes de receita direta ou indireta. Contudo, antes de atrair visitantes e turistas, há que preparar um sistema turístico equilibrado, sustentável com produtos e serviços acessórios e que estão necessariamente envolvidos. Caso o planeamento de uma cidade, consiga gerir os fluxos turísticos de modo a que os locais (residentes) tenham a perspetiva positiva do retorno (principalmente financeiro), tornam-se mais tolerantes à invasão do seu espaço tal como nos indica, um estudo realizado liderado por uma equipa de investigadoras da Universidade de Aveiro e que nos elucida que quando o contacto entre residentes e turistas é mais próximo, permite que os residentes compreendam melhor a cultura do outro e os comportamentos que daí advém e a partir desse pressuposto, desenvolver uma atitude mais compreensiva e tolerante. Este ponto positivo de contacto humano é essencial para o desenvolvimento sustentável do Turismo. O mesmo estudo adianta que existe o reconhecimento da importância dos visitantes por parte dos residentes, o que contribui igualmente para uma melhor receptividade e perda de relevância quanto aos pontos menos positivos (Carneiro, Eusébio, Caldeira, 2017). Esta consciencialização da população que acolhe, de que o turismo traz muitos benefícios e oportunidades para os destinos é uma das conclusões do

estudo e assim a cidade recetora acaba por ser uma mescla cultural momentânea e instantânea, que muitas vezes promove a socialização daqueles, que de outra forma não teriam igual oportunidade de conhecer outras culturas, outras formas de vestir, falar, de se comportar, de se divertir, em suma, outras realidades de vida.

E neste contínuo frenesim turístico, característico da era que vivíamos até 2020 (pré pandemia), as motivações para conhecer algo novo, situar-se-ão no topo da Pirâmide de Maslow (Maslow, 1943) - a autorrealização - o autor hierarquizou numa pirâmide as necessidades do ser humano, sendo que na base estão as necessidades fisiológicas, no segundo patamar a necessidade de segurança, no terceiro encontramos as necessidades sociais, em quarto situam-se as necessidades de autoestima e no topo da pirâmide, a autorrealização, em que a busca pelo novo, pelo ainda não vivido, pela necessidade de evasão, pelo conhecimento de novas formas de viver, entre outras, levam os indivíduos após todas as outras necessidades satisfeitas, tenham em mente a satisfação de uma vontade.

Para complementar, esta dimensão humana de análise, destaco a compreensão dos perfis de visitantes e turistas de um destino, como uma das principais ferramentas para, paulatinamente, se conseguir organizar a oferta de acordo com as necessidades da procura. Como nos indicam D'Orey & Abreu (2017, p. 309) 'complementar à segmentação do mercado turístico, a caracterização do perfil dos turistas é um elemento fundamental para compreender o seu comportamento'. Os turistas apresentam variadíssimas motivações para visitar determinada cidade e, no caso específico do Turismo cultural, procuram vivenciar experiências autênticas, em que possam realmente sentir e viver a cultura local, através do contato pessoal nas várias atividades que vão desenvolvendo, assim como, através da gastronomia que é uma das formas de conhecer o que está para além do que é turístico. A paisagem e as transformações temporais e mesmo espaciais dos vários estilos de arquitetura serão uma constante durante a visita a uma cidade, para os olhares mais atentos.

Numa paisagem urbana poderão existir múltiplos recursos, alguns dos quais, com o aumento da procura, poder-se-ão tornar recursos turísticos. Muitos deles de utilização mista, mencionando por exemplo as igrejas: espaços de oração para uns e de contemplação e visita para outros. Assim como nos indica Costa Monteiro (2016) a paisagem só existe em resultado de quem a observa, a experiência, sempre com a subjetividade de ser um espetador. Cada local tem singularidades que captam a atenção do olhar do visitante ou turista e, por isso mesmo, sentir a real experiência em turismo,

acaba por ter como base uma componente pessoal, pois cada indivíduo, direciona o seu olhar para o que mais o atrai em cada cenário que a cidade oferece (Marujo & Santos, 2012).

O próprio conceito de turismo urbano define um sistema turístico complexo do qual fazem parte todas as manifestações da atividade turística no meio urbano (Łapko, 2014). Paralelamente, a paisagem, é a atriz principal, a noção de conjunto consolidado que contribui ativamente para o desenvolvimento da própria oferta turística de forma agregada. O poder da paisagem para o Turismo, é claramente, um recurso promocional que permite vender sonhos e captar a atenção do potencial turista, pois desde que a visualiza, começa ali o desejo de visita (Marujo & Santos 2012).

Se pensarmos nesta lógica como turistas e investigadores, percebemos que até na captação de fotografias existe uma percepção do lugar. Ainda mais notório quando se trata de um centro histórico classificado como Património Cultural da Humanidade (exemplo de Guimarães), que se apresenta como um espaço museológico a céu aberto, disponível a qualquer hora e durante todos os dias do ano. Ao caminhar numa cidade e particularmente num centro histórico, ao olharmos uma varanda particularmente atrativa, tiramos uma foto. Essa memória não será apenas da arquitetura, será de um modo de vida contemporâneo. Nem sempre turistas e residentes se encontram, mas para o turista, o modo de vida quase é adivinhado através daquele olhar. Como se de um *timelapse* se tratasse, o critério de olhares, de orientações, de motivações, depende da hora a que se observa o centro da cidade: ao início do dia, a azáfama de trabalhadores e alunos para chegar aos locais de trabalho e de estudo, as rotinas dos pequenos-almoços na pastelaria ou café do costume, o montar das esplanadas de restaurantes, abertura de vários comércios de rua e das instituições, os museus, as galerias e outros atrativos turísticos e só depois, começam também a chegar os primeiros turistas, uns em grupos organizados com hora para tudo, outros mais aventureiros que não tem hora para nada... a paisagem urbana acaba por pôr a nu, um certo individualismo num aparente coletivo cidadão.

Marujo & Santos (2012) apresentam-nos uma interessante perspetiva entre imagem da fotografia e o próprio olhar, pois é através destes, que o turista cria a sua própria história sobre o local que está a visitar, quer através das experiências e dos olhares em si, mas também através da recolha de provas de presença nos locais, como as imagens ou os bilhetes de entrada em monumentos ou outras atrações. Além da necessidade destas memórias e provas físicas, consideramos que com o aumento da partilha em redes sociais,

acaba por ser uma mostra da feira das vaidades, a necessidade premente de mostrar que faz, que viaja, que vive.

3.3.2 Perspetiva dos residentes

Num mundo global em que muitas vezes se pretende criar atmosferas típicas de um país num outro, quer através da gastronomia ou tradições, a estratégia deve, claramente, contrariar esta tendência, que em muitos locais se está a tornar descaracterizadora dos locais ou a ‘violentar’ a paisagem. Pode-se falar mesmo da aculturação de locais que são dominados por uma hierarquia de interesses meramente económicos.

Todas as cidades são paisagens humanizadas, contudo organizadas em função de cada sociedade, de cada necessidade cultural, resultado de uma envolvente económica, em função do Homem e feito pelo Homem. Organizadas em função do tempo, sem que muitas vezes se aperceba do impacto que terá a longo prazo. O Homem, presente na paisagem urbana como planeador, executor, como residente ou turista, vive uma experiência antropológica complexa não só na relação humana, mas também na compreensão das simbologias, da língua, da religião e de todo o sistema que compõe uma sociedade.

Além dos impactos positivos dos turistas, quer económicos quer sociais, existem estudos sobre os impactos do turismo nomeadamente nos centros históricos e sobre quem lá vive. García-Hernández *et al.* (2017) apresentaram um estudo realizado no centro histórico da cidade de Donostia-San e em que procuraram examinar os efeitos negativos do turismo em Sebastian, Espanha. A premissa foi perceber como é que a pressão turística gerada pela quantidade crescente de turistas e excursionistas que visitam a cidade, por motivos maioritariamente culturais, prejudicava as paisagens urbanas e históricas. Os resultados mostraram que os elevados números de turistas têm vindo a gerar pressão na cidade, tornando-se assim uma ameaça ao centro urbano. As razões principais serão a presença de marcas globais em comércio de rua, levando a uma certa perda de identidade, pois está claramente vocacionada para o consumismo. Quando se procura uma outra cultura, espera-se ter atividades de lazer e turismo distintas, quando na realidade por vezes se absorve uma certa homogeneidade resultado da globalização (García-Hernandez *et al.*, 2017). Este contexto de turismo de escala e de massas e de tendência crescente, acaba por ser uma contracorrente que não beneficia as comunidades locais, ou da qual a maioria não revê retorno suficiente bom para o impacto que provocam. Podemos então associar dois

conceitos que podem acontecer, a turistificação das cidades e a turismofobia por parte dos residentes.

Dadas estas condicionantes e conflitos (não diretamente com os turistas, mas com o Turismo), o que acabou por acontecer em San Sebastian foi que alguns moradores, incomodados pela pressão turística e pela perda de qualidade de vida, optaram por vender os seus imóveis nos centros, aproveitando a procura imobiliária para fins turísticos (García-Hernandez *et al*, 2017).

Estas ações levam a uma perda de identidade cultural dos centros históricos, o que mais uma vez retira à experiência turística, aquilo que é irrepetível: os momentos de interação cultural. Havendo esta envolvente circunstancial, é imperioso que se reforce o papel dos recursos patrimoniais, que se tornam verdadeiramente únicos de cada local, irrepetíveis quaisquer que se sejam os moldes, pois só assim se diferenciam e atuam como base das estratégias de marketing dos produtos turísticos que a cidade pode oferecer (Pérez & Salinas, 2008). E se os planeamentos urbanísticos e turísticos visam a harmonização dos espaços e da paisagem, o que este estudo mostrou, foi que as ruas começaram a sofrer de uma saturação de turistas que reduziu a qualidade de vida dos moradores, nomeadamente na mobilidade interna, na redução dos espaços para estacionamento e numa aposta de comércio de rua vocacionado para o turismo (García-Hernandez *et al*, 2017).

As zonas centrais das cidades são por norma, aquelas que mais atraem os turistas e de onde irradia a atratividade vital. São ainda, espaços para onde confluem diversos serviços públicos utilizados maioritariamente pelos residentes, numa aproximação entre a sociedade civil, a administração central e os diversos agentes económicos direta ou indiretamente ligados ao turismo. Desta concentração de necessidades várias e por vezes antagónicas poderão surgir pontos de saturação ou pontos de *stress* urbano. A junção ou conjugação de residentes e de um número crescente de visitantes, por vezes em áreas pequenas, mas que implica uma maior necessidade de algumas infraestruturas que acabam por ser comuns, tais como as acessibilidades e a rede de transportes. A estas acrescente-se o aumento dos resíduos urbanos tornando ainda mais imprescindível, um reforço na limpeza de ruas e recolha mais frequente do lixo (Ferreira, 2016). Com as devidas e atempadas articulações, as necessidades comuns de residentes e turistas são supridas sem chegarem ao ponto de conflito e contribuindo para o desenvolvimento de um turismo mais sustentável.

Preocupações coincidentes, em décadas diferentes apontam-nos o que o aumento do turismo cultural pode gerar. Horn (1998) e (Dumont, 2006) destacam que o aumento do

turismo cultural pode levar, por um lado, à perda da sensação de um lugar e, por outro, fazer com que alguns dos seus habitantes se sintam incomodados pela presença dos turistas. A política de gestão de um centro histórico, particularizando o caso de Guimarães, associado ao facto de obedecer ainda a regras da Unesco (dado que é Património Mundial), implica uma constante preocupação para que as condicionantes sejam explicadas aos habitantes, daquele museu a céu aberto, e que vá de encontro às exigências dos moradores e ao equilíbrio necessário entre respeitar o passado, viver o presente e preparar o futuro. O retorno do turismo pode ser identificado e analisado na sua transversalidade como atividade económica com crescente expressão na economia portuguesa (as receitas turísticas representavam em 2018 um contributo de 8,2% no PIB português em 2019 já atingiu os 8.7% segundo fontes do Turismo de Portugal, em relatório apresentado em 2020). Se pensarmos nos impactos negativos isoladamente e sem contextualização, poder-se-á agudizar os tais ‘pontos de saturação’ entre residentes e turistas. A pertinência de estratégias de consenso e de apaziguamento de possíveis pontos críticos é ainda mais crucial em centros históricos com traços mais antigos, em que em termos estruturais poder-se-á reabilitar, mas muito dificilmente poder-se-á proceder a uma renovação, que implica a demolição de edificado, por exemplo para alargamento de uma rua. E é nesta malha urbana difusa e muitas vezes confusa que está a identidade e a atratividade de um espaço. Esta atratividade vai além do que é material, sobrevive sim, pelo imaterial.

Estas conclusões, vêm no alinhamento de que a concentração excessiva de turistas numa cidade, pode aumentar a rivalidade entre residentes e o turismo e, por conseguinte, com os turistas. É crucial estar prevista, a capacidade de carga dos locais, de forma a evitar a sobrelotação de pessoas, nomeadamente visitantes e turistas. Esta rivalidade manifesta-se na ocupação dos espaços tipicamente habitacionais, ocupados agora por alojamentos de curta duração, mas mais rentáveis. É ainda notório nas restantes infraestruturas e transportes e que fazem parte da realidade urbana. Estes pontos sensíveis, os tais pontos de saturação poderão conduzir a uma menor ligação entre os residentes e os monumentos e o seu espaço envolvente que representa a herança cultural dos povos e das próprias cidades.

A cidade e a sua paisagem acabam por se tornar também num complexo jogo de sincronias pois o ‘espaço turístico é um recetáculo de sentimentos – seja de prazer, euforia, nostalgia, dor, esforço, decepção ou encantamento. (...) Trata-se acima de tudo de

um espaço ‘sonhado’ e ‘vivido’, antes de ser um território trabalhado por uma lógica económica ou por uma prática de distinção social’ (Amirou, 2007). O turismo permite uma introspeção e reflexão do próprio meio de viver dos turistas: melhor ou pior, comparam sempre comportamentos, modos de viver, tradições, etc. Contudo o ‘bom turista’ será aquele que espera encontrar o inesperado, o exótico, os segredos de cada local, aqueles que só os residentes sabem, as melhores histórias, lendas, os melhores locais para comer... locais escondidos aos olhares dos turistas mais apressados ou da artificialidade das suas rotinas turísticas. As condições de maior conflito no que toca ao meio urbano, são aquelas associadas ao trânsito e à insegurança e que obrigam o indivíduo a uma atenção constante (Gessler, 2014).

Nesta dualidade importa salientar que a paisagem constitui-se como recurso base da atividade turística e ainda fundamental para que durante a promoção sejam captados novos mercados e assim novos turistas. As imagens que são divulgadas pelos meios e comunicação acabam por voluntariamente ou não, criar expectativas nos consumidores, mesmo antes de o visitarem (Marujo & Santos, 2012).

Numa abordagem preliminar aos resultados dos inquéritos realizados a turistas e residentes, poder-se-á salientar os principais indicadores positivos e negativos para cada um destes intervenientes sobre a temática da paisagem urbana.

Caso exista equilíbrio entre os que moram e os que visitam, todo o conjunto fica a ganhar, pois o turismo cultural que se desenvolve nas cidades pode ser usado como estratégia para o desenvolvimento local. O cerne desta problemática estará em conseguir que as necessidades do Turismo sejam compatíveis com as realidades económicas e sociais da região e que ao mesmo tempo, protejam e favoreçam o ambiente urbano (Gonçalves, 2001). A aceitação do turismo como uma inevitabilidade da sociabilidade urbana e da própria cidadania de um povo gera novos paradigmas e novas dialéticas da distinção e integração cultural e da coexistência entre aqueles que são permanentes e os que são temporários.

Cap. IV

4- Guimarães: a cidade no tempo e no espaço

Um espaço urbano vai modificam-se através de constantes transformações, necessidades e ajustamentos às novas formas de viver. Esta mutação constante é, portanto, fruto da passagem do tempo e das novas formas de atualizar um determinado espaço. Neste capítulo pretende-se apresentar a evolução histórica da cidade de Guimarães, sendo este o reconhecimento da importância de cada fase para o conjunto que atualmente conhecemos.

4.1 Património e urbanismo: evolução histórica da cidade

Contemplamos ruas, casas, varandas, fachadas, telhados, cornijas e brasões sem por vezes conseguir ver o tempo e espaço necessários para cada mudança de estilo, para cada modo de viver. Apresenta-se abaixo uma breve contextualização da evolução histórica da cidade de Guimarães e que teve como fonte histórica (Fernandes & Correia, 2012).

4.1.1 Bipolarização Românica (Sécs. X e XII)

Figura 4. Mapa da cidade entre 950 a 1279



Guimarães tem as suas raízes no século X, em plena época medieval, quando a Condessa Mumadona Dias mandou construir um mosteiro, que se tornou o centro de fixação do núcleo habitacional, e pouco depois um castelo, a pouca distância, na colina, e entre estes dois pontos, formou-se a Rua de Santa Maria. Mais tarde, o Mosteiro transforma-se em Colegiada, e um conhecido santuário de Peregrinação.

Fonte:(G.T.L., 2002)

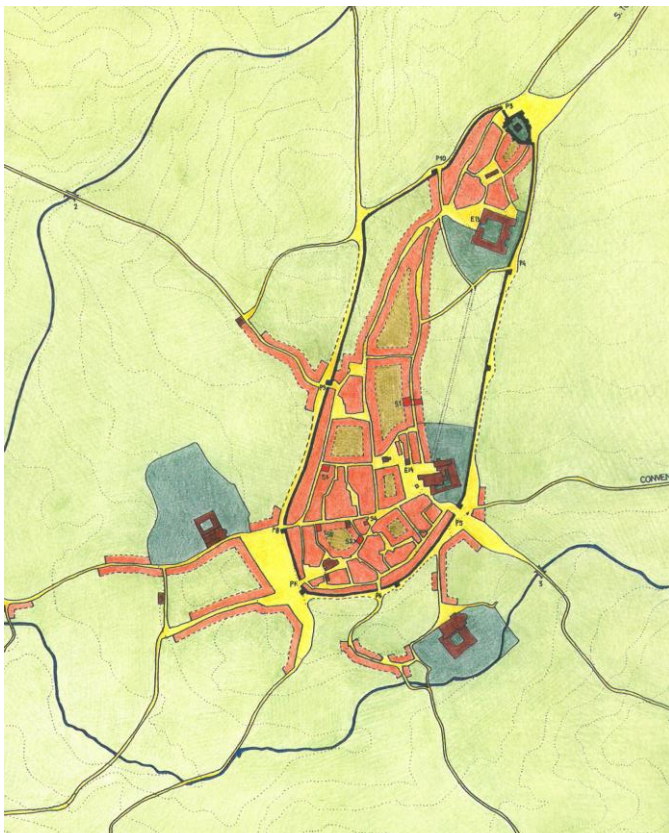
A vila cresce e organiza-se, sendo rodeada por uma muralha defensiva, que ainda hoje conhecemos. Mas a cidade de Guimarães é reconhecida ainda hoje, pelo berço da nacionalidade, pois segundo a lenda, aqui terá nascido em 1109, o primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques, numa altura em que a cidade era apenas um pequeno aglomerado urbano medieval protegido por um castelo de pedra e madeira (Ferrão & Afonso, n.d.).

Nos séculos XIII – XIV damos nota da construção da primeira linha de muralha, cuja empreitada se estendeu cerca de 1265 (sec.XIII), no reinado de Afonso III e terminam em 1318, já no século XIV.

4.1.2 Unificação Gótica (Sécs. XIV e XV)

No reinado de D. Dinis é contruída a segunda cintura de muralhas, incluindo quer a Vila Alta quer a Vila Baixa.

Figura 5. Mapa da cidade entre 1279 e 1498



No reinado de D. João I as muralhas foram completadas com torres e ameias e a primeira cintura de muralhas deixou de fazer sentido, tendo por isso sido ordenada no século XIV, a destruição da cerca alta e a construção dos primeiros Paços Municipais na Vila Baixa. Esta nova muralha respeitou o traçado da anterior, nomeadamente nas principais portas defensivas, mas também de ligação às principais cidades em volta do burgo.

Fonte:(G.T.L., 2002)

A partir desta nova muralha, vão-se desenvolvendo nos séculos XIV e XV alterações na mobilidade, na organização espacial habitacional, comercial e mesmo religiosa. É no início do século XV, que D. Afonso – futuro Duque de Bragança e filho bastardo de D. João I, manda edificar uma majestosa casa senhorial, o Paço dos Duques, para aí viver com a sua segunda mulher, D. Constança de Noronha (Ferrão & Afonso, n.d.).

4.1.3 Influência Renascentista, Maneirista e Barroca (Séc. XVI a meados do Séc. XVIII)

Em 1503, efetuaram-se grandes obras no templo gótico de Santa Maria da Oliveira, com a introdução da torre sineira manuelina, o que altera a estrutura do próprio claustro medieval. Este desenvolvimento conservou as principais linhas já existentes, centrando-se na rede viária, mas que conseqüentemente também ia produzindo alterações urbanísticas no seu percurso, numa primeira fase de características renascentista e maneirista, ainda intramuros ou na sua imediata proximidade. No século XVI, com a evolução das técnicas construtivas, surge aquela que será a típica casa Vimaranesa: constituída por três pisos, esta casa apresenta como principais avanços comparativamente à do século XII o aumento de altura e a utilização de pedra nos pisos térreos e nos pisos elevados passam a ser constituídos por ‘taipa de fasquio (técnica de construção de paredes que consiste numa estrutura de madeira de suporte em vigas horizontais e tábuas verticais à qual é pregado um ripado preenchido em argamassa) e taipa de rodízio (técnica de construção de paredes que consiste num esqueleto de vigas de madeira cujo interior é preenchido por tijolo burro e argamassa) ‘(Fernandes & Correia, 2012, p. 22). Destaca-se nesta altura, a construção no convento de Santa Clara, um edifício barroco com um claustro de 2 pisos e uma escultura de Santa Clara no centro da fachada.

Figura 6. Estrutura de parede com taipa de rodízio (edifício no centro histórico)



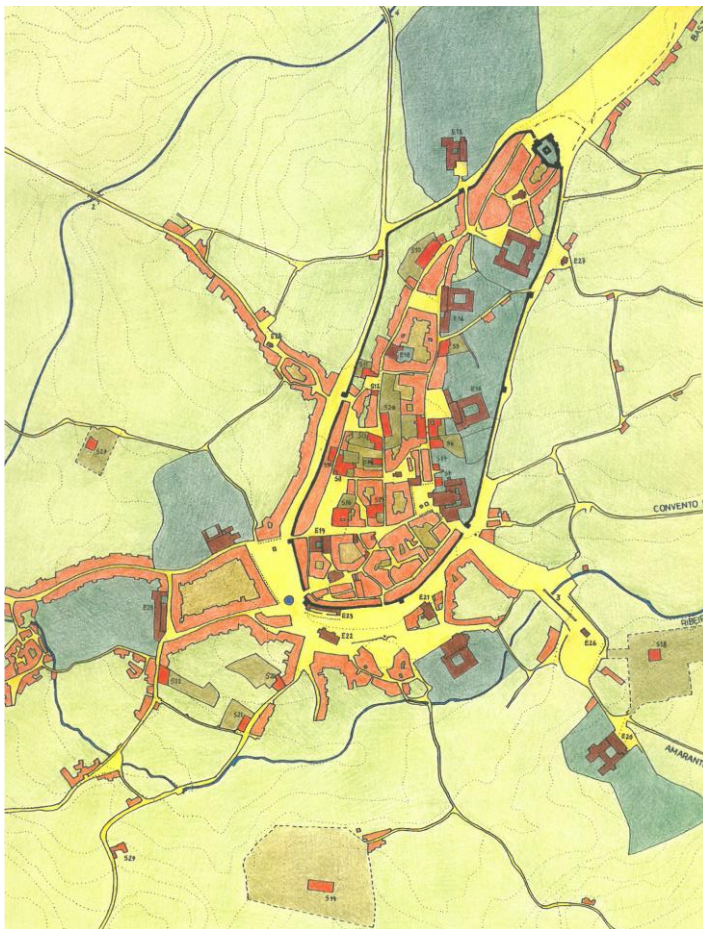
Fonte:(G.T.L., 2002)

No séc. XVII abrem-se novos caminhos e a envolvente da cidade torna-se mais ampla tendo como maiores exemplos o Largo do Tournal e o Campo da Feira.

As casas medievais vão sendo substituídas por novas tipologias, chamadas de casas filipinas, que crescem em altura, sendo de três pisos, o térreo é em pedra e seria para comércio e os dois superiores em taipa para habitação (Fernandes & Correia, 2012).

Já no séc. XVIII, teve início a construção da Casa do Tournal, assim como o da Basílica de S. Pedro, em 1735, sendo assim o barroco caraterizador do Tournal e que culminou com a construção da frente pombalina. Contudo, o expoente maior do barroco na cidade acontece em meados do século com a construção do Palácio Vila Flor, uma residência nobre, já no exterior do limite urbano e que abriria assim um futuro alargamento da cidade.

Figura 7. Mapa da cidade entre 1498 e 1750



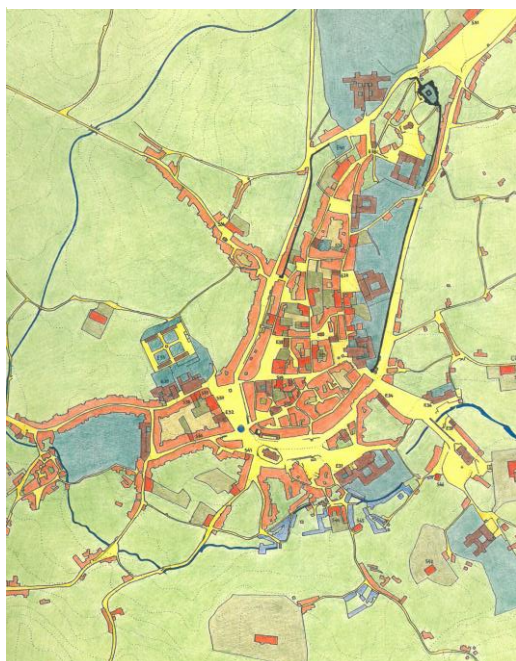
Fonte:(G.T.L., 2002)

4.1.4 Reforma Rococó, Pombalina e Neoclássica (Meados do Séc. XVIII a meados do Séc. XIX)

Constroem-se inúmeras casas nobres urbanas com decoração rococó nas suas fachadas e estes novos edifícios setecentistas procuram enquadrar-se no espaço urbano existente e localizam-se em ruas movimentadas. A decoração rococó é ainda visível em algumas pedras de armas, pórticos precedidos de escadarias e portões. A pedra é o material mais usado nesta fase para o qual terá contribuído a legislação de normalização dos edifícios em diversos pontos, nomeadamente na destruição de certos elementos, visando regularizar as frentes urbanas nas principais ruas.

O Largo do Tournal que no período anterior se assume como uma praça barroca, mas ainda incompleta e apenas no final do século XVIII é que se termina, com a construção da designada frente pombalina do Tournal. Nos anos oitenta do século XVIII, autorizam-se demolições parciais da muralha por já não se reconhecer importância e para expansão urbana. Este processo prolongou-se até meados do século XIX, com a demolição da Torre de S. Bento. As construções fora da muralha já não obedeciam à rigidez da reforma pombalina, aproximando-se mais do Neoclássico, privilegiando a diferenciação sem contudo perder a harmonia de conjuntos homogéneos (Caldas, 1996)

Figura 8. Mapa da cidade entre 1750 e 1863



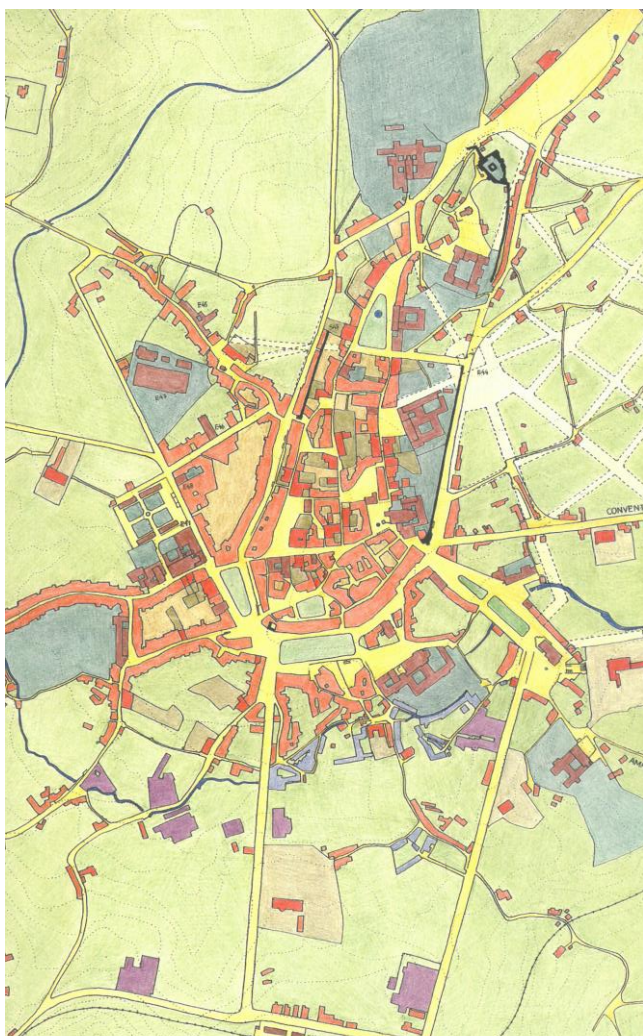
Os finais do século XVIII e início do XIX foram tempos prósperos para a cidade, dado o desenvolvimento industrial, particularmente nos têxteis, cutelaria e curtumes, concentradas no antigo arrabalde de Couros. De ressaltar ainda o incremento nas medidas de higiene e assistenciais que levaram à criação sobretudo de hospitais e mercados (Ferrão & Afonso, n.d.).

Fonte:(G.T.L., 2002)

4.1.5 A expansão industrial (Meados do Séc. XIX a 1924)

São executadas as construções de estradas essenciais para Guimarães, nomeadamente a ligação ao Porto através de Santo Tirso, assim como a renovação de outras vias à zona circundante. A expansão industrial, comercial e urbana da vila, assente nos setores têxtil, cutelaria e curtumes, terão sido determinantes para que a rainha D. Maria II conceda o título de cidade em 1853. Em 1884, surgiu o primeiro troço de caminho-de-ferro, em 1903 foi criado o abastecimento de água canalizada à cidade, apenas para referir os mais importantes factos (Caldas, 1996).

Figura 9. Mapa da cidade entre 1863 e 1924



No desenvolvimento do burgo no séc. XIX, vão-se perdendo alguns vestígios de outras épocas que não conseguem fazer frente à vontade de expansão, na abertura de novos arruamentos, e da criação de largos. Na periferia vão surgindo ‘ilhas’ habitacionais dado o aparecimento de um tecido industrial que necessitava de operários. Ainda é possível apreciar na zona de Couros, os tanques onde se curtiam e lavavam as peles (Ferrão & Afonso, n.d.). Esta é atualmente uma zona onde se realizam novas intervenções de conservação e valorização, estando inclusive o sítio incluído na Lista de bens suscetíveis de classificação como Património Mundial.

Fonte:(G.T.L., 2002)

4.2 Preservação da memória: a requalificação do Centro Histórico

Guimarães conseguiu manter os traços de singularidade dos sistemas construtivos tradicionais e que têm um alto valor simbólico para a identidade portuguesa, por ter sido

aqui que Portugal teve origem no séc. XII. Todos os dados já referenciados, são motivos que justificam a candidatura a Património Mundial da Humanidade, no entanto, tudo o processo foi moroso, e envolveu o trabalho de uma vasta equipa multidisciplinar, culminando no dia 13 de dezembro de 2001, com a atribuição da classificação de Património Mundial.

O Plano Geral de Urbanização da cidade de Guimarães foi desenvolvido pelo arquiteto Fernando Távora entre 1979 e 1982. Este é na sua essência um plano territorial e que inclui também o desenvolvimento social. Este plano geral preconiza as grandes linhas de uma estrutura urbana coerente em que se tentou unir pontos que seriam antagónicos: o geral e o particular; a unidade e a diversidade; o passado e o futuro (Martins Faria, 2014). Em 1981, foi criado o Gabinete do Centro Histórico que mais tarde se viria a designar de GTL - Gabinete Técnico Local - que visava a gestão e coordenação das ações privadas e públicas e a definição de uma estratégia para a intervenção municipal. Durante anos foram intervencionados quer edifícios públicos quer privados, assim como ruas e praças e outras requalificações que foram sendo assinaladas como necessárias.

A recuperação do Centro Histórico de Guimarães assentou em 3 pilares:

- Recuperação do património camarário;
- Requalificação do espaço público;
- Apoio técnico ao público, através do programa RECRIA¹⁵ que possibilitou a requalificação, recuperação e conservação de edifícios privados (G.T.L., 2002).

A responsável técnica por este processo foi a arquiteta Alexandra Gesta e no seu programa de atuação, teve como consultor externo, o arquiteto Fernando Távora, que prestou apoio a esse novo Gabinete e aos desafios que toda esta mudança implicaria. Instalaram-se na Casa da Rua Nova, após a sua recuperação, estando onde ninguém queria estar, sendo uma das zonas referenciadas pela prostituição e diversos problemas sociais, mas mostrando que algo iria mudar. A maioria dos edifícios foi intervencionada entre 1985 e 1998 com uma preocupação real pelo bem-estar da população e cujo envolvimento foi

¹⁵ RECRIA - Regime Especial de Comparticipação na Recuperação de Imóveis Arrendados

essencial para levar a cabo uma recuperação e preservação exemplar, fugindo do ‘fachadismo’ para mera observação exterior (Aguiar, 1998).

Conforme é referenciado por alguns autores, esta política de ação, teve características distintas e com objetivos bem definidos, citando José Aguiar ‘uma reabilitação para e pelas pessoas contra a gentrificação: a conservação dos valores identitários e de autenticidade, preservando as qualidades referenciais existentes na arquitetura da cidade histórica, prolongando-as para um território submetido a um desmesurado processo de desenvolvimento e de transformação; a garantia da continuidade das permanências essenciais de longo prazo (a cidade enquanto monumento, na estrutura da sua morfologia e tipologia fundiária), conservando as qualidades formais já sedimentadas (a arquitetura erudita e vernácula que construiu, no tempo, este “Centro Histórico”) mas conseguindo integrar as novas oportunidades e resolver (mais rapidamente) as intempéries’ (Aguiar, 1998). O princípio básico na recuperação dos edifícios no CH é respeitar todas as regras de uso, e os materiais tradicionais. Não são permitidas alterações nos lotes (união ou divisão de lotes), não é permitido a alteração de fachadas, nos materiais é a obrigatória a escolha pelas madeiras, o respeito pelas pinturas e pigmentos. Os requisitos do uso materiais tradicionais é exigido mesmo que os edifícios estejam em ruína. O trabalho do GTL procurou potenciar pela positiva as iniciativas particulares, com os proprietários e com os autores dos projetos.

O centro histórico foi sendo aos poucos devolvido aos Vimeirense, dando-lhes condições para que pudessem morar nos edifícios existentes, alguns com obras profundas, outros com intervenções faseadas que se iniciavam no telhado, e iam descendo os respetivos pisos, até terminarem no piso térreo, sempre com os habitantes a viverem e “conviveram” com o decorrer das obras, e sem os deslocarem das suas casas.

Assim, quanto à classificação, o Centro Histórico enquanto um todo, este encontra-se classificado, desde 2001, como Património Nacional de acordo com o N.º 7 do art.º 15 da Lei n.º 107/2001, de 8-09-2001. Este artigo do decreto-lei, informa que “Os bens culturais imóveis incluídos na lista do património mundial integram, para todos os efeitos e na respetiva categoria, a lista dos bens classificados como de interesse nacional”.

Existe ainda o Aviso n.º 15171/2010, DR, 2.ª série, n.º 147, de 30 de julho de 2010 delimita a zona inscrita na Lista de Património Mundial da UNESCO e a sua Zona Especial de proteção (ZEP).

4.3 Classificação como Património Mundial da Humanidade

Após o trabalho de recuperação e de devolução do centro histórico aos vimaranenses, com casas recuperadas e habitáveis, da aproximação de novos comércios e de serviços, o coração da cidade pulsava novamente. Em 1994, a autarquia, apoiada pelo Governo, tomou a decisão de formalizar a candidatura à classificação do Centro Histórico a Património Mundial. Este foi um processo moroso, com muitos recuos nomeadamente na área que deveria integrar como classificada, assim como a zona de proteção.

Desde o início do processo de requalificação do CH que a equipa do GTL (atualmente designado de Divisão do Centro Histórico) integra técnicos de diferentes áreas. Inicialmente eram dois arquitetos, um economista, um assistente social, um engenheiro civil, um desenhador, e uma administrativa, atualmente funciona com uma equipa mais numerosa. O *dossier* de candidatura a Património da Unesco foi elaborado por uma equipa multidisciplinar, composta por Arquitetos, Historiadores, entre outros, sendo alguns deles professores universitários. De destacar o trabalho do Arquiteto Fernando Távora que em conjunto com o Gabinete Técnico Local (GTL) que deram início à reabilitação urbana e arquitetónica da cidade. A propósito deste trabalho disse o Arq. Fernando Távora:

*“(...) foi um desafio enorme. Operou-se uma grande transformação numa cidade que se encontrava quase abandonada. As pessoas redescobriram, ao fim de muito tempo, a sua terra.”*¹⁶

O processo culminou na classificação em 13 de dezembro de 2001, sendo que a área classificada do Centro Histórico de Guimarães estende-se numa área de 19.45 ha e que incluindo a zona especial de proteção chega a 99.23 ha. A cidade conseguiu guardar um harmonioso conjunto arquitetónico de um irrepetível valor, datado dos séculos XIII, XIV e XV (Guimarães Turismo, 2020).

A inclusão na Lista do Património Mundial, de um bem cultural ou natural, acontece quando é considerado pelo Comité do Património Mundial de valor universal excepcional. A classificação impõe aos Estados-membros, condições de gestão patrimonial rígidas para a manutenção da proteção ao bem e para se adequar às exigências dos processos do Património Mundial (UNESCO, 2013)

¹⁶ Távora, Fernando – “Grande plano”, Jornal de Notícias, 14/10/2003. (Pág. 3)

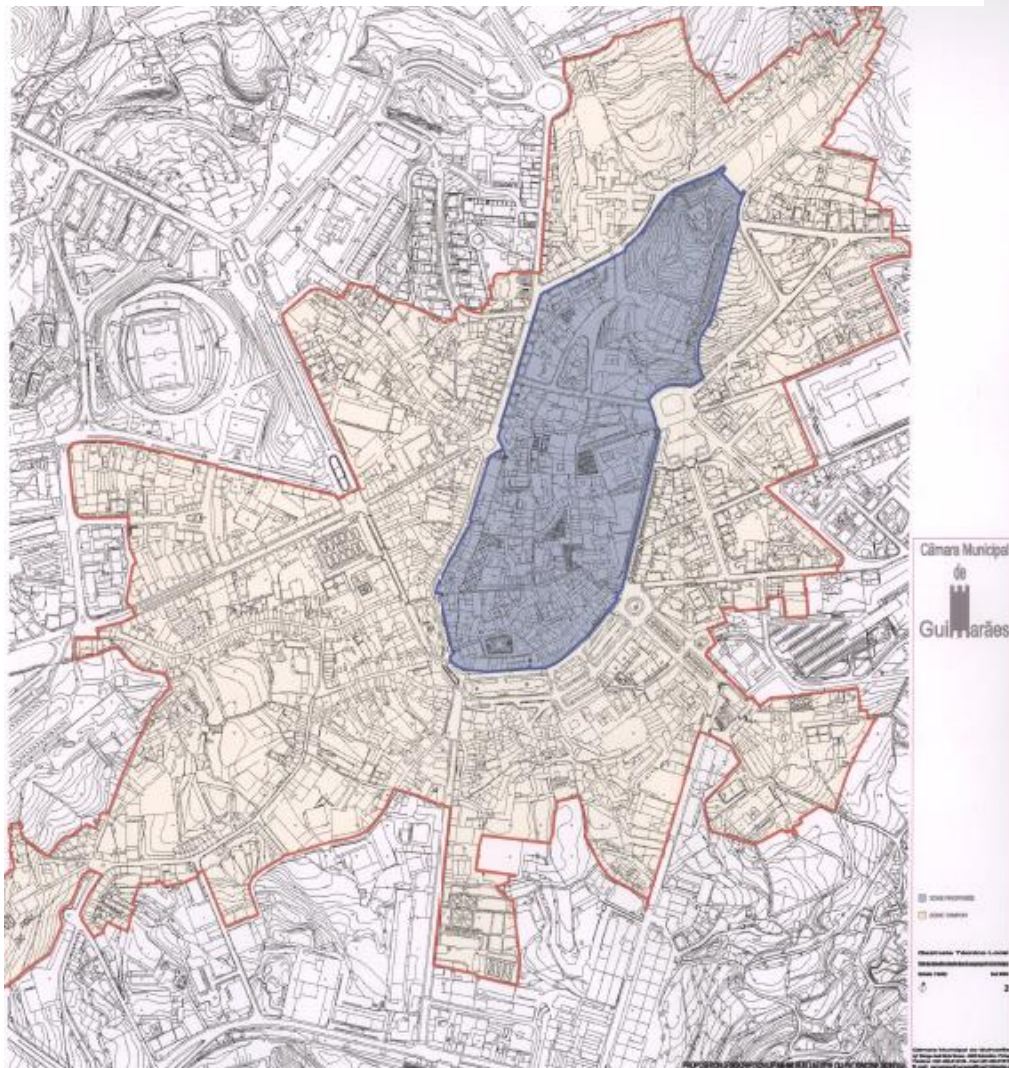
O Comité da UNESCO inscreveu o Centro Histórico de Guimarães na Lista de Bens Património Mundial, baseado nos seguintes critérios:

- Guimarães é de um considerável significado universal, na medida em que aqui se desenvolveram técnicas especializadas de construção de edifícios durante a Idade Média que depois foram exportadas para as colónias portuguesas, na África e no Novo Mundo, transformando-se, mesmo, em características essenciais.
- A história de Guimarães está intimamente associada com o estabelecimento da identidade nacional portuguesa e da língua portuguesa no século XII.
- Guimarães, uma cidade excepcionalmente bem preservada, reflete a evolução de alguns edifícios particulares desde os tempos medievais até ao presente, com particular incidência entre os séculos XV e XIX (G.T.L., 2002)¹⁷.

As intervenções realizadas no CHG foram consideradas pioneiras em Portugal nomeadamente no planeamento da conservação do património existente, antecipando-se a recomendações internacionais em alguns casos. A fusão entre a revitalização do património e dos valores sociais e funcionais das áreas intervencionadas conseguiram o que se pode considerar, a manutenção da alma do lugar (Matos, 2014).

¹⁷ G.T.L – Gabinete Técnico Local

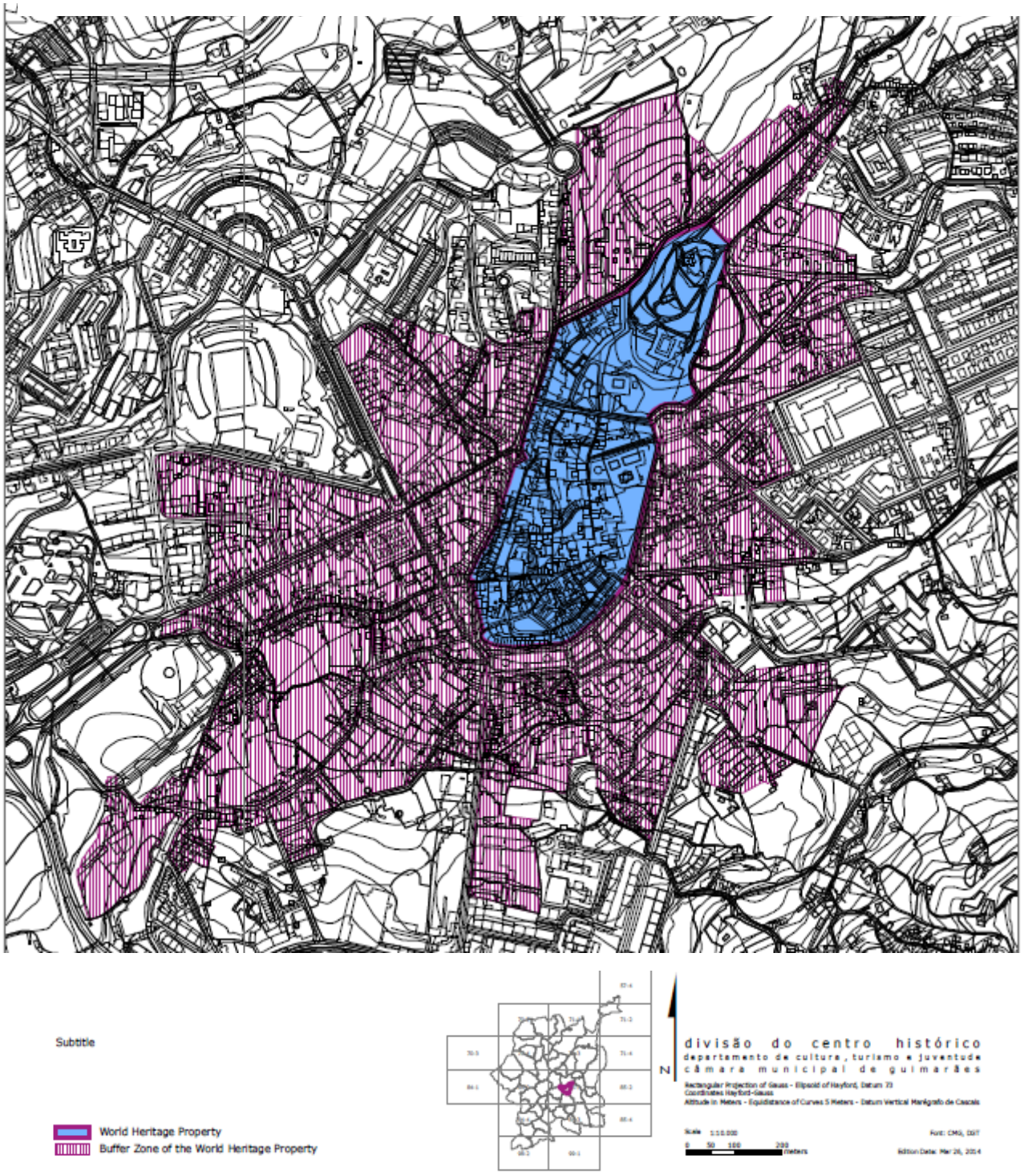
Figura 10. Mapas da candidatura do Centro histórico e Património da Unesco



Fonte: Gabinete do Centro Histórico

A zona a azul é a mancha que corresponde às delimitações do centro histórico e a mancha a amarelo delimitada a vermelho corresponde à zona tampão. Os dados referentes às especificidades do mapa, encontram-se na legenda do mapa 11 que complementa esta informação.

Figura 11. Mapas da candidatura do Centro histórico e Património da Unesco



Fonte: Gabinete do Centro Histórico

O plano de intervenção no CHG estende-se numa área classificada de 19.45 ha (neste mapa a azul) e que incluindo a zona especial de proteção chega a 99.23 ha (neste mapa a cor de rosa). Em 2015, a Câmara Municipal de Guimarães comunicou, em notícia no seu site e na comunicação social local, a proposta à UNESCO para duplicar a área classificada

como Património Mundial com a inclusão da Zona de Couros, onde era desenvolvida a indústria de curtumes, como forma de preservação dos tanques, do sistema hídrico e da narrativa do trabalho que aí se desenvolvia. Nesta proposta estão incluídas mais de 15 unidades industriais e uma extensão de tanques de curtimento superior a 4000 metros/quadrados que constituem um conjunto monumental, numa área urbana onde se desenvolveram ao longo de vários séculos manufaturas de curtume. (Guimarães Turismo, 2019). Para esta proposta acontecer, o Estado já havia recomendado a integração Zona de Couros na Lista Indicativa portuguesa de valores a preservar. Sendo um Bem patrimonial com reconhecida importância deu-se um passo importante para que a Unesco possa inscrever, avaliar e aceitar o alargamento da área classificada. O mapa apresentado é um documento de trabalho que está ainda em estudo¹⁸, discussão e em constante evolução, mas apresenta-se para ter uma ideia geral da extensão da proposta de alargamento. A manter-se esta proposta a área classificada passa para 38.66 hectares e a zona especial de proteção proposta será de 84.95 hectares.

Figura 12. Proposta de inclusão de couros na zona classificada



¹⁸ Mapa cedido pelo Gabinete do Centro Histórico de Guimarães

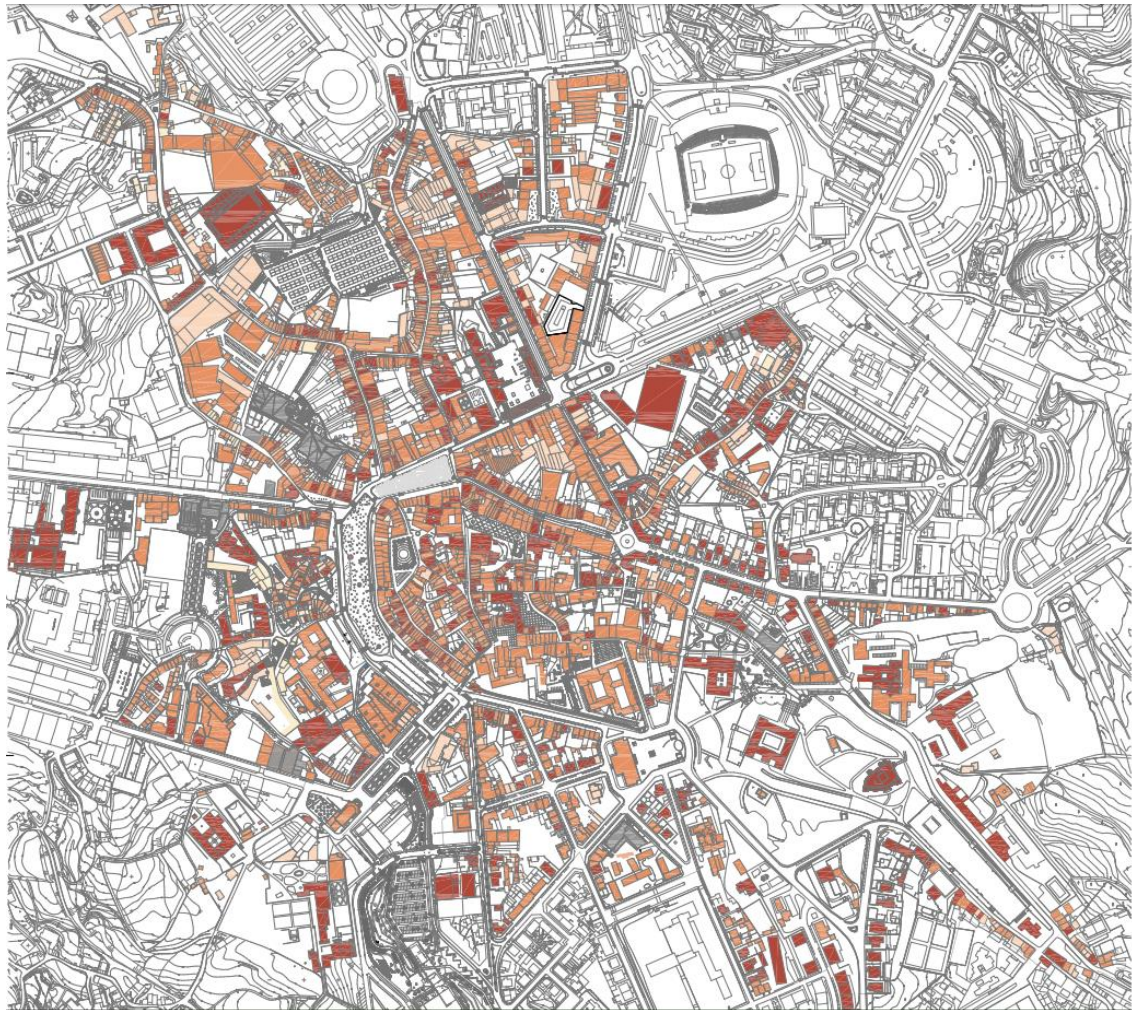
Em 2016, a Comissão Nacional da UNESCO inscreveu a ampliação da Zona de Couros a Património Cultural da Humanidade na Lista Indicativa de Portugal, instrumento de planeamento e de preparação de candidaturas onde os países assinalam os seus bens culturais, naturais e mistos para que possam ser propostos e estarem em condições de os representar na candidatura anual que podem submeter. Aguarda-se num futuro próximo a decisão da extensão da zona classificada.

A fundamentação da inclusão na Lista Indicativa a Património Mundial da Zona de Couros baseia-se em três critérios:

- Testemunho excepcional de uma tradição desaparecida, identificada através dos tanques graníticos, do sistema hidrológico e da história desse trabalho;
- Exemplo excepcional de uma paisagem que identifica um ou mais do um período da história humana;
- Exemplo excepcional da utilização tradicional do território e representativo de uma cultura (ou culturas) e da interação humana com o meio ambiente (ICOMOS - Comissão Nacional Portuguesa, 2017).

Abaixo é apresentado o mapa com o estado de estado de conservação do edificado no CHG em 2018, sendo esta a panorâmica mais atualizada que existe sobre o CH.

Figura 13. Estado do edificado no CH em 2018



DIVISÃO DO CENTRO HISTÓRICO - D.C.H.

2. Estado de Conservação

— Limite da área de intervenção do Plano de Urbanização

— Edifício não analisado

— Estado de conservação bom

— Estado de conservação razoável

— Estado de conservação mau

— Ruína

— Obras em curso

Fonte: Mapas cedidos pelo Gabinete do Centro Histórico de Guimarães

- Os pontos a castanho mais escuro representam o edificado cujo estado de conservação é bom e existem felizmente muitos exemplos, sem conseguir precisar a percentagem;
- Os pontos a castanho – alaranjado e que se mostram a maior parte do edificado, apresentam estado de conservação razoável, sendo necessária monitorização e intervenção atentas;

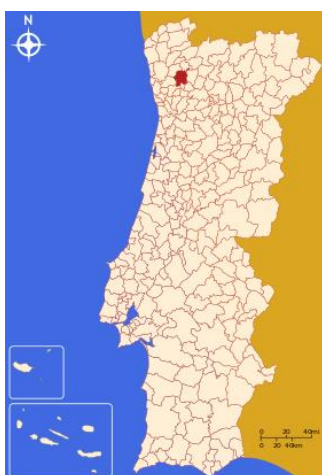
- Os pontos a laranja claro são os pontos com estado de conservação mau, havendo vários pontos críticos quer na parte norte, assim como na parte sul do CHG;
- Os pontos a creme representam o edificado em ruína e os pontos cinza escuro são as obras que estão a decorrer.

Este legado histórico, classificado como Património Mundial, é um dos motivos de atratividade turística da cidade de Guimarães e que ao longo do seu desenvolvimento, teve de diversificar e aumentar a oferta hoteleira à medida que o aumento da procura turística se foi verificando e que a cidade foi ganhando mais notoriedade.

4.4 Enquadramento e caracterização atual do território

O município de Guimarães abrange uma área de 240,95 km e 114 km de perímetro e regista a altitude máxima a 611 metros e a mínima a 84 metros. Situada no Norte do país, no Noroeste com maior precisão, Guimarães engloba atualmente 48 freguesias e integra o Vale do Ave (NUTS III) e, a maior escala, a região Norte (NUT II). Segundo os Censos de 2011, Guimarães tinha 158.124 habitantes (média dimensão). Os dados fornecidos pelo Pordata relativamente a 2015 indicam que existiam 155.214 habitantes (Guimarães Turismo, 2019). Guimarães situa-se a três horas de distância de Lisboa (aproximadamente 350 km) e a 45 minutos do Porto (cerca de 50 km). A rede de autoestradas é uma das melhores vias para chegar a Guimarães, quer através da autoestrada A7, quer pela A3.

Figura 14. Localização de Guimarães a nível nacional



Fonte: Relatório Câmara Municipal de Guimarães

4.5 Caraterização turística

4.5.1 Indicadores da Oferta

A nível da oferta hoteleira e fazendo uma retrospectiva até 2013 denota-se o aumento gradual do número de estabelecimentos hoteleiros e também da capacidade dos mesmos.

Tabela 1. Número de estabelecimentos hoteleiros e capacidade de ocupação entre 2013 e 2018

| Ano | Nº total de estabelecimentos hoteleiros | Capacidade Nº de pessoas |
|------|---|--------------------------|
| 2013 | 15 | 1707 |
| 2014 | 26 | 1824 |
| 2015 | 33 | 1983 |
| 2016 | 30 | 1924 |
| 2017 | 39 | 2289 |
| 2018 | 44 | 2493 |

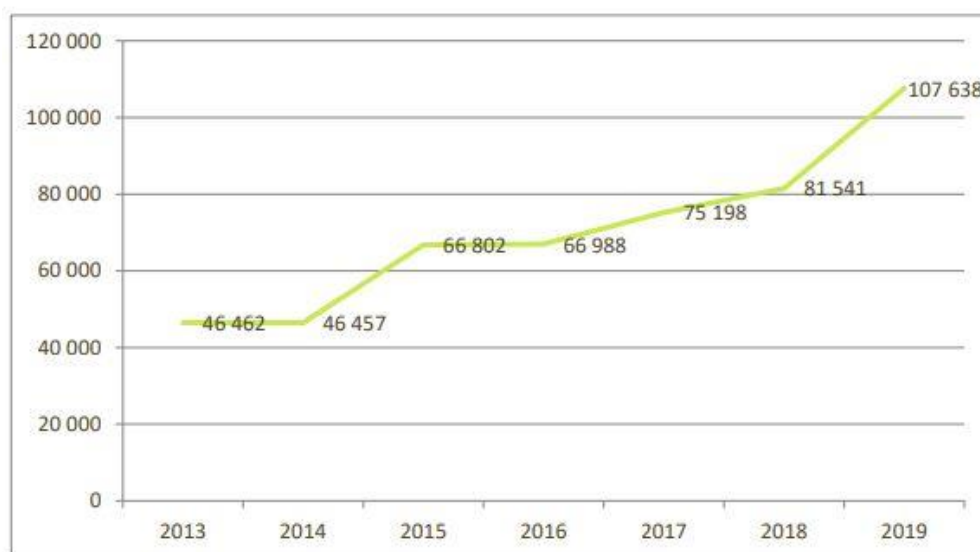
Fonte: (INE, 2019)

A nível cultural de referir os emblemáticos Castelo e Paço dos Duques, mas também o Museu Alberto Sampaio, Plataforma das Artes e Casa da Memória, Centro Cultural Vila Flor, o Multiusos de Guimarães e o Estádio D. Afonso Henriques. A classificação do CHG como Património Mundial da Humanidade só veio potenciar toda a área do centro histórico e todas as atrações patrimoniais, mas também sociais que só um ‘museu ao ar livre’ pode proporcionar.

4.5.2 Indicadores da Procura

Um dos indicadores da procura turística da cidade é a afluência de turistas aos Postos de turismo, e esta aumentou 32% em 2019 face ao ano anterior. O número de visitas é ainda mais significativo quando comparamos por exemplo o ano de 2013 – com 46.462 visitantes com 2019 em que o número de visitantes foi de 107.638. As nacionalidades mais significativas são a espanhola com 48,2%, francesa com 14,1%, portuguesa com 9,1% e os brasileiros com 6,2%. Este aumento na procura poderá ser fruto da classificação como Património Mundial, da Capital Europeia da Cultura e de outros grandes eventos e mesmo do aumento dos voos low-cost a operar no Aeroporto Sá Carneiro.

Figura 15. Afluência aos postos de turismo em 2019



Fonte: (Guimarães Turismo, 2020)

As duas principais razões apontadas por estes turistas para visitarem a cidade são:

- Visita a cidades históricas da região – 39.8%
- Guimarães ser Património Mundial da Humanidade – 22.7%

Relativamente à taxa de ocupação, e pelo segundo ano consecutivo, manteve-se nos 62%, tendo sido registada a maior procura no fim-de-semana da Páscoa e nos meses de junho a setembro (Guimarães Digital, 2020).

As visitas a monumentos e museus no concelho de Guimarães subiram 8.3% face a 2018, atingindo as 939.882. Os principais monumentos de Guimarães – Castelo e Paço dos Duques - apresentaram novos recordes de visitação, tendo em conjunto atingido mais de 800 mil visitas. O Paço dos Duques registou 463.607 visitas e o castelo assinalou 374.513 visitas. Com este aumento, estes dois equipamentos culturais, posicionaram-se na liderança dos mais visitados do país, segundo a Direo Regional de Cultura do Norte (Mais Guimarães, 2020).

Cap.V

5- Paisagem Urbana: potenciador da cidade de Guimarães

No capítulo da revisão bibliográfica já foram referidos alguns dos atrativos que se relacionam com a atratividade de uma cidade nomeadamente nos pontos referentes à paisagem urbana e todos os seus atores e condicionantes. Além dos atrativos materiais e imateriais, explorou-se a temática da ‘alma do lugar’ que é um misto dos legados passados, do que se faz no presente e das rotinas e modos de estar dos residentes. É essa identidade que quando conjugada com uma harmoniosa paisagem urbana, potencia um determinado local como um destino turístico de passagem obrigatória.

Como destacar um território, entre outros, com atributos semelhantes, é o desafio das entidades gestoras do planeamento urbano e turístico e esse trabalho requer uma visão a muito longo prazo, nem sempre compreendida no presente. A pertinência da existência de planeamento, além do trabalho de pesquisa e de elaboração de estratégias tendo como base o território, acabam por conseguir potenciar recursos existentes e torna-los recursos turísticos, conseguindo assim diversificar a oferta e alavancar a procura.

A partir do Estudo Multidisciplinar Centro Histórico de Guimarães presente no livro ‘Paisagem com Cidade e Maçãs Vermelhas’ (uma edição para a Capital Europeia da Cultura) teve-se como apontamento sociodemográfico, que a população que atualmente reside no centro histórico é maioritariamente feminina, tendencialmente envelhecida, com fraca escolaridade, podendo ainda afirmar-se que os moradores são de classe média e mais baixa das classes sociais e que uma grande parte viveu sempre no centro histórico e na mesma casa (Filipe, 2012). Importa então, reforçar três linhas que se foram abrindo ao longo da investigação e que já haviam sido referidas por Freire (2012): a identidade do lugar (a relação do eu com o lugar), a vinculação ao lugar (ligação emocional) e a dependência do lugar (contexto físico, social e emocional). Não falamos apenas de um espaço físico, localizado geograficamente e com características naturais e sociais apresentadas em forma de lista como algo imutável. Existem características mutáveis e dessas importa refletir e atualizar no tempo e no espaço que cada investigador vai vivendo. Freire refere que ‘os lugares podem ser definidos como uma unidade de experiência ambiental no sentido em que representam uma confluência de cognições, emoções e ações organizadas na interação do indivíduo que as experiências com os outros e o ambiente’ (T. Freire, 2012).

Guimarães e o seu centro histórico, um lugar, são um bom exemplo de um plano de requalificação, em tempos em que não se trabalhava desta forma multidisciplinar, mas que acabou por torná-lo no que é hoje, em Património Mundial reconhecido pela Unesco. O seu centro histórico classificado distancia-se da ideia da museificação do espaço urbano. Museificação em vez de musealização que aparentemente parecem ter significados semelhantes. Musealização é segundo Marín & Del Cairo (2013) um termo entendido como o ato de se inserir um determinado objeto dentro do Museu.

O Turismo é mais um elemento a acrescentar ao centro histórico, que se enquadra na paisagem urbana e em seguida, iremos analisar quais os impactos que produz e no capítulo posterior serão apresentados os resultados do nosso estudo.

5.1 Paisagem Urbana e o impacto do Turismo

Querelando-se sobre o mais importante, observa-se uma cidade que se lançou para o futuro, bem alicerçada na sua herança cultural e que concilia os espaços de memória, adaptados aos tempos atuais, que procura honrar a classificação como Património Mundial da Humanidade. Nessa visão de futuro foi apresentada em 2019 um plano estratégico turístico por um período de 10 anos tendo como consultor externo, a *Bloom Consulting* (numa estratégia de escolher os canais certos de comunicação, saber que imagem quer transmitir e que público que quer atrair). Numa primeira fase foram realizados estudos quantitativos (inquérito online a 447 indivíduos em território nacional) e qualitativos (59 entrevistas presenciais e 8 entrevistas externas), tendo em vista compreender as opiniões internas e externas sobre a cidade.

Em termos nacionais, nas entrevistas conseguiu-se apurar que em termos de reconhecimento da cidade de Guimarães por parte da população, a perceção é 100% positiva. Nos questionários na questão ‘Já ouviu falar de Guimarães?’ 98% responderam que sim e 2% responderam que não (Bloom Consulting, 2019).

Figura 16. Resultados nacionais das entrevistas e questionários da Bloom Consulting



Fonte: *Bloom Consulting*

Em relação ao reconhecimento internacional, o estudo mostra que se posiciona em 3º lugar a nível de pesquisas para visitar em Portugal (33%), tendo como dado curioso o facto de se posicionar à frente da sede de distrito, Braga (32%). Abaixo, apresenta-se um quadro comparativo com outras cidades portuguesas:

Figura 17. Resultados digitais das procuras nacionais e internacionais



Fonte: *Bloom Consulting*

Aprofundando este conhecimento acerca da cidade vimaranense, é observável que é mais reconhecida em Espanha, Brasil e França, dando o estudo como justificativa a proximidade geográfica e cultural. Outra das questões abordadas foi no sentido de quantificar a experiência de visita a Guimarães pela primeira vez e que atingiu a classificação de 8.5 na escala até 10. Alguns dos problemas detetados relacionam-se com

a curta estadia no território, a concentração no centro da cidade, a perda de notoriedade entre os jovens e ser uma cidade desconhecida fora de Portugal.

Na segunda fase deste plano estratégico, procurou-se elaborar um conjunto de recomendações, sendo a primeira relacionada com a unificação do território de Guimarães de forma a mostrar que há experiências complementares que os visitantes e turistas não estão a usufruir. A segunda recomendação é a comunicação. Comunicar de forma mais eficaz e mudar o paradigma instalado de que a Guimarães é apenas visitar o Castelo e o Paço dos Duques, o que contribui, largamente, para a curta estada e para a concentração no centro. A terceira é diversificar os públicos-alvo através de uma melhor segmentação, criando assim ações e atividades mais específicas que vão ao encontro do que os visitantes e turistas querem viver e experienciar. A quarta recomendação direciona-se para a exploração do bairrismo vimaranense que se traduz num verdadeiro orgulho e que acaba por ser também é uma vivência autêntica. A quinta e última recomendação passa por encontrar a ideia central da estratégia que não é mais do que a ideia que a cidade quer que tenham dela. Partindo da palavra central ‘garra vimaranense’ associaram-se uma série de palavras-chave tais como as que são apresentadas na imagem abaixo:

Figura 18. Ideia central da estratégia de comunicação proposta pela Bloom Consulting



Fonte: *Bloom Consulting*

Através desta estratégia, pretende-se o maior envolvimento da comunidade, no saber receber, no transmitir o que é ser vimaranense, e depois implementar este processo de

forma a ser desenvolvido, em concordância com muitos dos eventos que já são feitos e são direcionados para os turistas ou para os residentes. E, sob este ponto de vista, todos os intervenientes, diretos e indiretos, iriam beneficiar com o estabelecimento deste rigor e sistematização no processo de integração coerente e de visão a longo prazo (Bloom Consulting, 2019).

Para contraponto e análise central do nosso trabalho procederemos agora ao estudo central desta investigação, com a apresentação e análise de inquéritos e entrevistas e ainda a discussão de dados.

No capítulo seguinte apresentar-se-ão as suas opiniões, preocupações e recomendações recolhidas através de inquérito por questionário (turistas e residentes) e por entrevista (entidades), que servirão para diagnosticar os conflitos gerados pela relação entre turismo e paisagem urbana, apontar os impactos sobre o usufruto do património consequentes do turismo e descobrir as diferenças e pontos comuns na perceção e avaliação de paisagens urbanas entre residentes e turistas. Esta análise terá sempre como fio condutor os objetivos iniciais da investigação, sendo este capítulo, o resultado do trabalho apresentado nos capítulos anteriores e a resposta aos seguintes objetivos específicos:

- Diagnosticar os conflitos gerados pela relação entre turismo e paisagem urbana, apontando os impactos sobre o usufruto do património consequentes do turismo;
- Descobrir as diferenças e pontos comuns na perceção e avaliação de paisagens urbanas entre residentes e visitantes.

Cap. VI

6- Apresentação, análise e discussão de dados

A análise dos dados contempla dois cenários, antes e durante a pandemia mundial da Covid-19.

6.1 Residentes, Turistas e Entidades

Na presente dissertação, os grupos de pessoas alvo de análise, foram escolhidos de forma a tornar este estudo de caso sobre Guimarães, o mais abrangente possível. Para isso, perscrutaram-se as partes intervenientes na atividade turística da cidade: residentes, turistas e entidades culturais que tenham um papel ativo.

Residentes

Para os residentes, a questão de vinculação a um lugar é indubitavelmente ligada à própria identidade do mesmo. Freire na sua análise defende que, ‘os lugares relativos à casa, à vizinhança e à cidade têm sido analisados, com resultados que mostram que a vinculação à casa e à cidade têm sido mais analisados, (...) e mostram que a vinculação à casa e à cidade tende a ser tipicamente mais forte do que a vinculação à vizinhança que é geralmente é o lugar que apresenta níveis de vinculação mais baixos’ (T. Freire, 2012).

A abordagem ‘porta a porta’ não se mostrou muito eficaz, tendo sido visitados maioritariamente negócios que pediam para passar mais tarde ou não demonstravam interesse em responder. A natureza da investigação e sendo Guimarães tantas vezes alvo de estudo, poderá ter levado a população a uma saturação sem que reveja importância para o seu dia-a-dia. Esta é uma reflexão pessoal e aberta a outras interpretações. A população quer ser ouvida, mas pelas autoridades locais. De forma a colmatar esta dificuldade foi criado o inquérito *online* e que acabou por se mostrar mais eficaz e participativo. A aplicação de inquéritos aos residentes (*online* na sua quase totalidade) numa altura de incerteza e confinamento social revelou uma população interessada e colaborativa. De salientar, que ao responderem às questões, deixaram ainda notas, reparos em cada uma das temáticas.

Turistas

Os esquemas arquitetónicos e urbanísticos da cidade de Guimarães, ora de traçado medieval no centro histórico, passando ainda por influências de outros estilos e a interligação com o contemporâneo e as necessidades atuais fazem parte do que capta os turistas. Sem o conjunto de estruturas e infraestruturas de apoio, o turista não poderia usufruir da mesma forma da cidade.

A aplicação do inquérito aos turistas, tal como já referido, aconteceu maioritariamente no Paço dos Duques, pois aí tinham um espaço para responder e o facto de estar dentro de uma instituição dava credibilidade ao que estava a desenvolver. As várias nacionalidades com as quais tivemos de contactar, não fizeram só parte de um número de inquéritos que teria de atingir. Muitos deles, demonstraram verdadeiro interesse pelo tema e vontade de ler o resultado final.

Entidades

Entidade pode ser definida como uma ‘organização estabelecida com fins sociais, políticos, económicos, etc.; instituição’ (Infopédia, 2020). A associação de pessoas acaba por ser o resultado de ideias e objetivos comuns.

As entidades escolhidas para entrevista nesta investigação seguiram os seguintes critérios:

- Com papel ativo na dinamização cultural da cidade;
- Com disponibilidade para participação no estudo;
- Diversidade de conhecimentos;

Na investigação desenvolvida para a temática desta dissertação foi pertinente (trazer conhecimento científico através das técnicas já enunciadas), nas deslocações à cidade, auscultar os residentes e os turistas. Assim, foi possível colocarmo-nos no papel de cada um dos atores: em alguns dos dias fomos observadores diurnos e em outros fomos observadores noturnos. Foi possível ver os modos de viver, as zonas de maior trânsito, os locais de maior concentração pessoas, os constrangimentos de circulação, os horários de funcionamento de alguns serviços públicos e acima de tudo convivemos com diferentes realidades.

As conclusões serão exploradas nos inquéritos e nas entrevistas trazendo assim perspetivas individuais e de grupo. Como articular a valorização da paisagem urbana sem que isso cause constrangimentos aos habitantes? É uma pergunta que recorrentemente nos assolou na investigação e que se procurou ir respondendo na revisão bibliográfica e no desenrolar deste trabalho.

6.2 Caracterização da amostra

De forma a dar seguimento à investigação e objetivos traçados, conseguiram-se um total de 384 inquéritos a turistas - temos a destacar a participação de 26 nacionalidades - e 291 inquéritos a residentes dos quais 260 foram respondidos *online* e 31 foram respondidos em papel, presencialmente.

Perfis sociodemográficos dos Residentes e Turistas

- **Género**

Figura 19. Género dos Residentes

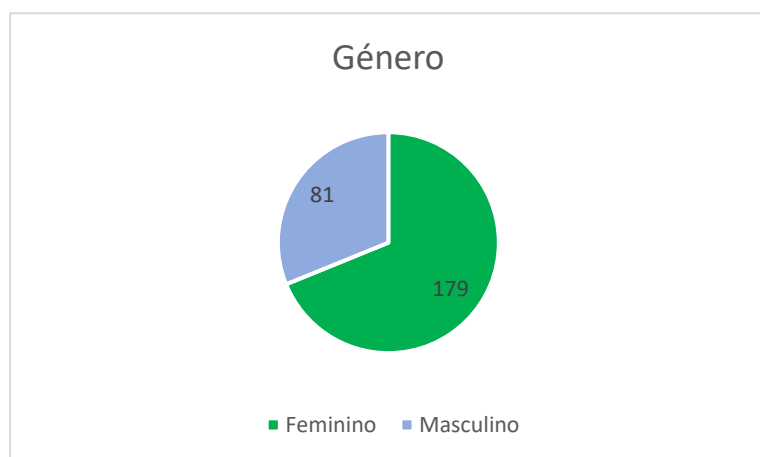
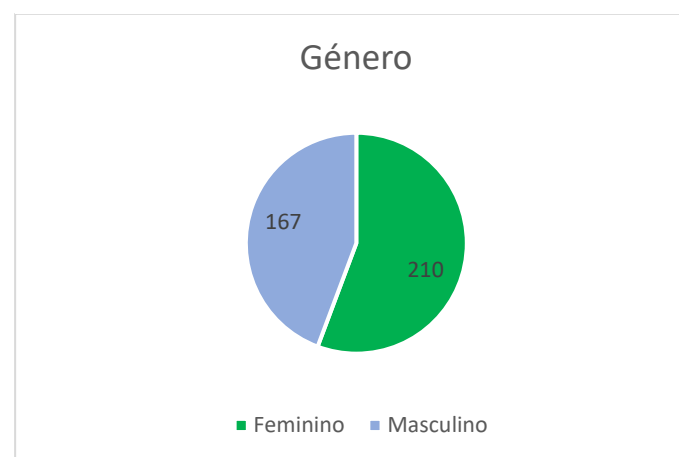


Figura 20. Género dos Turistas



Fonte: Elaboração própria

No primeiro ponto do questionário, que se refere ao género, tanto no caso dos residentes como dos turistas, a maioria das respostas foram dadas pelo género feminino: nos residentes foram 179 respostas (69% da amostra) e nos turistas foram 210 (55%). A salientar a diferença de resposta no público masculino, que teve muita mais expressão no caso dos turistas em que obtivemos 167 respostas (44%) e nos residentes, 81 homens responderam (31%)

- **Idade**

Figura 22. Idade dos residentes

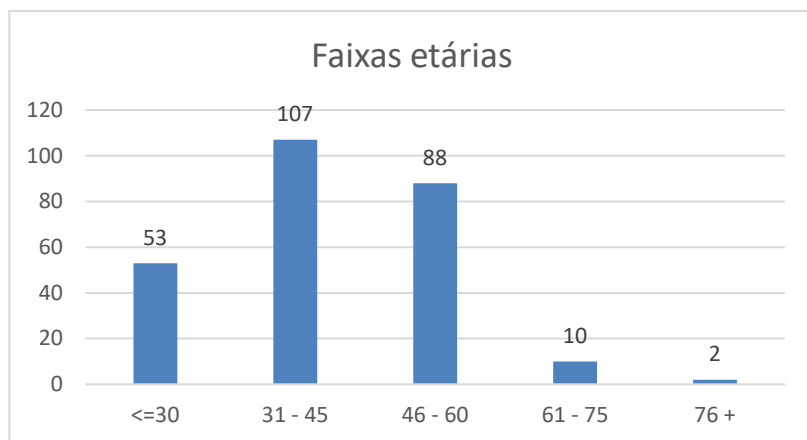
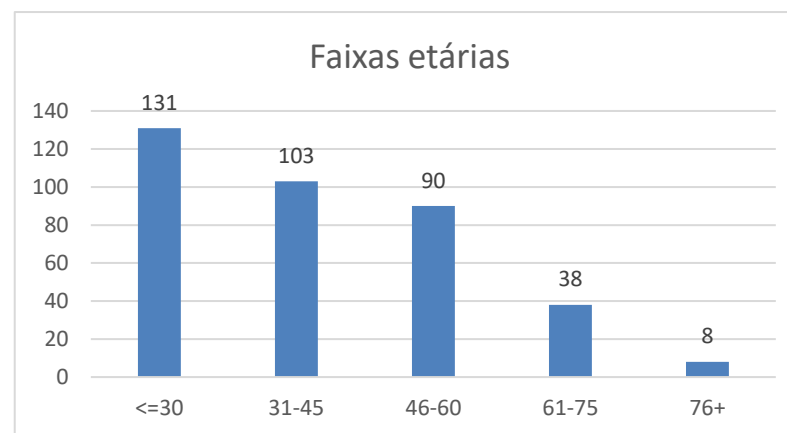


Figura 21. Idade dos Turistas



Fonte: Elaboração própria

Em termos de respostas agrupadas por faixas etárias em relação aos **Residentes**, destaca-se que: 53 pessoas têm idade abaixo ou igual a 30 anos (20%); entre os 31 - 45 anos, obteve-se a maior frequência, 107 respostas (41%), demonstrando uma maior disponibilidade para responder; entre os 46 - 60 anos, obteve-se 88 respostas (34%); entre os 61 - 75 anos diminuiu a frequência para 10 respostas (4%) e com mais de 76 anos registam-se 2 respostas (1%). Nas respostas dos **Turistas**: 131 pessoas têm idade abaixo ou igual a 30 anos (35%); entre os 31 - 45 anos, obtiveram-se 103

respostas (28%); entre os 46 - 60 anos, registam-se 90 respostas (24%); entre os 61 - 75 anos diminuiu a frequência para 38 respostas (10%) e com mais de 76 anos obtiveram-se 8 respostas (2%).

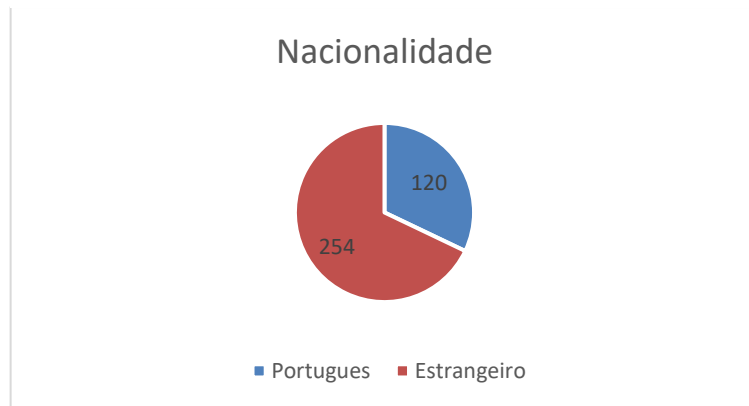
O que se destaca imediatamente nestes gráficos é que entre os Turistas, obteve-se indubitavelmente, mais respostas por parte dos mais jovens, com idade abaixo ou igual a 30 anos e nos residentes a faixa etária mais representativa situa-se entre os 31-45 anos. Outro dado a destacar é que na população mais velha, acima dos 61 anos houve uma clara e notável participação pelos Turistas (46 respostas) quando comparada com a dos residentes em que tivemos uma participação baixa (12 respostas).

A população mais jovem, que respondeu com maior frequência ao questionário, poderá ter usado os voos low-cost para conhecer uma cidade portuguesa, relativamente perto do Aeroporto Sá Carneiro, na cidade do Porto e que se vem afirmando como um destino cultural forte ainda mais alicerçado após a classificação como Património Mundial pela Unesco.

- **Nacionalidade e Dias de Estada**

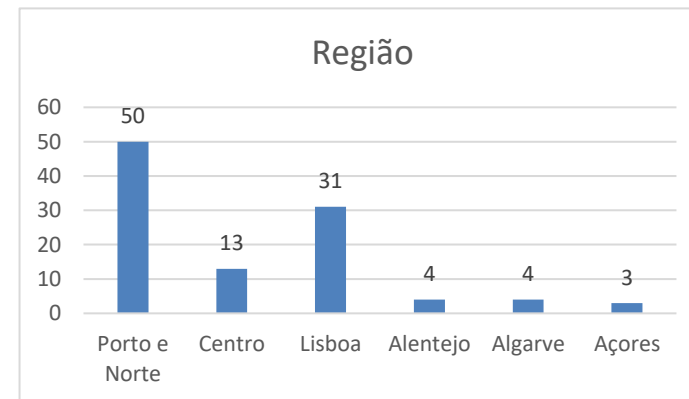
A análise apenas é **relativa aos turistas**, visto que todos os residentes entrevistados eram de nacionalidade portuguesa e a questão da estada não se aplica.

Figura 23. Idade dos residentes



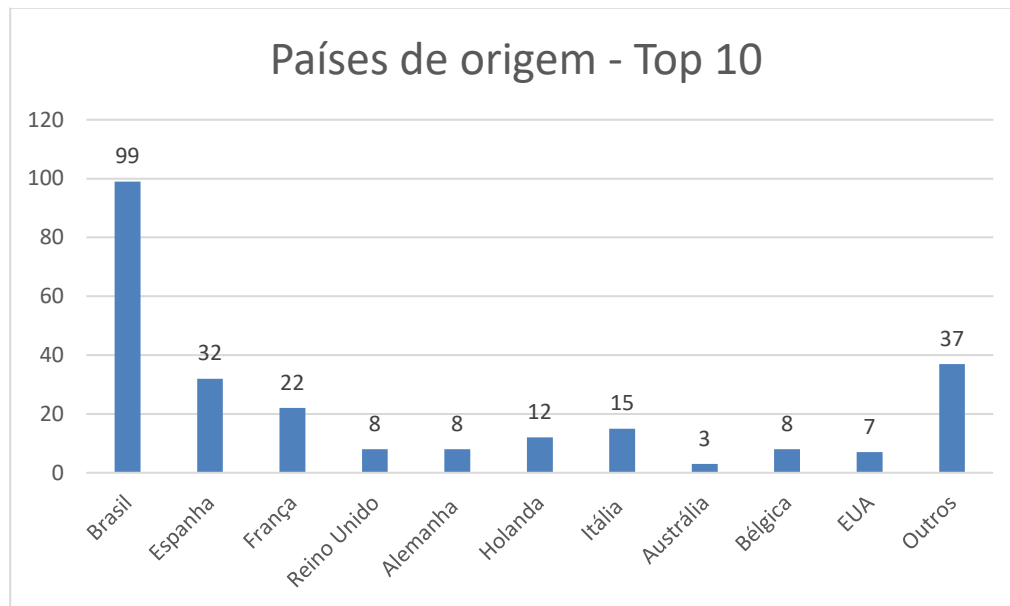
Fonte: Elaboração própria

Figura 24. Idade dos turistas



- Dentro da categoria de estrangeiros, os países de origem mais representativos

Figura 25. Top 10 – Países de origem

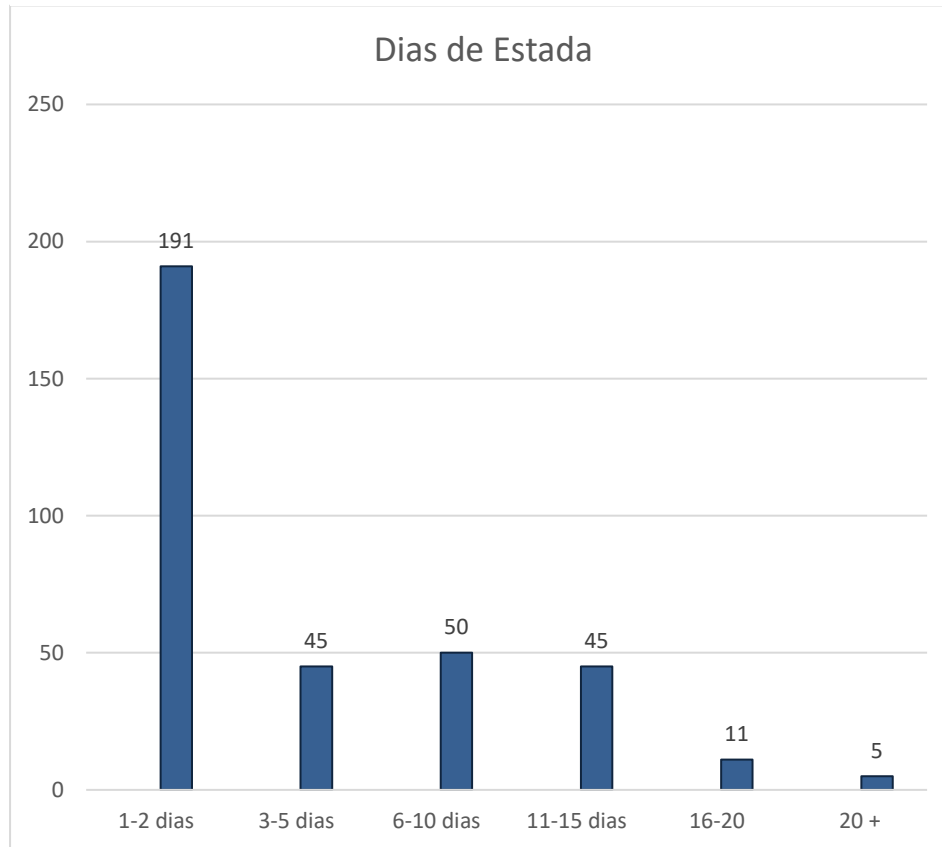


Na categoria 'outros' incluíram-se nacionalidades com respostas iguais ou abaixo de 3 menções e incluem-se África do Sul, Angola, Áustria, China, Croácia, Hungria, Irlanda, Japão, Perú, Polónia, República Checa, Rússia, Suécia, Suíça e Turquia. Ainda de referir que 129 pessoas não responderam a esta questão.

Fonte: Elaboração própria

- Dias de estada

Figura 26. Dias de Estada



Fonte: Elaboração própria

A maioria dos turistas permanece na cidade entre 1 a 2 dias. Nas categorias seguintes, as respostas tiveram frequências muito próximas: entre os 3 a 5 dias obtivemos 45 respostas, entre os 6 a 10 dias, obtivemos 50 respostas e entre os 11 e os 15 dias registamos 45 respostas. Nas restantes possibilidades, a frequência de resposta é menor: entre os 16 e os 20 dias, obtivemos 11 respostas e mais de 20 dias, registamos 5 respostas.

Nesta questão pensa-se que haverá uma margem de erro grande, visto que se desenvolveu a maioria dos inquéritos com muita proximidade aos turistas e tentou-se esclarecer as dúvidas sempre que necessário. Esta ressalva é feita, pois todos os que pediram ajuda, nos perguntavam se eram dias de estada na cidade, na região ou no país e aí notamos a dubiedade da pergunta e que se nota nalguns números aqui apresentados.

- **Profissão**

Tabela 2 . Categorias profissionais dos residentes

| Categorias | Nº | % |
|--|-----|------|
| Quadros Superiores | 25 | 6.6 |
| Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas | 114 | 30 |
| Técnico Profissional de Nível Intermédio | 65 | 17.1 |
| Pessoal Administrativo e Similares | 19 | 5 |
| Pessoal dos Serviços e Vendedores | 29 | 7.6 |
| Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores da Manutenção | 3 | 0.8 |
| Estudante | 73 | 19.2 |
| Reformado/a | 35 | 9.2 |

Fonte: Elaboração própria

Tabela 3. Categorias profissionais dos turistas

| Categorias | Nº | % |
|--|----|----|
| Quadros Superiores | 12 | 5 |
| Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas | 70 | 27 |
| Técnico Profissional de Nível Intermédio | 48 | 18 |
| Pessoal Administrativo e Similares | 25 | 10 |
| Pessoal dos Serviços e Vendedores | 44 | 17 |
| Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores da Manutenção | 23 | 9 |
| Estudante | 27 | 10 |
| Reformado/a | 11 | 4 |

Figura 27. Categorias profissionais dos residentes

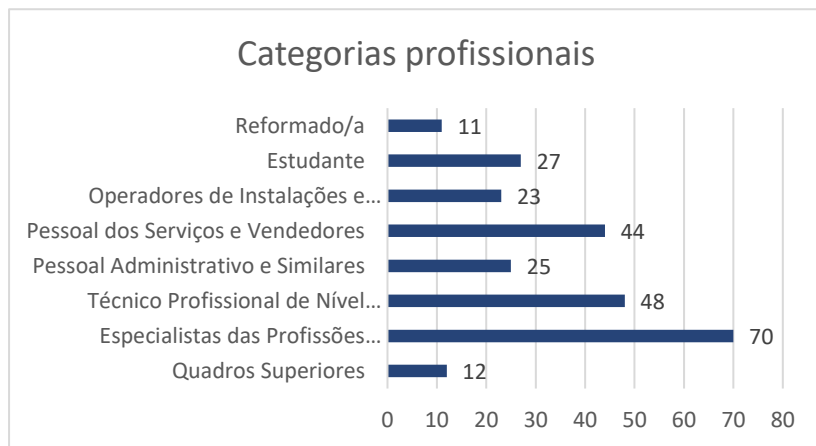
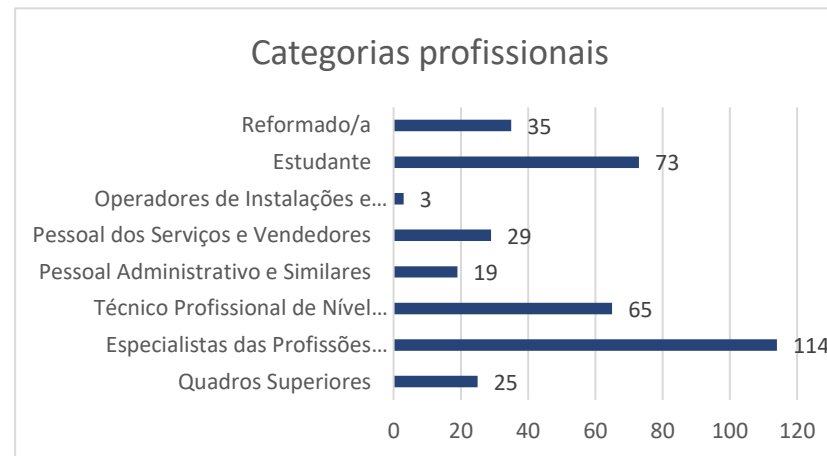


Figura 28. Categorias profissionais dos turistas



Fonte: Elaboração própria

Existe uma categoria que se destaca nos gráficos dos residentes e dos turistas: Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas. Na segunda categoria mais representada, já existe uma diferença entre as respostas: nos residentes, a categoria profissional é a de Técnico Profissional de nível intermédio e nos turistas, a segunda profissão com mais respostas já é a de estudante.

6.3 Análise das Percepções dos Residentes e Turistas

Neste ponto, são analisadas, com base nos dados recolhidos pelo inquérito por questionário, todas as perguntas que dele constavam. Fez-se uma opção de analisar os resultados por questão, pois desta forma temos uma apreciação comparativa imediata das respostas dadas pelos residentes e turistas.

Nos gráficos apresentados, optou-se pela apresentação dos dados com base nos indicadores da estatística descritiva, de frequência absoluta e relativa. A primeira tabela a ser apresentada é sempre relativa aos residentes e a segunda tabela é referente aos turistas.

- Sinalização Direcional

Tabela 4. Percepção dos Residentes – Sinalização Direcional

| Indicadores | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % |
|----------------------|-----------------|--------------|-----------------|------------|-----------------|-----------|-----------------|---|
| | Quantidade | Insuficiente | | Suficiente | | Excessiva | | |
| 42 | | 16 | 213 | 82 | 5 | 2 | | |
| Desenho | Inadequado | | Adequado | | Muito adequado | | | |
| | 11 | 4 | 217 | 83 | 32 | 12 | | |
| Localização | Inadequado | | Adequado | | Muito adequado | | Em branco | |
| | 17 | 7 | 194 | 75 | 48 | 18 | 1 | 0 |
| Utilidade | Inútil | | Útil | | Muito útil | | | |
| | | | | | | | | |
| | 6 | 2 | 130 | 50 | 124 | 48 | | |
| Prejudica a paisagem | Sim | | Não | | | | | |
| | 21 | 8 | 239 | 92 | | | | |

Fonte: Elaboração própria

Tabela 5. Percepção dos Turistas – Sinalização Direcional

| | Indicadores | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % |
|-----------------------------|-------------------|-------------------------------|-------------------|---------------------|-----------------------|-------------------|------------------|------------------|-----|
| | | Sinalização Direcional | Quantidade | Insuficiente | | Suficiente | | Excessiva | |
| 42 | 11.1 | | | 322 | 84.7 | 8 | 2.1 | 8 | 2.1 |
| Desenho | Inadequado | | Adequado | | Muito adequado | | Em branco | | |
| | 11 | | 2.9 | 307 | 80.8 | 51 | 13.4 | 11 | 2.9 |
| Localização | Inadequado | | Adequado | | Muito adequado | | Em branco | | |
| | 20 | | 5.3 | 260 | 68.4 | 88 | 23.2 | 12 | 3.2 |
| Utilidade | Inútil | | Útil | | Muito útil | | Em branco | | |
| | 4 | | 1.1 | 241 | 63.4 | 119 | 31.3 | 16 | 4.2 |
| Prejudica a paisagem | Sim | | Não | | | | Em branco | | |
| | 50 | | 13.2 | 309 | 81.3 | | | 21 | 5.5 |

Fonte: Elaboração própria

A maioria dos residentes (213) e turistas (322) considera a quantidade de sinalização suficiente. No desenho da sinalização, regista-se concordância em que o mesmo é adequado, para residentes (217) ou para turistas (307). No ponto da localização, novamente confluem as respostas para ‘adequado’ os residentes (194) e os turistas (260). Quanto à utilidade, os residentes (130) e os turistas (241) responderam maioritariamente como

sendo útil. O último ponto desta temática, prende-se com considerarem que a sinalização prejudica a paisagem. Quer residentes (239) e turistas (309) responderam maioritariamente que ‘não’.

Nestas questões (1-6) existia a possibilidade de fazerem comentários, em resposta aberta, sobre a temática:

Residentes – com um total de 36 comentários, todos em português, destacam-se 34 que referem a sinalética para peões (destes, 3 são sobre a sinalética em geral e os restantes sobre a estética da mesma e apontamentos sobre casos específicos na cidade);

Dois comentários referem-se à circulação no centro histórico e ao estacionamento.

Turistas – Nesta questão, registam-se 24 comentários, sendo 14 em português e 10 em inglês.

Registam-se 3 pessoas mencionaram a falta de sinalização desde Estação de comboios até ao Centro Histórico.

Os restantes comentários são de temáticas variadas desde a estética dos sinais, à importância da mesma para guiar os turistas e ainda há falta de sinalização para invisuais.

O apontamento a tirar destes comentários, tanto pelo número de respostas como pelo conteúdo, prende-se com a maior preocupação dos residentes em apontar casos específicos em que a sinalização não está a funcionar ou pela necessidade da colocação de determinada sinalização para assegurar melhor circulação e segurança, quer para peões ou carros.

- Publicidade exterior

Tabela 6. Perceção dos Residentes – Publicidade exterior

| | Indicadores | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % |
|----------------------|----------------------|-----------------|--------------|-----------------|------------|-----------------|-----------|-----------------|---|
| | Publicidade exterior | Quantidade | Insuficiente | | Suficiente | | Excessiva | | |
| 23 | | | 9 | 210 | 81 | 27 | 10 | | |
| Desenho | | Inadequado | | Adequado | | Muito adequado | | Em branco | |
| | | 23 | 9 | 218 | 84 | 18 | 7 | 1 | 0 |
| Prejudica a paisagem | | Sim | | Não | | | | Em branco | |
| | | 34 | 13 | 223 | 86 | | | 3 | 1 |

Fonte: Elaboração própria

Tabela 7. Percepção dos Turistas – Publicidade exterior

| | Indicadores | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % |
|----------------------|-------------|----------------------|------------|-----------------|----------------|-----------------|-----------|-----------------|-----|
| | | Publicidade exterior | Quantidade | Insuficiente | | Suficiente | | Excessiva | |
| 42 | 11.1 | | | 313 | 82.4 | 18 | 4.7 | 7 | 1.8 |
| Desenho | Inadequado | | Adequado | | Muito adequado | | Em branco | | |
| | 20 | | 8.2 | 316 | 83.1 | 31 | 5.3 | 13 | 3.4 |
| Prejudica a paisagem | Sim | | Não | | | | Em branco | | |
| | 66 | | 17.4 | 296 | 77.9 | | | 19 | 4.7 |

Fonte: Elaboração própria

No que concerne à publicidade exterior, a maioria dos residentes (210) e turistas (313) considera a quantidade de sinalização suficiente. Quanto ao desenho, o maior número de respostas dos inquiridos é que o desenho da publicidade exterior é adequado, tanto para residentes (218) como para turistas (316). Quanto a prejudicar ou não a paisagem, a maioria das respostas dos residentes (223) e dos turistas (296), foi ‘Não’. Neste ponto, de salientar que apenas 34 residentes disseram que prejudicava a paisagem, mas no caso dos turistas, o número de respostas já é maior, sendo 66.

Nos comentários sobre esta temática, no caso dos residentes não fizeram nenhum comentário, sendo que apenas 6 pessoas escreveram ‘Não’ (não tinham comentários).

Turistas – Nesta questão, registam-se 24 comentários, sendo 14 em português e 10 em inglês. Relativo à publicidade, foram registadas 11 respostas, das quais 6 são em inglês e 5 em português.

Oito pessoas registam que não encontram muita publicidade e uma ainda acrescenta que até é positivo a sua não existência.

- **Mesas, cadeiras, Guarda-sóis dos estabelecimentos de restauração**

Tabela 8. Perceção dos Residentes - Mesas, cadeiras, Guarda-sóis dos estabelecimentos de restauração

| Indicadores | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % |
|----------------------|-----------------|--------------|-----------------|------------|-----------------|-----------|-----------------|-----------|
| | Quantidade | Insuficiente | | Suficiente | | Excessiva | | Em branco |
| 22 | | 8 | 200 | 77 | 36 | 14 | 2 | 1 |
| Desenho | Inadequado | | Adequado | | Muito adequado | | Em branco | |
| | 24 | 9 | 206 | 79 | 29 | 11 | 1 | 0 |
| Prejudica a paisagem | Sim | | Não | | | | | |
| | 38 | 15 | 222 | 85 | | | | |

Fonte: Elaboração própria

Tabela 9. Perceção dos Turistas - Mesas, cadeiras, Guarda-sóis dos estabelecimentos de restauração

| | Indicadores | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % |
|----------------------|--|-----------------|--------------|-----------------|------------|-----------------|-----------|-----------------|-----------|
| | Mesas, cadeiras, Guarda-sóis dos estabelecimentos de restauração | Quantidade | Insuficiente | | Suficiente | | Excessiva | | Em branco |
| 36 | | | 9.5 | 297 | 78.2 | 41 | 10.8 | 6 | 1.6 |
| Desenho | | Inadequado | | Adequado | | Muito adequado | | Em branco | |
| | | 19 | 5 | 305 | 80.3 | 38 | 10 | 18 | 4.7 |
| Prejudica a paisagem | | Sim | | Não | | | | Em branco | |
| | | 69 | 18.2 | 291 | 76.6 | | | 20 | 5.3 |

Fonte: Elaboração própria

A maioria dos residentes (200) e turistas (297) considera a quantidade de mesas, cadeiras e guarda-sóis dos estabelecimentos de restauração, como suficientes. Quanto ao desenho, o maior número de respostas dos inquiridos é que o desenho desses equipamentos é adequado, tanto para residentes (206) como para turistas (305). Quanto a prejudicar ou não a paisagem, a maioria das respostas dos residentes (222) e dos turistas (291), foi ‘Não’. Neste ponto, de salientar que apenas 38 residentes disseram que prejudicava a paisagem, mas no caso dos turistas, o número de respostas já é maior, sendo 69. Tal como na resposta anterior, poder-se-á explicar esta pequena diferença no facto dos turistas poderem responder por comparação com outros locais.

Nos comentários sobre esta temática:

Residentes – registam-se 32 comentários em português.

Sete comentários explanam bom conhecimento sobre a forma de atuação da Câmara Municipal relativamente à regulação em vigor sobre as esplanadas.

Sobre a estética e conforto das esplanadas obteve-se quatro comentários.

E um comentário apresenta soluções para melhorar as esplanadas no Centro Histórico.

Os restantes comentários são de assuntos variados e alguns com apenas a resposta ‘Não’ (não tem comentários).

- **Mobiliário urbano**

Tabela 10. Percepções dos Residentes: Mobiliário urbano

| | Indicadores | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % |
|-----------------------------|-------------------|-------------------|---------------------|-----------------|-----|-------------------|-----------------------|-----------------|------------------|
| | | Quantidade | Insuficiente | | | Suficiente | | | Excessiva |
| 65 | 25 | | 193 | 74 | 1 | 0 | 1 | 0 | |
| Desenho | Inadequado | | | Adequado | | | Muito adequado | | |
| | 19 | 7 | 217 | 83 | 23 | 4 | 1 | 0 | |
| Localização | Inadequado | | | Adequado | | | Muito adequado | | |
| | 27 | 10 | 206 | 79 | 25 | 10 | 2 | 1 | |
| Utilidade | Inútil | | | Útil | | | Muito útil | | |
| | 6 | 2 | 150 | 58 | 102 | 39 | 2 | 1 | |
| Prejudica a paisagem | Sim | | | Não | | | | | Em branco |
| | 16 | 6 | 243 | 93 | | | 1 | 0 | |

Fonte: Elaboração própria

Tabela 11. Percepções dos Turistas: Mobiliário urbano

| | Indicadores | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % |
|----------------------|-------------|-----------------|--------------|-----------------|----------------|-----------------|-----------|-----------------|-----------|
| | | Quantidade | Insuficiente | | Suficiente | | Excessiva | | Em branco |
| 48 | 12.6 | | 307 | 80.8 | 14 | 3.7 | 11 | 2.9 | |
| Desenho | Inadequado | | Adequado | | Muito adequado | | Em branco | | |
| | 18 | 4.7 | 312 | 82.1 | 39 | 10.3 | 11 | 2.9 | |
| Localização | Inadequado | | Adequado | | Muito adequado | | Em branco | | |
| | 17 | 4.5 | 286 | 75.3 | 62 | 16.3 | 15 | 3.9 | |
| Utilidade | Inútil | | Útil | | Muito útil | | Em branco | | |
| | 5 | 1.3 | 250 | 65.8 | 102 | 26.8 | 23 | 6.1 | |
| Prejudica a paisagem | Sim | | Não | | | | Em branco | | |
| | 33 | 8.7 | 309 | 81.3 | | | 38 | 10 | |

Fonte: Elaboração própria

A maioria dos residentes (217) e turistas (307) considera a quantidade de mobiliário urbano como suficientes. Quanto ao desenho, o maior número de respostas dos inquiridos é no sentido de considerar como adequado, tanto para residentes (193) como para turistas (312). Relativamente à sua utilidade, a maioria dos residentes considera útil (150) ou muito útil (102) e os turistas consideram útil (250) ou muito útil (102). No que respeita a

prejudicar ou não a paisagem, a maioria das respostas dos residentes (243) e dos turistas (309), foi 'Não'. Neste ponto, de salientar que apenas 16 residentes disseram que prejudicava a paisagem, mas no caso dos turistas, o número de respostas já é maior, sendo 33.

Nos comentários sobre esta temática:

Residentes – registam-se 32 comentários em português.

Cinco comentários fazem referência à falta de iluminação no CH.

Seis comentários são sobre pontos de depósito de lixo, como papeleiras e a necessidade de pontos de reciclagem.

Um comentário aborda genericamente a temática dando um contributo positivo para a melhoria da intervenção nesta área.

Os restantes comentários são diversos, referindo por exemplo as caixas multibanco e a falta de mobiliário urbano para as pessoas descansarem.

Turistas - Registamos 18 comentários acerca do mobiliário urbano, dos quais 8 são em inglês e 10 em português.

Quatro pessoas comentaram sobre a importância de haver mais caixotes do lixo ou pontos de reciclagem.

Três pessoas referem a falta de iluminação durante a noite, com ruas muito escuras.

Três pessoas indicam a falta de locais para se sentar. Os restantes comentários abordam questões como: barulho, buracos, qualidade do mobiliário.

- Arborização, jardins e outros elementos naturais

Tabela 12. Percepções dos Residentes: arborização, jardins e outros elementos naturais

| | Indicadores | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % |
|----------------------|--|-----------------|--------------|-----------------|------------|-----------------|-----------|-----------------|---|
| | Arborização, jardins e outros elementos naturais | Quantidade | Insuficiente | | Suficiente | | Excessiva | | |
| 94 | | | 36 | 162 | 62 | 4 | 2 | | |
| Desenho | | Inadequado | | Adequado | | Muito adequado | | Em branco | |
| | | 29 | 11 | 188 | 72 | 42 | 16 | 1 | 0 |
| Prejudica a paisagem | | Sim | | Não | | | | Em branco | |
| | | 24 | 9 | 234 | 90 | | | 2 | 1 |

Fonte: Elaboração própria

Tabela 13. Percepções dos Turistas: arborização, jardins e outros elementos naturais

| | Indicadores | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % |
|----------------------|-------------|--|------------|-----------------|----------------|-----------------|-----------|-----------------|-----|
| | | Arborização, jardins e outros elementos naturais | Quantidade | Insuficiente | | Suficiente | | Excessiva | |
| 30 | 7.9 | | | 324 | 85.3 | 21 | 5.5 | 5 | 1.3 |
| Desenho | Inadequado | | Adequado | | Muito adequado | | Em branco | | |
| | 10 | | 2.6 | 250 | 65.8 | 110 | 28.9 | 10 | 2.6 |
| Prejudica a paisagem | Sim | | Não | | | | Em branco | | |
| | 28 | 7.4 | 331 | 87.1 | | | 21 | 5.5 | |

Fonte: Elaboração própria

Nesta questão, a grande parte dos residentes (162) e turistas (324) considera a quantidade de arborização, jardins e outros elementos naturais como ‘suficientes’. Neste ponto, ressalta nas respostas aos residentes, que há um número significativo que considera a quantidade ‘insuficiente’ (94) contra apenas 30 respostas ‘insuficiente’ dadas pelos turistas. No ponto referente ao desenho o maior número de respostas dos inquiridos é que o considera ‘adequado’, tanto para residentes (182) como para turistas (250). Contudo também neste ponto há algo a destacar, desta vez relativa aos turistas (110) que consideram o desenho como ‘muito adequado’, contra apenas 42 respostas dadas pelos residentes. Quanto a prejudicar ou não a paisagem a maioria dos residentes (188) e dos turistas (331) respondeu que ‘não’.

Nos comentários sobre este ponto:

Residentes – registam-se 36 comentários em português. A grande parte, referem-se à falta de espaços verdes na cidade.

Turistas - Foram feitos 21 comentários, dos quais 9 são em inglês e 12 em português.

Quinze pessoas comentaram sobre a beleza dos espaços ajardinados e da tranquilidade que traz para a cidade.

Oito comentários referem a necessidade de haver mais árvores e espaços verdes em geral.

Os restantes referem os pontos de água, como chafarizes, fontes, bebedouros públicos.

- Outros elementos

Tabela 14. Percepções dos Residentes – outros elementos

| | Indicadores | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % |
|------------------|-----------------------------|--------------------------|----|--------------------------|----|---------------------|----|-----------------|---|
| | | Sim | | Não | | | | | |
| Outros elementos | Trânsito prejudica a imagem | Sim | | Não | | | | | |
| | | 148 | 57 | 110 | 42 | | | | |
| | Zonas pedonais suficientes | Sim | | Não | | | | Em branco | |
| | | 132 | 51 | 125 | 48 | | | 3 | 1 |
| | Estado das zonas pedonais | Descuidadas | | Normais | | Muito cuidadas | | Em branco | |
| | | 19 | 7 | 158 | 61 | 81 | 31 | 2 | 1 |
| | Limpeza | Insuficiente | | Normal | | Muito boa e cuidada | | Em branco | |
| | | 9 | 3 | 105 | 40 | 144 | 55 | 2 | 1 |
| | Afluência de Turistas | Normal, não incomodativa | | Excessiva e incomodativa | | Sem apreciação | | Em branco | |
| | | 221 | 85 | 26 | 10 | 12 | 5 | 1 | 0 |

Fonte: Elaboração própria

Tabela 15. Percepções dos Turistas – outros elementos

| | Indicadores | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % |
|----------------------------|--------------------------|------------------|-----------------------------|-----------------|---------------------|-----------------|-----------|-----------------|-----|
| | | Outros elementos | Trânsito prejudica a imagem | Sim | | Não | | | |
| 140 | 36.8 | | | 224 | 42 | | | 16 | 4.2 |
| Zonas pedonais suficientes | Sim | | Não | | | | Em branco | | |
| | 272 | | 71.6 | 90 | 23.7 | | | 18 | 4.7 |
| Estado das zonas pedonais | Descuidadas | | Normais | | Muito cuidadas | | Em branco | | |
| | 6 | | 1.6 | 208 | 54.7 | 151 | 39.7 | 15 | 3.9 |
| Limpeza | Insuficiente | | Normal | | Muito boa e cuidada | | Em branco | | |
| | 11 | | 2.9 | 160 | 42.1 | 203 | 53.4 | 6 | 1.6 |
| Afluência de Turistas | Normal, não incomodativa | | Excessiva e incomodativa | | Sem apreciação | | Em branco | | |
| | 320 | | 84.2 | 36 | 9.5 | 14 | 3.7 | 10 | 2.6 |

Fonte: Elaboração própria

Nesta questão com cinco pontos distintos, tivemos diferentes percepções entre residentes e turistas. Quando lhes foi perguntado se o trânsito prejudica a paisagem a maioria dos residentes (148) respondeu sim e a maioria dos turistas respondeu que não (224). Mais uma vez, os turistas podem responder por comparação pelos locais que vivem ou que visitam. Sendo Guimarães, uma cidade de média dimensão, os turistas também podem não ter a real noção do fluxo do trânsito ou por não usarem carro ou por não passarem por zonas mais sensíveis de gerar filas, conflitos ou ruído.

O ponto seguinte é sobre as zonas pedonais serem suficientes, um grande número de residentes (132) respondeu que ‘Sim’, mas também não podemos deixar de referir que o número de pessoas que respondeu que ‘Não’ é muito próximo (125), notando aqui mais uma vez o sentido crítico da população que vive a cidade diariamente. As respostas dos turistas denotam uma expressão clara para a resposta ‘sim’ (292). O ponto subsequente também se relaciona com as zonas pedonais, mas incidindo sobre o estado de conservação: o maior número de respostas dos residentes considerou como ‘normais’ (158), assim como os residentes (208).

No que concerne à limpeza, a maioria dos residentes (144) e dos turistas (203) consideram ‘muito boa e cuidada’.

O último ponto desta questão, refere-se à percepção sobre a afluência de turistas à cidade. A maioria dos residentes (221) e dos turistas (320) considera-a como ‘normal, não incomodativa’. Este ponto é central na elaboração deste trabalho pois dá-nos a opinião real das pessoas face ao ponto do turismo.

Nos comentários sobre este ponto:

Residentes - registam-se 34 comentários em português.

Quatro comentários focam-se na dificuldade de captar a atenção do turista, para o comércio de rua, quando estes se enquadram em visitas organizadas.

Seis comentários são sobre estacionamento e trânsito e os conflitos dentro do CH.

Dois comentários referem-se à recolha seletiva de lixo.

Quatro comentários são sobre o número de turistas que pernoitam na cidade/ visitantes.

Os restantes são temas variados: zonas pedonais, limpeza de ruas, animação noturna e o ruído e distúrbios.

Turistas - Registam-se 12 comentários, sendo 8 em inglês e 4 em português.

Dois comentários foram relativos às zonas pedonais no CH.

Três comentários referem-se ao barulho nomeadamente o do trânsito.

Os restantes comentários têm como temática, o número de turistas, a falta de estacionamento e a velocidade dos carros dentro do centro histórico.

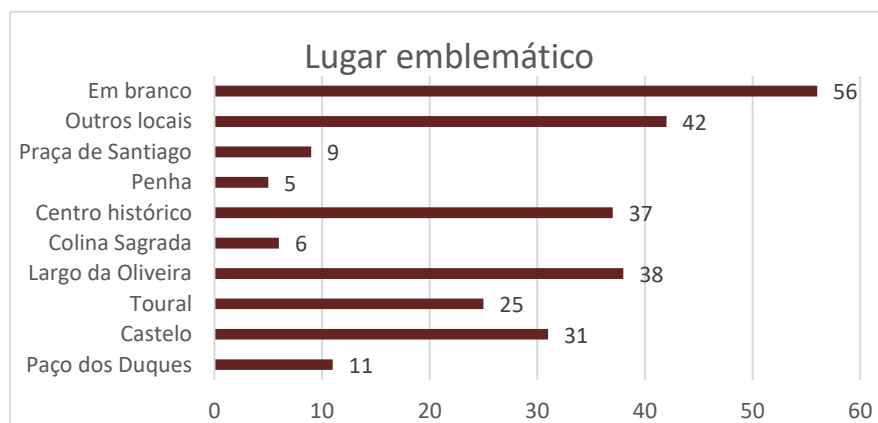
- Lugar emblemático da cidade onde se encontram

Tabela 16. Perceção dos Residentes: lugar emblemático da cidade onde se encontram

| Lugar emblemático da cidade onde se encontram | Nº de respostas | % |
|---|-----------------|-----------|
| Paço dos Duques | 11 | 4 |
| Castelo | 31 | 12 |
| Toural | 25 | 10 |
| Largo da Oliveira | 38 | 15 |
| Colina Sagrada | 6 | 2 |
| Centro histórico | 37 | 14 |
| Penha | 5 | 2 |
| Praça de Santiago | 9 | 3 |
| Outros locais | 42 | 16 |
| Em branco | 56 | 22 |

Fonte: Elaboração própria

Figura 27. Perceção dos Residentes: lugar emblemático da cidade onde se encontram



Fonte: Elaboração própria

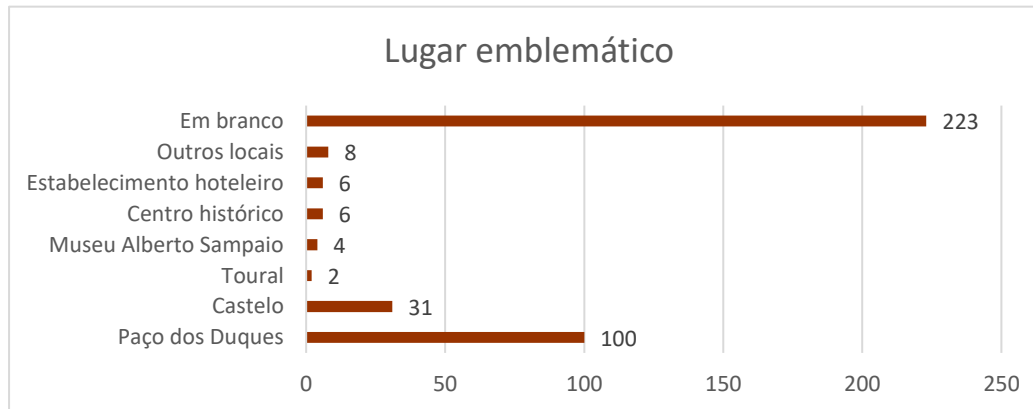
- **Perceção dos Turistas: lugar emblemático da cidade onde se encontram**

Tabela 17. Perceção dos Turistas: lugar emblemático da cidade onde se encontram

| Lugar emblemático da cidade onde se encontram | Nº de respostas | % |
|---|-----------------|------|
| Paço dos Duques | 100 | 26.3 |
| Castelo | 31 | 8.2 |
| Toural | 2 | 0.5 |
| Museu Alberto Sampaio | 4 | 1.1 |
| Centro histórico | 6 | 1.6 |
| Estabelecimento hoteleiro | 6 | 1.6 |
| Outros locais | 8 | 2.1 |
| Em branco | 223 | 58.6 |

Fonte: Elaboração própria

Figura 28. Perceção dos Turistas: lugar emblemático da cidade onde se encontram



Fonte: Elaboração própria

Nesta questão, relembra-se que os inquéritos a residentes foram realizados maioritariamente *online* e aos turistas foram realizados presencialmente, daí a explicação de haver dois apontamentos a fazer antes da análise aos resultados dos turistas: a grande parte dos inquéritos foi realizada no Paço dos Duques (pelas razões já explanadas na metodologia) e o facto de haverem 223 respostas em branco, poderá ser explicada pelo facto de ser uma resposta aberta. Visto que os inquéritos foram aplicados pela investigadora e na sua maioria no Paço dos Duques, o local emblemático onde os turistas mais responderam coincide também a este local e corresponde a mais de 100 (número obtido). Os residentes no centro histórico, nas suas respostas espelharam exatamente a validação de que se conseguiu chegar ao público-alvo deste inquérito. Os 3 locais mais

referidos são: centro histórico, Largo da Oliveira e outros locais. As restantes respostas são: Castelo, Paço dos Duques, Toural, Colina Sagrada, Praça de Santiago – locais que pertencem ao CH – e ainda Penha (Monte da Penha).

- **Existência de elementos neste local que chamem a atenção porque deterioram a imagem**

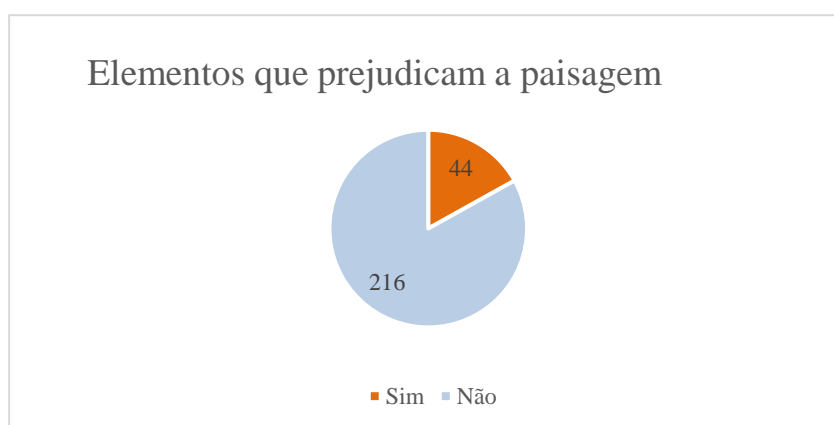
Tabela 18. Perceção dos Residentes: algum elemento prejudica a imagem deste local

| Categorias | Sim | | Não | |
|---|-----------------|----|-----------------|----|
| | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % |
| Algum elemento prejudica a imagem deste local | 44 | 17 | 216 | 83 |

Fonte: Elaboração própria

Figura 29. Perceção dos Residentes: Algum elemento prejudica a imagem deste local

Perceção dos Residentes: Algum elemento prejudica a imagem deste local



Fonte: Elaboração própria

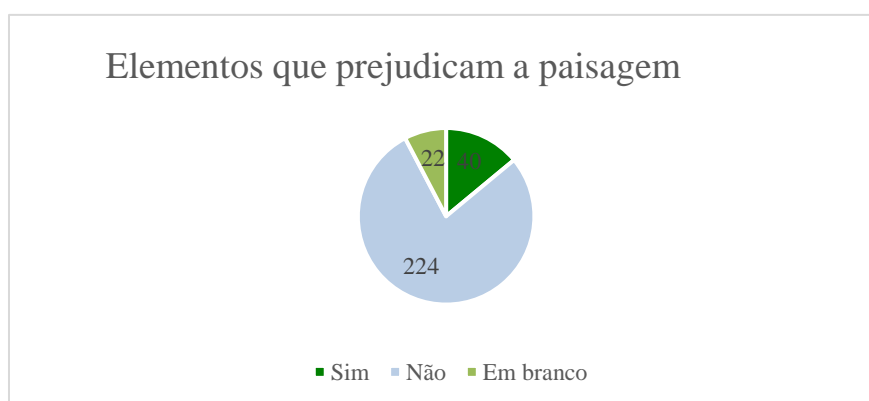
Tabela 19. Percepção dos Turistas: algum elemento prejudica a imagem deste local

| Categorias | Sim | | Não | | Em branco | |
|---|-----------------|------|-----------------|----|-----------------|-----|
| | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % |
| Algum elemento prejudica a imagem deste local | 40 | 36.8 | 224 | 42 | 22 | 5.8 |

Fonte: Elaboração própria

Figura 30. Percepção dos Turistas: Algum elemento prejudica a imagem deste local

Percepção dos Turistas: Algum elemento prejudica a imagem deste local



Fonte: Elaboração própria

Em análise a este ponto, em que se tentou perceber se no local emblemático em que se encontravam, existiam elementos que prejudicavam a paisagem, existe uma clara tendência para a resposta não quer para residentes (216) quer para turistas (224). A ausência de respostas em branco pelos residentes é mais uma vez resultado de o inquérito ter sido *online* e ser de resposta obrigatória.

- O que mais lhe agrada no local que menciona

Tabela 20. Percepção dos Residentes: o que mais lhe agrada nos locais mencionados

| O que mais lhe agrada nos locais mencionados | Nº de respostas | |
|--|-----------------|----|
| | | % |
| Localização | 9 | 5 |
| Monumentos/História | 44 | 24 |
| Harmonia/Autenticidade/Tranquilidade/Mística | 8 | 4 |
| Arquitetura | 22 | 12 |
| Espaços verdes | 24 | 13 |
| Paisagem/Enquadramento | 18 | 10 |
| Limpeza | 8 | 4 |
| Simpatia/Identidade | 6 | 3 |
| Outras | 36 | 20 |
| Em branco | 8 | 4 |

Fonte: Elaboração própria

Tabela 21. Percepção dos Turistas: o que mais lhe agrada nos locais mencionados

| O que mais lhe agrada nos locais mencionados | Nº de respostas | |
|--|-----------------|-----|
| | | % |
| Localização | 3 | 1% |
| Monumentos/História | 70 | 18% |
| Harmonia/Autenticidade/Tranquilidade/Mística | 15 | 4% |
| Arquitetura | 27 | 7% |
| Espaços verdes | 22 | 6% |
| Paisagem/Enquadramento | 24 | 6% |
| Limpeza | 7 | 2% |
| Simpatia/Identidade | 13 | 3% |
| Outras | 18 | 5% |
| Em branco | 181 | 48% |

Fonte: Elaboração própria

De forma a agregar todas as respostas (abertas) neste ponto, optou-se por elaborar tabelas, organizadas por categorias, pois muitas palavras embora diferentes acabavam por ser sinónimos como por exemplo, belo e lindo.

O que imediatamente se destaca nas tabelas acima é que a frequência de resposta dos residentes é mais dispersa do que nos turistas. Tome-se o exemplo, do elemento que regista maior frequência para ambos, Monumentos/História: 44 residentes deram essa resposta, contudo, no caso dos turistas (70) é bastante superior.

Para análise, destaca-se também a resposta ‘Paisagem/Enquadramento’ que demonstra uma clara tendência de observação crítica e pormenorizada. Os residentes (18) e os turistas (24) referiram palavras com ideia comum como: ‘paisagem, enquadramento, área envolvente, vista’ entre outras, que demonstram alguma preocupação com o tema do inquérito.

Mais uma vez, no caso dos turistas, regista-se um grande número de respostas em branco (181) face aos residentes (8). Explicável novamente pelo facto de o inquérito aos residentes ter sido maioritariamente *online*, mas também é possível tirar uma outra conclusão que se prende com o orgulho que sentem pela cidade e pelo que representa no contexto nacional – Cidade Berço - mas também internacional, com a classificação de Património Mundial por parte da Unesco.

- **Mobilidade, estacionamento e segurança**

Tabela 22. Percepção dos Residentes:mobilidade, estacionamento e segurança

| Indicadores | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % |
|------------------------|-------------------------------|---------------------------|---------------------|---------------------|-------------------|-------------------|--|--|---------------------|------------------|
| | Mobilidade /transporte | Muito insuficiente | | Insuficiente | | Suficiente | | Nem suficiente nem insuficiente | | Excessiva |
| 17 | | 7 | 49 | 19 | 110 | 42 | 76 | 29 | 5 | 2 |
| Estaciona-mento | Muito insuficiente | | Insuficiente | | Suficiente | | Nem suficiente nem insuficiente | | Excessiva | |
| | 31 | 12 | 81 | 30 | 83 | 32 | 55 | 21 | 11 | 4 |
| Segurança | Muito inseguro | | Inseguro | | Seguro | | Nem seguro nem inseguro | | Muito seguro | |
| | 2 | 1 | 15 | 6 | 149 | 57 | 41 | 16 | 53 | 20 |

Fonte: Elaboração própria

Tabela 23. Percepção dos Turistas:mobilidade, estacionamento e segurança

| 8 – Mobilidade/ Estacionamento/Segurança | Indicadores | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % |
|--|---------------------------|--------------------|--------------|-----------------|------------|-----------------|---------------------------------|-----------------|--------------|-----------------|-----------|-----------------|------|
| | Mobilidade/ transporte | Muito insuficiente | Insuficiente | | Suficiente | | Nem suficiente nem insuficiente | | Excessiva | | Em branco | | |
| | | 3 | 0.8 | 28 | 7.4 | 185 | 48.7 | 117 | 30.8 | 4 | 1.1 | 43 | 11.3 |
| | Estaciona- mento | Muito insuficiente | Insuficiente | | Suficiente | | Nem suficiente nem insuficiente | | Excessiva | | Em branco | | |
| | | 16 | 4.2 | 61 | 16.1 | 155 | 40.8 | 99 | 26.1 | 9 | 2.4 | 40 | 10.5 |
| | Segurança | Muito inseguro | Inseguro | | Seguro | | Nem seguro nem inseguro | | Muito seguro | | Em branco | | |
| | | 2 | 0.5 | 3 | 0.8 | 227 | 59.7 | 39 | 10.3 | 91 | 23.9 | 18 | 4.7 |

Fonte: Elaboração própria

No primeiro ponto sobre mobilidade e transportes, a grande parte dos residentes (110) e dos turistas (185) considera que são suficientes. Mas num olhar mais atento, denota-se que um número muito significativo de turistas (117) respondeu nem suficientes, nem insuficientes, notando-se, portanto, uma divisão entre as duas respostas de maior frequência.

No ponto seguinte sobre o estacionamento, há uma claríssima divisão entre os residentes: 81 responderam insuficiente e 83 responderam suficiente. Para tentar tirar alguma conclusão, mas sem sucesso, a terceira resposta mais dada foi nem suficiente, nem insuficiente (55), acentuando ainda mais a dificuldade de uma cabal conclusão. Já no caso dos turistas, existe uma resposta que se destaca pelo maior número de frequência, considerando a oferta de estacionamento como suficiente (155).

No que concerne às respostas sobre a segurança, a maioria dos residentes considera a cidade como segura (149) assim como os turistas (227), havendo por isso uma percepção de real sentimento de segurança, baseada nas experiências diárias dos residentes ou pontuais como dos turistas.

- **Intervenções no Centro Histórico**

Tabela 24. Percepção dos Residentes: intervenções no centro histórico

| Intervenções no centro histórico | Indicador | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | |
|----------------------------------|------------------------------|-----------------------|------------|-----------------|----------|-----------------|----------------|-----------------|---------------------|-----------------|----|--|
| | Pertinência das intervenções | Totalmente inadequada | Inadequada | | Adequada | | Muito adequada | | Totalmente adequada | | | |
| | | 1 | 0 | 25 | 10 | 157 | 60 | 49 | 19 | 28 | 11 | |

Fonte: Elaboração própria

Tabela 25. Percepção dos Turistas: intervenções no centro histórico

| Intervenções no centro histórico | Indicador | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | |
|----------------------------------|------------------------------|-----------------|----------|-----------------|----------------|-----------------|---------------------|-----------------|-----------|-----------------|-----|--|
| | Pertinência das intervenções | Inadequada | Adequada | | Muito adequada | | Totalmente adequada | | Em branco | | | |
| | | 13 | 3.4 | 209 | 55 | 97 | 25.5 | 35 | 9.2 | 26 | 6.8 | |

Fonte: Elaboração própria

Analisando as duas tabelas, existe uma concordância de resposta, considerando as intervenções no centro histórico como adequadas, tanto por parte dos residentes (157) como dos turistas (209). Esta questão será de pertinência, analisar ainda em comparação com resposta dada pelas entidades locais.

- **Poluição sonora e visual**

Tabela 26. Percepção dos Residentes: poluição sonora e visual

| | Indicadores | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % |
|---|--------------------|--------------------------|-------|--------------------|----|-----------------|----|---------------------------------|----|--------------------|----|
| | | Poluição sonora e visual | Ruído | Muito incomodativo | | Incomodativo | | Nada incomodativo | | Pouco incomodativo | |
| 7 | 3 | | | 39 | 15 | 21 | 8 | 55 | 21 | 138 | 53 |
| | Bancas de comércio | Muito insuficiente | | Insuficiente | | Suficiente | | Nem suficiente nem insuficiente | | Excessiva | |
| | | 2 | 1 | 16 | 6 | 125 | 48 | 113 | 43 | 4 | 2 |

Fonte: Elaboração própria

Tabela 27. Percepção dos Turistas: poluição sonora e visual

| Poluição sonora e visual | Indicador | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % |
|--------------------------|-----------|--------------------|--------------|-----------------|-------------------|---------------------------------|--------------------|-----------------|--------|-----------------|-----------|-----------------|---|
| | Ruído | Muito incomodativo | Incomodativo | | Nada incomodativo | | Pouco incomodativo | | Normal | | Em branco | | |
| 1 | | 0.3 | 11 | 2.9 | 99 | 26.1 | 81 | 21.3 | 173 | 45.5 | 15 | 3.9 | |
| Bancas de comércio | | Insuficiente | | Suficiente | | Nem suficiente nem insuficiente | | Excessiva | | Em branco | | | |
| | | | 9 | 2.4 | 211 | 55.5 | 116 | 30.5 | 12 | 3.2 | 32 | 8.4 | |

Fonte: Elaboração própria

Na observância dos resultados, residentes (138) como turistas (173) têm a percepção comum de que o ruído sentido é normal. De igual forma, no ponto seguinte sobre as bancas de comércio, tanto residentes (125) como turistas (211) consideram-nas como suficientes. Esta percepção comum demonstra, a meu ver que o esforço de criar regras - para serem cumpridas – é notado tanto por quem acaba por ser mais crítico como os residentes ou aqueles que acabam por ser mais comparativos como os turistas.

- Grau de satisfação com a paisagem urbana do CH

Tabela 28. Percepção dos Residentes: grau de satisfação com a paisagem urbana

| Grau de satisfação com a paisagem urbana | Indicador | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | |
|--|--------------------|--------------------|--------------|-----------------|------------|-----------------|---------------------------------|-----------------|------------------|-----------------|---|--|
| | Grau de satisfação | Muito insatisfeito | Insatisfeito | | Satisfeito | | Nem satisfeito nem insatisfeito | | Muito satisfeito | | | |
| | | 2 | 1 | 16 | 6 | 125 | 48 | 113 | 43 | 4 | 2 | |

Fonte: Elaboração própria

Tabela 29. Percepção dos Turistas: grau de satisfação com a paisagem urbana

| Grau de satisfação com a paisagem urbana | Indicador | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | |
|--|--------------------|--------------------|--------------|-----------------|------------|-----------------|---------------------------------|-----------------|------------------|-----------------|-----------|-----------------|-----|--|
| | Grau de satisfação | Muito insatisfeito | Insatisfeito | | Satisfeito | | Nem satisfeito nem insatisfeito | | Muito satisfeito | | Em branco | | | |
| | | 1 | 0.3 | 16 | 1.1 | 221 | 58.2 | 10 | 2.6 | 142 | 37.4 | 2 | 0.5 | |

Fonte: Elaboração própria

Esta questão acaba por ser um resumo importante, pois traduz o grau de satisfação com a paisagem urbana (relacionada com uma apreciação global do que já vinham a responder). No universo da amostra, a grande parte de residentes (125) e de turistas (221) considera-se satisfeito. Contudo ao esmiuçar mais os resultados, 113 residentes dizem-se nem satisfeito, nem insatisfeitos com a paisagem urbana, podem daqui aferir-se não uma banalização, mas uma certa apatia, pois aquela envolvente é a sua realidade todos os dias ou ainda um sentido mais crítico de algo que bem conhecem, quer o bom, mas também o menos bom. Já 142 turistas dizem-se muito satisfeitos com o que viram, mostrando aqui quase o oposto face aos residentes. Mostraram entusiasmo em estar a vivenciar aquela experiência.

- **Classificação da paisagem envolvente ao CH**

Tabela 30. Perceção dos Residentes: classificação da paisagem ao CH

| Classificação da paisagem envolvente ao centro histórico | Classificação | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % |
|--|---------------|-----------------|---|-----------------|----|-----------------|----|-----------------|----|
| | | Má | | Razoável | | Boa | | Muito boa | |
| | | 3 | 1 | 41 | 16 | 136 | 52 | 80 | 31 |

Fonte: Elaboração própria

Tabela 31. Percepção dos Turistas: classificação da paisagem ao CH

| Classificação da paisagem envolvente ao centro histórico | Indicadores | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % |
|--|---------------|-----------------|----------|-----------------|-----|-----------------|-----------|-----------------|-----------|-----------------|-----|
| | Classificação | Má | Razoável | | Boa | | Muito boa | | Em branco | | |
| | | 2 | 0.5 | 30 | 7.9 | 189 | 49.7 | 156 | 41.1 | 3 | 0.8 |

Fonte: Elaboração própria

A classificação global da paisagem que envolve o CH é boa tanto para residentes (136) como para turistas (189). De destacar também que a resposta ‘muito boa’ foi a segunda com maior frequência entre residentes (80) e também para os turistas (156).

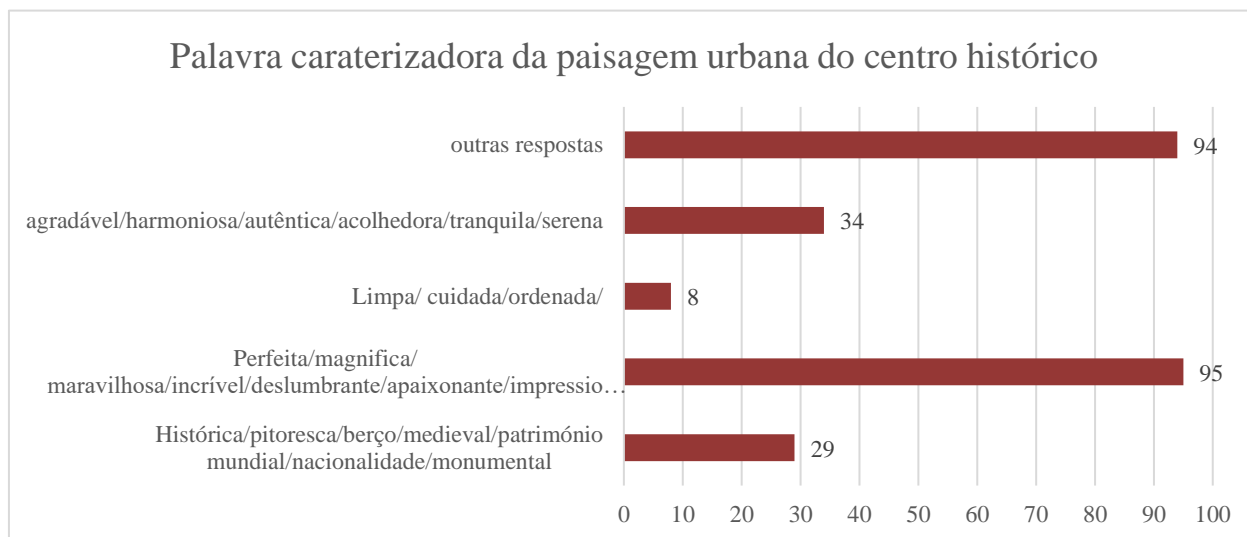
- **Palavra caracterizadora da paisagem urbana do CH**

Tabela 32. Perceção dos Residentes: palavra caracterizadora da paisagem do CH

| Palavras | Nº de respostas | % |
|---|-----------------|----|
| Histórica/pitoresca/berço/medieval/património mundial/nacionalidade/monumental | 29 | 11 |
| Linda/bela/ bonita/única/boa/excelente/fenomenal/deslumbrante/graciosa/ razoável Perfeita/magnífica/ Maravilhosa/incrível/deslumbrante/apaixonante/impressionante/inspiradora/inesquecível/esplêndia/excelente/extraordinária / encantadora | 95 | 37 |
| Limpa/ cuidada/ordenada | 8 | 3 |
| Agradável/harmoniosa/autêntica/acolhedora/tranquila/serena | 34 | 13 |
| Outras respostas | 94 | 36 |

Fonte: Elaboração própria

Tabela 33. Perceção dos Residentes: palavra caracterizadora da paisagem do CH



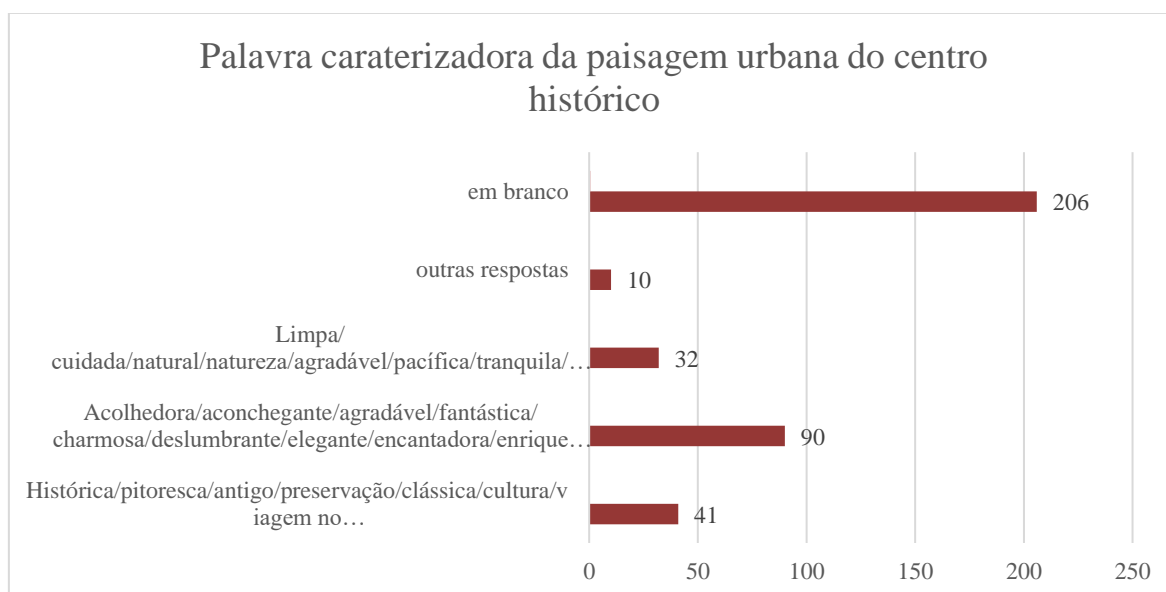
Fonte: Elaboração própria

Tabela 34. Percepção dos Turistas: palavra caracterizadora da paisagem do CH

| Palavras | Nº de respostas | % |
|---|-----------------|----|
| Histórica/pitoresca/antigo/preservação/clássica/cultura/viagem no tempo/medieval/tradicional/autêntica/antiga/rústica | 41 | 11 |
| Acolhedora/aconchegante/agradável/fantástica/charmosa/deslumbrante/elegante/encantadora/enriquecedora/excelente/fascinante/incrível/inspirador/interessante/convidativa/linda/maravilhosa/bonita/romântica/sexy/única | 90 | 24 |
| Limpa/cuidada/natural/natureza/agradável/pacífica/tranquila/organizada | 32 | 8 |
| Outras respostas | 11 | 3 |
| Em branco | 206 | 54 |

Fonte: Elaboração própria

Tabela 35. Percepção dos Turistas: palavra caracterizadora da paisagem do CH



Fonte: Elaboração própria

- Paisagem como fator de motivação da visita

Tabela 36. Perceção dos Turistas: paisagem como motivação de visita

| Paisagem urbana como motivação de visita | Indicador | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % | Nº de respostas | % |
|--|-----------|--------------------|-----|------------------------------|-----|--------------------|------|------------------------|------|--------------------|-----|
| | Visita | Discordo | | Nem concordo nem discordo | | Concordo | | Concordo totalmente | | Em branco | |
| | | 5 | 1.3 | 29 | 7.6 | 180 | 47.4 | 155 | 40.8 | 11 | 2.9 |

Fonte: Elaboração própria

Esta questão apenas se destinava a turistas. O que lhes foi pedido implicou a concordância a uma questão, com recurso a uma escala de Likert: Considera que a paisagem urbana do centro histórico de Guimarães é fator de motivação de visita à cidade de Guimarães?

A maioria das respostas foi no sentido de concordar (180) ou de concordar totalmente com a questão (155). Esta questão acaba por ser primordial nesta investigação pois a partir destes resultados, poderá ser proposta, nomeadamente no setor de promoção, algo baseado no que as pessoas apreciam e de reconhecem a nível nacional e internacional: a paisagem do Centro Histórico de Guimarães, como um conjunto uno e indissociável.

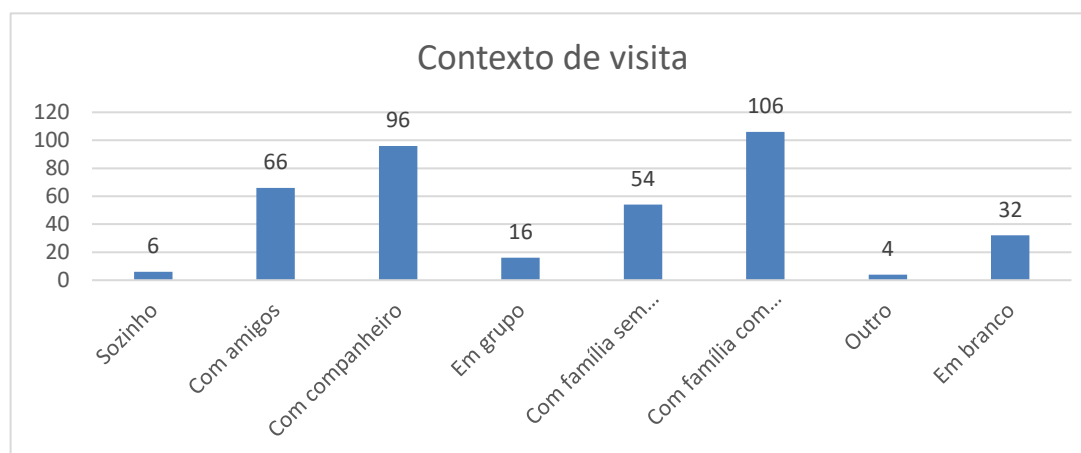
- **Contexto de visita (como viajou)**

Tabela 37. Perceção dos Turistas: contexto de visita

| Contexto de Visita | Como viajou | Nº de respostas | % |
|--------------------|------------------------|-----------------|------|
| | Sozinho | 6 | 1.6 |
| | Com amigos | 66 | 17.4 |
| | Com companheiro | 96 | 25.3 |
| | Em grupo | 16 | 4.2 |
| | Com família sem filhos | 54 | 14.2 |
| | Com família com filhos | 106 | 27.9 |
| | Outro | 4 | 1.1 |
| | Em branco | 32 | 8.4 |

Fonte: Elaboração própria

Tabela 38. Perceção dos Turistas: contexto de visita



Fonte: Elaboração própria

A maioria dos inquiridos viajou com a família o que incluía os filhos (106) ou apenas com o companheiro (96). Outra das respostas com maior frequência foi de viagem com amigos (66). Viagens em grupo são de destacar (16) pois pudemos comprovar, que nomeadamente no Paço dos Duques, existem muitas visitas em grupo e que não se refletem neste valor, contudo, na prática era muito difícil que estas pessoas respondessem o inquérito, pois tem o tempo limitado de visita.

6.3.1 Análise das perceções das entidades

Tal como referido na metodologia foram seleccionadas 5 entidades culturais vimaranenses através de uma listagem prévia cedida pelo Município de Guimarães e também através de contactos dos próprios entrevistados.

Abaixo, iremos analisar cada categoria, em tabelas individuais, em que poderemos confrontar a teoria dos autores consagrados e já referidas na revisão bibliográfica e o que é referido pelos entrevistados. Para isso e de forma a simplificar a leitura da tabela, a cada entrevista foi dado um número sequencial como mostramos de seguida:

E1: Amiguinhos do Museu Alberto Sampaio

E2: Cineclube de Guimarães

E3: Associação Muralha - Associação de Guimarães para a defesa do Património.

E4: Associação de Desenvolvimento das Comunidades Locais

E5: Associação Convívio

Tabela 39. Categorias de questões entrevista

| Categorias | Palavras / Frases-chave | Autores |
|--|---|--|
| 1º Percepção da Paisagem Urbana | Espaço físico; cidade; expressão de civilização; vivências; identidade cultural; planejamento estrutural; conjuntos arquitetônicos; mudanças, realidade complexa; ordenamento; diversidade; comunidades; reabilitação | Corrêa & Rosendahl (1998); Fernandez Latorre (2010); Acevedo & Yera (2000); (Conselho Europeu de Urbanistas, 2012); Carvalho (2009); Marujo & Santos (2012); Ferronato (2010); Machado (2000); Berque (1998); Campos (2015); Relph (2012); Cullen (2018); Naranjo (2014) |
| 2º Pontos de atração turística | Centros históricos, convergência; elementos tangíveis e intangíveis; salvaguarda; pontos focais; observação; emaranhado de vivências, de arquiteturas e culturas; oferta turística; experiência turística | Cruz (2002); Cullen (2010), Pratas (2014); Pires (2011); Cullen (2018); Naranjo (2014); Marujo & Santos (2012) |
| 3º Impacto do Turismo | Gentrificação; especulação imobiliária; reabilitação de patrimônio; voracidade do turismo de massas; turisficação, pontos de saturação; trânsito e insegurança; retorno financeiro | Mendes (2014); Liang & Bao, 2015); Correia (2017); Lees et al (2016); Pereira (2017); (Gilman, 2019); García-Hernández <i>et al.</i> (2017); Ferreira (2016); Gessler (2014); |
| 4º Residentes e Identidade | Vivências; singularidades; olhares, globalização cultural; sensação de pertença; sentimentos; equilíbrio | Costa Monteiro (2016); García-Hernández <i>et al.</i> (2017); Horn (1998) e Dumont (2006); Amirou (2007); Gonçalves (2001) |
| 5º Dinamização cultural | Sociabilidade; promoção, subjetividade do espectador; elemento fundamental; produto turístico | Gonçalves (2001); Marujo & Santos (2012); Costa Monteiro (2016), D'Orey & Abreu (2017); García (2013) |

Fonte: Elaboração própria

A tabela apresentada acima (tabela 39) foi contruída tendo em mente a sinopse de cada bloco de questões das quais foram retiradas as ideias principais (categorias). Em seguida, para cada categoria foram reunidas as palavras ou frases-chave que ao longo da revisão bibliográfica foram recorrentes. A terceira coluna refere-se aos principais autores citados na revisão e que abordaram o tema da categoria.

Categoria 1 – Percepção da Paisagem Urbana

O conceito de Paisagem Urbana foi abordado por diferentes perspectivas e foram explicadas as várias dimensões que são aplicáveis à cidade. Percebeu-se através do cruzamento de dados, que os autores referidos na revisão bibliográfica e os entrevistados apresentam opiniões semelhantes na maioria dos pontos, como podemos observar na tabela seguinte (Tabela 40). A ideia que é transmitida na E1 e E5 é a identidade da cidade dada pelos residentes. Na maioria das entrevistas é referido o planeamento do espaço físico da cidade como algo muito importante. As mudanças trazidas pela classificação como Património Mundial e pela Capital Europeia da Cultura são bastante presentes nas E2, E3 e E5.

Tabela 40. Categoria 1: percepção da Paisagem Urbana

| Categorias | Palavras/ Frases Chave | Autores | Entrevistas |
|--|---|--|--|
| 1º - Percepção de Paisagem Urbana | Espaço físico; cidade; expressão de civilização; vivências quotidianas; identidade cultural; planeamento estrutural; conjuntos arquitetónicos; mudanças, realidade complexa; ordenamento; diversidade; comunidades; reabilitação. | Corrêa & Rosendahl (1998); Fernandez Latorre (2010); Acevedo & Yera (2000); (Conselho Europeu de Urbanistas, 2012); Carvalho (2009); Marujo & Santos (2012); Ferronato (2010); Machado (2000); Berque (1998); Campos (2015); Relph (2012); Cullen (2018); Naranjo (2014) | “... no nosso centro histórico, ...a população vimaranense ainda vive, (...) vemos roupa a secar (...)” (E1); “...os espaços urbanos (...) reflexo das pessoas, ... que o executaram ... ou então daqueles que a mandaram executar.” (E2); “...conservação (...) as casas... o espaço público foi recuperado...reabilitado e existe uma conservação constante...” (E3); “...apostar mais nas zonas pedonais (...) usufruir da paisagem urbana...” (E4); “...O Távora e o seu Plano Geral de Urbanização deram uma ordem em tudo (...) convencer os habitantes da necessidade e do interesse que tinha em preservarem as suas próprias casas ...” (E5); |

Fonte: Elaboração própria

Categoria 2 – Pontos de atração turística

A paisagem urbana, por si só é um ponto de atração turística, e que inclui múltiplos atrativos turísticos de várias formas. Os pontos turísticos podem aumentar ao longo do tempo, por força do alargamento e da descentralização da oferta. Os vários entrevistados referiram sempre os mesmos pontos de maior atração na cidade (E1-E5) e referiram pontos convergentes com o explanado por vários autores. A cidade e os pontos turísticos vistos como um ‘emaranhado de vivências de arquiteturas e vivências’ acaba por resumir a relação entre Turismo e a cidade.

Tabela 41. Categoria 2: pontos de atração turística

| Categorias | Palavras/ Frases Chave | Autores | Entrevistas |
|--------------------------------|--|---|--|
| 2º Pontos de atração turística | Centros históricos; locais de convergência; elementos tangíveis e intangíveis; salvaguarda; pontos focais; observação; emaranhado de vivências, de arquiteturas e culturas; oferta turística; experiência turística; | (Cruz, 2002); Cullen (2010), Pratas (2014); Pires (2011); Cullen (2018); Naranjo (2014); Marujo & Santos (2012) | “...Colina Sagrada, (...) o Castelo, o Paço dos Duques, ... aliás o Paço dos Duques é dos monumentos mais visitados a Norte de Portugal...” (E1); “...O 2012 Capital Europeia da Cultura (...) veio revolucionar a cidade ... (E2); “ (...) pontos de atração da cidade são o Monte Latito, onde temos o Castelo, Paço dos Duques e também centro da cidade que é classificado como Património Mundial...” (E3); “Castelo, Paço dos Duques e a parte classificada, o Largo da Oliveira e a Praça de Santiago” (E4); “Guimarães tornou-se uma cidade “pertencente” a muito mais pessoas, a muitos portugueses até aí menos sensibilizados para a beleza, “carácter” e importância da cidade “(E5) |

Fonte: Elaboração própria

Categoria 3 – Impacto do Turismo

Ligar os impactos do turismo vistos pelos vários autores e pelos responsáveis das diversas entidades locais foi um exercício muito coincidente em ideias chave, quer nos impactos positivos ou negativos. Fala-se de turismo de massas (E2), da importância dos turistas para vários negócios (E1 e E4), da circulação no centro histórico e da pressão imobiliária (E3 e E5). Os locais mais visitados, serão o postal da cidade, mas também os pontos de

maior saturação quer de pessoas quer de trânsito (quando possível a circulação). Quando existe turismo de massas, existem dois termos na revisão que acabam por estar implícitos nas entrevistas: voracidade e turisficação. A ideia de que se pode falar de qualquer cidade ou ponto turístico em qualquer parte do mundo e que estes termos de uma forma direta ou não, são referidos.

Tabela 42. Categoria 3: impacto do Turismo

| Categorias | Palavras/ Frases Chave | Autores | Entrevistas |
|------------------------------|--|--|---|
| 3º Impacto do Turismo | Gentrificação; especulação imobiliária; reabilitação de património; voracidade do turismo de massas; turisficação, pontos de saturação; trânsito e insegurança; retorno financeiro | Mendes (2014); Liang & Bao, (2015); Correia (2017); Lees et al (2016); Pereira (2017); Gilman (2019); García-Hernández <i>et al.</i> (2017); Ferreira (2016); Gessler (2014); Moura <i>et tal</i> (2006) | “...o turismo é muito importante para os museus em termos de visitantes, em termos de restauração...” (E1); “...trouxe o turismo de massas, mas também por arrasto trouxe o outro. E esse outro turismo ...está mais atento ...” (E2); “...permitir que as pessoas estejam a circular à vontade no CH, sem a presença de carros, estamos ao fim ao cabo a contribuir para que o CH acabe por não ter pessoas de Guimarães a viver lá e apenas turistas...” (E3); “economicamente é bastante positivo porque dinamiza de uma forma incrível a restauração, a hotelaria, o alojamento, a própria dinâmica da cidade fica com gente que vive a cidade ...” (E4); “...inverter, no que respeita à vocação predadora da ocupação imobiliária em edifícios do Centro Histórico para a instalação de alojamentos locais ...” (E5); |

Fonte: Elaboração própria

Categoria 4 – Residentes e Identidade

O orgulho, a identidade, o bairrismo (E1, E2, E3, E5) enraizados na cidade de Guimarães transparece. É por vezes difícil explicar como isso se sente, contudo, os entrevistados acabam por usar características nas quais também se reveem. E4 refere-nos a importância de os residentes terem condições para continuarem a habitar os CH e nem sempre isso é conseguido com o devido equilíbrio. A sensação de pertença, as vivências e as

singularidades referidas por alguns dos autores acabam por constituir parte da identidade dos residentes e sem isso um destino turístico é só mais um local entre tantos no mundo.

Tabela 43. Categoria 4: Residentes e Identidade

| Categorias | Palavras/ Frases Chave | Autores | Entrevistas |
|--|---|---|---|
| <p style="text-align: center;">4º Residentes e Identidade</p> | <p>Vivências; singularidades; olhares, globalização cultural; sensação de pertença; sentimentos; equilíbrio</p> | <p>Costa Monteiro (2016), Marujo & Santos (2012); García-Hernández <i>et al.</i> (2017); Horn (1998) e Dumont (2006); Amirou (2007); Gonçalves (2001)</p> | <p>“...há cidades que não tem bairrismo, Guimarães tem bairrismo a mais, eu acho que isso até é positivo claro ...” (E1); “...O impacto, antes de mais é no próprio orgulho vimaranense ...” (E2); “...os residentes sentem orgulho... defendem com insistência a sua comunidade, o seu berço, ‘Aqui nasceu Portugal’ ...” (E3); “Quando nós queremos que a população acabe por residir...no CH, nós temos que deixar que os carros entrem ... e de que exista uma circulação de moradores, existam boas condições de estacionamento para os moradores...” (E4); “Há uma enorme identidade com o lugar ...Alguns dizem ...que se verifica em Guimarães um fenómeno de “hiperidentidade” (...) o que há é a identidade que a Guimarães merece. (E5);</p> |

Fonte: Elaboração própria

Categoria 5 – Dinamização cultural

Os entrevistados representam associações ou entidades de cariz cultural ou social. As próprias associações são motores de dinamização cultural, mesmo que com o apoio do município. As ações passam pelo apoio a museu, serviços educativos, formações e visitas guiadas (E1), compilação, reabilitação e promoção do cinema, quer entre os sócios, quer através de sessões ao ar-livre (E2), apoio à população sénior, grupos de dança e cantares, teatro (E3), salvaguarda de registo fotográfico e património industrial, promoção da salvaguarda de património em risco (E4) e a promoção do convívio e socialização, intervenção nas áreas da música, artes plásticas, debate de ideias, literatura (E5).

Tabela 44. Categoria 5: Dinamização cultural

| Categorias | Palavras/ Frases Chave | Autores | Entrevistas |
|-------------------------------|--|---|--|
| 5º Dinamização cultural | Sociabilidade; promoção, subjetividade do espectador; elemento fundamental; produto turístico | Gonçalves (2001); Marujo & Santos (2012); Costa Monteiro (2016), D'Orey & Abreu (2017); García (2013) | “...A população tem aderido... o Guimarães Jazz, os Festivais de Gil Vicente, que antes eram muito elitistas, a população vai com muita naturalidade ...” (E1); “A programação cultural da cidade, com escala, é feita pelo Centro Cultural de Vila Flor, ...” (E2); “...a Muralha é repositório de algum material, ... da indústria têxtil, que neste momento está depositado e exposto no Museu da Indústria de Famalicão, porque não existe nada em Guimarães para o fazer” (E3); “...é um bocado como na Capital Europeia da Cultura, o lema era ‘Tu fazes parte’, ou seja, se nós não conseguimos que os habitantes locais façam parte e aproveitem a cultura, também não adianta muito, que seja só para turista ver...” (E4); “...os eventos desportivos podem ter mais importância, embora seja de assinalar que já vão decorrendo...provas nacionais e internacionais que se traduzam na fixação de vários dias para a disputa de fases finais de campeonatos, torneios, etc...” (E5) |

Fonte: Elaboração própria

6.4 Discussão de dados

Neste ponto, procurou-se apresentar e discutir os principais resultados desta investigação. Assim, tendo presente a revisão bibliográfica e com base nos dados recolhidos, na análise das perspetivas de viver e sentir a mesma cidade (através dos inquéritos a residentes e turistas e entrevistas a entidades), surgiram pontos convergentes e outros divergentes, mas que nos dão uma visão ampla, que o que existe de facto, não é um olhar de turista, residente ou de associativismo, existem sim, olhares, opiniões, visões, que se incluíram neste trabalho e que nos permitem interligar a parte teórica, a prática e apresentar conclusões.

Estas reflexões tornaram-se ainda mais complexas, mas com toda a certeza, mais marcantes pelo período histórico que vivenciamos, a pandemia da Covid-19.

A cada ponto analisado serão adicionados dados comparativos do projeto em que esta dissertação se insere, nomeadamente do estudo de caso da cidade do Porto (Freitas *et al* 2017). Os dados que obtivemos do Porto apenas se referem a residentes e a metodologia dessa investigação difere em alguns pontos, no entanto, existem perguntas comuns, nomeadamente sobre idade, género, ocupação profissional, mobiliário dos estabelecimentos de restauração, mobiliário urbano, zonas pedonais, afluência de turistas, local emblemático, elementos que prejudicam a paisagem e poluição sonora. Nas temáticas referidas irá ser apresentada a perspetiva dos residentes do Porto em formato comparativo com os residentes de Guimarães.

Após a análise de tendências de resposta a inquéritos (residentes e turistas) e das entrevistas a entidades culturais da cidade de Guimarães, deixamos umas notas do que sobressaiu dos resultados desta investigação. Nos inquéritos a residentes e turistas, os pontos que mais se destacaram num pormenorizado comparativo de respostas foram os seguintes pontos:

- A maioria dos inquiridos são do género feminino, contudo existe uma diferença curiosa nas respostas masculinas: no caso dos turistas responderam em maior número (n=167) face às respostas dadas pelos residentes (n=81). No caso dos residentes e numa tentativa de justificar esta maior adesão à resposta ao questionário por parte das Mulheres, poderemos ter como base que de facto quem

habita atualmente o CH é a população feminina, o mesmo nos demonstra o estudo, já referido neste trabalho, de Filipe (2012);

No estudo da cidade do Porto (amostra de 150 inquiridos residentes), a maioria dos inquiridos residentes também são do género feminino (n=76) que corresponde a 50.7% mas do género masculino as respostas são muito próximas (n=74) que é 49.3%.

- Nas faixas etárias também existe uma diferença significativa: a maioria dos turistas situa-se na faixa etária igual ou inferior a 30 anos (n=131) ou entre os 31-45 anos (n=103), demonstrando uma clara tendência de viajantes nas faixas etárias em idade ativa, mostrando uma propensão maior para viajar e com necessidade de evasão. Nos residentes a maioria dos inquiridos está na faixa etária entre os 31-45 anos (n=107) ou entre os 46-60 anos (n=88).

No estudo da cidade do Porto, os residentes inquiridos situa-se nas seguintes faixas etárias: 15-24 anos (n=36); entre os 25-44 anos (n=41); entre os 45 e os 64 anos (n=49) e maiores de 65 anos (n=24). Embora as faixas etárias analisadas tenham intervalos diferentes, poderemos dizer que tanto no Porto como em Guimarães, a maioria dos inquiridos está em idade ativa.

- Na questão sobre a nacionalidade, apenas se analisou nos inquiridos aplicados a turistas (nacionais ou internacionais). De destaque surge que entre os turistas nacionais, o maior número de turistas são oriundos dos grandes centros urbanos do Porto e Lisboa. Em relação ao Porto e Norte, ainda poderá ser devido à proximidade geográfica. Do estrangeiro, a realçar o grande número de visitantes do Brasil (n=99). Os dois outros países de origem são de Espanha (n=32) e França (n=22), mercados de proximidade e grandes mercados emissores para Portugal;
- Nos dias de estada observa-se que na sua maioria não excede os 15 dias. A maioria respondeu 1-2 dias (n=191) o que nos leva a concluir que a sua predominância são *city short breaks* tornando a estada em Guimarães mais breve e que usufruem do que a cidade tem para oferecer de forma mais superficial (visita aos pontos mais conhecidos);

- Na questão sobre a profissão, existe uma categoria que se destaca nos gráficos dos residentes e dos turistas: Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas. No caso dos Turistas poderá significar que são um grupo com um poder de compra que lhes permite viajar (quer nacionais, quer estrangeiros), bem como, poderá indicar que a sua formação os despertou para um maior interesse do valor histórico e patrimonial da cidade. No que refere aos residentes, a predominância da referida categoria, poderá ser justificável pelo maior acesso aos meios digitais e que lhes permitiu ter um acesso mais fácil ao questionário assim como também estes possam perceber melhor a pertinência e importância destes estudos;

No estudo realizado na cidade do Porto, as categorias profissionais dos residentes foram agrupadas de outra forma, contudo apresentam-se os resultados: setor secundário (indústria) (n=2); setor terciário (comércio e serviços) (n=53); reformados (n=25); desempregados (n=23); estudantes (n=43) e dona de casa/empregada doméstica (n=4).

Nesta comparação, notamos uma grande diferença na profissão dos inquiridos em Guimarães e no Porto, não podendo tirar muitas mais conclusões dada a diferença de apresentação de dados, pois se pudessemos esmiuçar as profissões do setor terciário, talvez pudessemos enquadrar com as profissões que enquadrámos nesta investigação em ‘Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas’.

- Na primeira pergunta sobre a sinalização direcional, não existe uma relevante diferença entre as respostas dos residentes e turistas, sendo que em todos os itens de avaliação, ‘quantidade’, ‘desenho’, ‘localização’, ‘utilidade’ e ‘prejudica a paisagem’, o número de respostas mais elevado convergiu para tendência positiva quer nos residentes quer nos turistas;
- De seguida, questionou-se sobre a publicidade exterior e tanto residentes como turistas consideraram como ‘suficiente’ ou ‘adequado’ quer a quantidade quer o desenho da mesma, com aproximadamente 80% das respostas, bem como consideraram o mesmo número de respostas que a publicidade exterior não prejudica a paisagem.

- Na pergunta 3 sobre mesas, cadeiras, guarda-sóis dos estabelecimentos de restauração, residentes e turistas voltam a demonstrar a mesma tendência positiva de resposta, a situar-se entre os 75% e 85% considerando como ‘suficiente’ ou ‘adequado’ quer a quantidade quer o desenho da mesma, tal como nas respostas anteriores. No que se refere a prejudicar ou não a paisagem, as respostas voltam a ser na sua maioria ‘Não’.

Já o estudo realizado na cidade do Porto, apresenta os seguintes resultados: relativamente à quantidade, a maioria dos residentes (n=26) consideram como ‘excessiva’, (n=118) dizem ser ‘suficiente’ e (n=6) referem ser ‘insuficiente’. Acerca do design do mobiliário de estabelecimentos de restauração, (n=9) referem ser ‘adequado’; (n=141) dizem ser ‘adequado’ e (n=5) consideram como ‘inadequado’. Quando questionados sobre prejudicar ou não a paisagem, as respostas são na sua maioria ‘Não’ (n=118) e ‘Sim’ (n=32).

- Na abordagem sobre a temática do mobiliário urbano na pergunta 4, foram novamente acrescentados os dois indicadores já utilizados na pergunta 1: ‘localização’ e ‘utilidade’ além dos já referidos anteriormente: ‘quantidade’, ‘desenho’, ‘prejudica a paisagem’. Uma vez mais, denota-se uma tendência positiva de resposta em todos os indicadores, tendo a maior número de respostas ter referido que o mobiliário urbano está adequado e que considera útil a existência dos mesmos;

No estudo realizado na cidade do Porto (150 residentes inquiridos), a tendência de respostas é a de que consideram a quantidade suficiente (n=108), o seu design como adequado (n=131), a sua localização como adequada (n=110), como sendo útil (n=106) e o seu estado de conservação como razoável (n=114) e que não deteriora a imagem da cidade (n=114). Tal como no estudo da cidade de Guimarães, a maioria das respostas tendeu a ser de uma análise positiva.

- Na pergunta 5 sobre arborização, jardins e outros elementos naturais, as respostas para o indicador da quantidade e se prejudica ou não a paisagem, a tendência foi positiva tal como nas respostas anteriores. No que refere ao desenho, existe um resultado a destacar, pois nas respostas dos turistas, estes consideram-no como

‘Muito adequado’ (n=110), e no caso dos residentes, a maioria considera o desenho como adequado (n=188). Duas percepções um pouco diferentes, ambas positivas, mas claramente que os turistas valorizaram muito este indicador;

- Na pergunta 6 (com vários subpontos) existiu a primeira discordância de respostas entre turistas e residentes. No primeiro ponto sobre condicionamento do trânsito prejudicar a paisagem, a maioria dos residentes respondeu que ‘Sim’ (n=148) e a maioria dos turistas respondeu que Não (n=224). Esta diferença de opiniões poderá ter como explicação, o facto de os turistas não usarem tanto o automóvel dentro da cidade e não terem a real percepção dos constrangimentos em hora de maior afluxo de entrada e saída da cidade, assim como, poderem responder em comparação, tal como em outras questões, com cidades que já tenham visitado ou mesmo de residência (de igual ou maior dimensão) e que realmente, por comparação não considerem que o trânsito seja prejudicial à imagem da paisagem urbana. Nos indicadores sobre ‘zonas pedonais suficientes’, ‘estado das zonas pedonais’ e ‘limpeza’, as respostas mantiveram a convergência: consideram como sendo ‘suficientes’ ‘cuidadas’ e ‘limpas’. O último ponto desta questão refere-se à percepção sobre a afluência de turistas à cidade. A maioria dos residentes (n=221) e dos turistas (n=320) considera-a como ‘normal, não incomodativa’. Este ponto é central na elaboração deste trabalho, pois dá-nos a opinião real das pessoas. Consideramos extremamente positivo que haja uma concordância de opiniões.

Comparando com o estudo realizado sobre a cidade do Porto, e no indicador sobre as zonas pedonais, as respostas dadas tenderam a considerar a sua quantidade como ‘suficiente’ (n=102); o estado de conservação como ‘normal’ (n=102) e a limpeza como ‘normal’ (n=77). Tal como na investigação sobre Guimarães, as perspetivas sobre as zonas pedonais são positivas.

No ponto sobre a afluência de turistas nos locais da cidade, a maioria (n=119) considerou como ‘normal, não incomodativa’. Sendo novamente um ponto coincidente com as respostas dadas no estudo agora desenvolvido sobre Guimarães.

Das entrevistas foi possível perceber as preocupações com as pessoas e a sua relação ou não relação com o centro histórico. A presença de residentes no centro histórico além de o tornar vivo, também o torna mais seguro, pela ativa vigilância pelo que é seu. É

imperativo que assim continue assegurando que os espaços se adequem às novas necessidades e até às novas gerações que possam ter interesse em habitar o centro histórico.

Apresentamos ainda sobre esta temática, um estudo sobre o turismo cultural urbano e o seu impacto na população residente, elaborado pela Universidade do Minho e o Município de Guimarães, e perante a análise de várias respostas, salienta-se aqui a questão 11, e mais concretamente a afirmação ‘O Turismo é bom para Guimarães’ (medido com escala de Lickert). Os resultados obtidos nesta questão são muito positivos, já que 98.2% dos inquiridos afirmaram que concordavam completamente com a afirmação apresentada, correspondendo a um valor médio de 4,78 no âmbito da escala de Lickert. De salientar que apenas 0,2% dos inquiridos manifestaram uma opinião na categoria “completamente em desacordo”. Esta perceção dos residentes é positiva e essencial para manter a atratividade da cidade como destino turístico (Marques et al 2012)

- Na pergunta 7 sobre o local emblemático em que se encontram, a maioria dos residentes refere o centro histórico ou um local particular situado no mesmo. Nos turistas, sabemos que a maioria dos inquéritos foram realizados no Paço dos Duques (razões já explicadas anteriormente) contudo as respostas em branco (n=223) superaram as respostas dadas sobre esse local (n=100), mas na globalidade também referem o centro histórico ou monumentos aí inseridos. Nos residentes, as respostas encontram-se quase uniformemente distribuídas por locais do Centro Histórico.

No subponto 2 desta questão foi questionado sobre a existência de elementos que chamem a atenção porque prejudicam a paisagem, a maioria dos residentes e turistas respondeu que ‘não’.

No subponto 3 sobre o que mais agrada nos locais mencionados, é relevante que nas respostas dos turistas quase 50% são respostas em branco, superior a qualquer outra resposta mencionada. No entanto, tanto nos turistas que nos residentes, aquilo que consideraram que mais lhes agradava foram os monumentos e a sua história;

Fazendo uma comparação entre respostas, usando o estudo realizado sobre a cidade do Porto, dentro do mesmo projeto em que esta dissertação também se inclui, podemos ter uma interessante perspetiva. A amostra neste caso é de 150 inquéritos. As respostas a esta questão vão ao encontro do que se registou em Guimarães: a maioria dos inquiridos

(n=118) considera que ‘não’ existem elementos que deterioram a imagem da paisagem no local onde se encontram e apenas 32 pessoas responderam ‘sim’.

- No que concerne às respostas sobre a segurança, um dos pontos da questão 8, a maioria dos residentes considera a cidade como segura (n=149) assim como os turistas (n=227), havendo por isso uma percepção de real sentimento de segurança, baseada nas experiências diárias dos residentes ou pontuais como dos turistas. Portugal tem vindo a destacar-se no 'ranking' dos países mais seguros segundo o ‘Global Peace Index’ (GPI), ocupando o primeiro lugar entre os países da União Europeia (EU) e o terceiro lugar no mundo (Jornal de Notícias, 2020). Nos indicadores sobre mobilidade/transportes e sobre estacionamento, tanto residentes como turistas consideraram como ‘suficientes’, sendo que no que refere ao estacionamento, nos residentes denota-se um maior equilíbrio entre ser ‘suficiente’ e ‘insuficiente’;
- Analisando a pergunta 9 sobre as intervenções no centro histórico, com número de respostas na ordem dos 60%, quer residentes como turistas consideraram como ‘adequada’ a pertinência das suas intervenções;
- Na pergunta 10 sobre poluição sonora e visual, no que diz respeito ao ‘ruído’, apesar de, quer nos turistas quer nos residentes e na sua maioria considerarem o seu impacto como normal, denota-se nestes últimos uma percentagem considerável de 15% de respostas como sendo algo incomodativo, de alguma forma expetável para quem reside na cidade. Relativamente às bancas de comércio, ambos consideram na sua maioria as mesmas como suficientes.

Ao fazer uma comparação entre respostas, usando o estudo realizado sobre a cidade do Porto, a maioria das respostas sobre o ruído prejudicar ou não a paisagem, consideram-no como ‘normal, não incomodativo’.

Mais uma vez, a tendência de resposta coincide em ambos os estudos e é na nossa análise, um fator positivo, que dá qualidade à visita às cidades respetivas.

- Na pergunta 11 sobre o grau de satisfação, no universo da amostra, a grande parte de residentes (n=125) e de turistas (n=221) considera-se satisfeito. Contudo ao

esmiuçar mais os resultados, 113 residentes dizem-se nem satisfeito, nem insatisfeitos com a paisagem urbana (uma certa banalização do que é a sua realidade diária). Já 142 turistas dizem-se muito satisfeitos com o que viram, mostrando aqui quase o oposto face aos residentes (entusiasmo em estar a vivenciar aquela experiência);

- Sobre a classificação da paisagem envolvente ao centro histórico na pergunta 12, a quase totalidade consideram-na como ‘boa’ ou ‘muito boa’, acima dos 80% quer para residentes quer turistas. Na pergunta 12.1 com a palavra caracterizadora sobre a paisagem urbana, encontramos com maior frequência em ambos os segmentos de inquiridos, adjetivos associados à beleza e encanto pela cidade. Existe também a referência à História, Património ou Monumentalidade. No caso dos turistas, ressalta-se ainda o número elevado de respostas em branco (n=206) que corresponde a mais de 50%;
- A fechar com a pergunta 13, que apenas se destinava a turistas, questionou-se acerca da motivação da visita. Numa primeira questão, queria aferir-se se a paisagem urbana do centro histórico foi fator de motivação de visita à cidade de Guimarães. A maioria, quase 90%, respondeu que ‘concorda’ ou ‘concorda totalmente’ com a afirmação, mostrando que, sem margem para dúvidas, a paisagem urbana de Guimarães conseguiu captar a atenção destes turistas e motiva-los a conhecerem a cidade.

Relativamente ao contexto de visita, a predominância é com família e com filhos ou com companheiro. Conforme analisado nos dados sociodemográficos, e fazendo um cruzamento de dados com as faixas etárias com mais evidência (menor ou igual a 30 anos/ 31 a 45 anos), verifica-se neste indicador o predomínio da visita com família com filhos ou com companheiro, coincidente com as referidas faixas.

Fazendo uma análise cruzada entre os inquiridos e as entrevistas, permite-nos agora uma comparação de ideias do que se aferiu em ambos. A temática das perguntas das entrevistas foi sequencial e em paralelo com as questões apresentadas nos questionários. Para organização de informação e sintetização, dessas perguntas foram retiradas palavras-chave e resumidas em 5 categorias: perceção de paisagem urbana; pontos de atração

turística; impacto do turismo; residentes e identidade e por fim, dinamização cultural, tal como já referido atrás.

No que se refere à paisagem urbana, tal como nos inquéritos (nas perguntas e nos comentários), denota-se a referência à fruição e vivência da cidade, pois a paisagem urbana acaba por ser um reflexo das pessoas, da comunidade. São ainda referidos os planos de urbanização e de reabilitação.

Como pontos de atração turística, os locais referidos durante as entrevistas, coincidem com os mencionados nos inquéritos – Paço dos Duques, Centro Histórico - com o realçar da necessidade de descentralização do turismo, concentrado no centro histórico.

Quanto ao impacto do turismo, referem-se preocupações comuns com os resultados dos inquéritos aos residentes: a gentrificação, a especulação imobiliária, a voracidade do turismo, assim como os pontos positivos para a cidade, tais como a importância para a dinamização dos espaços museológicos, de restauração e bebidas, entre outros, num ciclo económico em que a cidade fica claramente a ganhar.

Na categoria de residente e identidade, ressalta o orgulho, o bairrismo, as singularidades do que é ser de Guimarães, também presente nas respostas a inquéritos nomeadamente nos comentários e na resposta às perguntas 11 (satisfação) e 12 (classificação).

No último ponto, sobre a dinamização cultural, foram referidos os principais eventos que a cidade já organizou como a Capital Europeia da Cultura, sendo este indicado, como o ponto de viragem na projeção da imagem da paisagem da cidade de Guimarães. O lema era ‘Tu fazes parte’ fazendo uma alusão clara à importância maior da comunidade para o sucesso de qualquer iniciativa que se desenvolva.

Mesmo sabendo que os representantes das associações são também parte dos residentes, poderiam adotar uma posição mais neutra nas entrevistas, contudo muito mais do que a abordagem das temáticas implícitas no guião da entrevista, foram dados pontos de vista relacionados com o papel que cada associação desempenha na sociedade vimaranense. As perceções de paisagem têm claramente pontos comuns com os resultados dos inquéritos, mas cada entrevistado deu um cunho pessoal e institucional, ora ligado ao cinema, à fotografia, museologia, defesa do património, vertente social e educativa ou ainda trabalho para as comunidades locais.

Contrapondo a análise destes dados (inquéritos por questionário e entrevistas) e a revisão bibliográfica, existem pontos convergentes, nomeadamente na noção de cidade, do espaço físico, da paisagem que transcende o espaço e o tempo atuais, o respeito pelo

legado histórico e criador de memórias. Aqui importa salientar as mudanças ao longo do tempo (construção ou reabilitação), fruto dos contributos de cada época.

Outro dos pontos que sobressai deste cruzamento de dados é a importância dada aos parques verdes, aos jardins como locais de descanso e de lazer quer para quem reside quer para quem visita.

A gentrificação dos centros históricos é uma das problemáticas comuns entre a bibliografia consultada e observações recolhidas durante as entrevistas.

Os contextos de visita registados indicam-nos que o turista que vai a Guimarães o faz acompanhado: com o companheiro/a ou com a família. Mas a cada um deles, a cada pessoa pode surgir uma nova motivação.

Com estes dados validados e analisados, existe uma base de fundamentação de futuras propostas, procedimentos e ações estratégicas com vista à afirmação da Paisagem urbana de Guimarães como força motriz de desenvolvimento e de sustentação de qualquer plano estratégico para o Turismo, temática que se explorará numa fase posterior ao desenvolvimento desta dissertação, dado que a mesma que enquadra num projeto mais abrangente e com mais objetivos a serem incluídos.

Cap. VII

7- Conclusões e Recomendações

Neste capítulo apresentam-se as conclusões finais do estudo desenvolvido, tendo por base os resultados e respetiva discussão demonstrados no capítulo anterior. Apontam-se algumas limitações encontradas no presente estudo e, por fim, enunciaremos algumas recomendações que se consideram fundamentais para a elaboração de estudos futuros nesta área.

7.1 Conclusões finais

A curta extensão de um trabalho académico, que limita o aprofundamento das matérias em análise, deixa as portas abertas à posterior constituição de um documento de maior complexidade e abrangência. Ficam, no entanto, assim lançadas, tanto quanto possível, aquelas que poderão servir de base à implementação de uma metodologia estratégica para o Turismo de Guimarães.

Na parte teórica da investigação, procurou-se desenvolver as temáticas da paisagem com ênfase para a paisagem urbana, para o turismo, nomeadamente o turismo urbano e ainda se analisaram quais os efeitos da paisagem urbana na dimensão antropológica do ponto de vista dos residentes e dos turistas. Numa análise mais minuciosa, que esta investigação proporcionou, conseguiu-se chegar ao entendimento da dimensão que o conceito de paisagem abarca. Ao proteger o património da cidade de Guimarães, estamos a preservar igualmente a paisagem, no equilíbrio arquitetónico que perpetuou no centro histórico. É esta a paisagem que é reconhecida mundialmente, apesar das permanências e alterações próprias de cada tempo. Apesar da abundante produção científica em torno do tópico Paisagem, as abordagens mais comuns relacionam-se com a arquitetura paisagista e não diretamente com o Turismo e menos ainda com o Turismo urbano. Num processo reflexivo inicial, pretendeu-se, com a ajuda da literatura da especialidade, aprofundar o quadro teórico e conceptual das relações entre paisagem, património e turismo, centrado na cidade como espaço turístico (um dos objetivos específicos) para que obtivéssemos conhecimento sobre o que já existia sobre o assunto. Daqui também conseguimos perceber quais os conflitos gerados pela relação entre turismo e paisagem urbana, apontando os impactos sobre o usufruto do património consequentes do turismo e que posteriormente poderíamos usar como comparativo na análise de dados. Outro dos

objetivos específicos tinha como premissa a recolha de informações a nível nacional e internacional e analisar comparativamente os regulamentos sobre a parte histórica da paisagem urbana, especialmente em cidades com fluxos turísticos intensos. Foi passível de breves referências ao longo do trabalho, procurando-se ter apontamentos comparativos que dessem perspetivas do que estava a ser analisado e/ou discutido. No seguimento da investigação, foram ficando mais claros, as diferenças e pontos comuns na perceção e avaliação de paisagens urbanas entre residentes e visitantes, alcançando-se a realidade vimaranense através da análise dos inquéritos e entrevistas.

O estudo agora apresentado teve como fio condutor, o objetivo geral, que requeria a análise das inter-relações entre a paisagem urbana (entendida como património) e a atividade do turismo, identificando e avaliando conflitos e oportunidades que surgem desse relacionamento. Esta investigação procurou proporcionar um contributo válido para este domínio do saber e que com efeito, numa sociedade de consumo turístico elevado (realidade até 2019, antes da Covid-19), se teria de perceber qual a inter-relação que a cidade de Guimarães tem vindo a estabelecer com turistas. A opção por este enfoque prende-se com a dimensão sociológica do Turismo e não há crítica que possa ser feita a uma estratégia sem que antes, se analise factualmente, os modos de coexistência espacial dos protagonistas da cidade: os residentes e os turistas.

Tendo como pergunta de partida: qual a perceção de residentes e turistas acerca da Paisagem urbana de Guimarães, cidade Património Mundial da Unesco? Tentou-se perceber que, por um lado, a paisagem urbana de Guimarães atua como atrativo para o turista que procura cidades com uma grande riqueza cultural e patrimonial, mas não podemos deixar de referir que, o centro histórico classificado como Património Mundial pela Unesco, é parte integrante da paisagem, encerrando em si, um local de absoluta convergência dos turistas inquiridos. Assim como, funciona ainda como identidade social de uma comunidade residente atenta, participativa e que é parte interessada na manutenção do património material e imaterial. A paisagem do centro histórico, que é a sua casa diariamente, é por vezes ‘invadida’ de turistas, mas é com orgulho e bairrismo que neste momento vêem isso acontecer.

Os temas turismo e paisagem - num contexto global - em que se multiplicam identidades e referências culturais, tiveram nesta investigação, uma tendência de orquestração de relações. Pese embora, a diluição dos limites de cidade ao longo dos séculos, num ritmo

atualmente comandado pelas máquinas e não pelo Homem, felizmente, não se observaram em Guimarães, perdas de coesão relacional, funcional ou social, formas naturais de viver em sociedade. A dimensão alcançada pelo somatório de múltiplas intervenções de alargamento e de densificação da cidade, conseguiu manter um equilíbrio e a harmonia arquitetónica tão valorizada aquando da candidatura a Património Mundial e da consequente classificação em 2001.

Numa auspiciosa reflexão temática dos pontos-chave da revisão bibliográfica, reuniram-se conceitos, perspetivas, modos de fazer e perceções que vindos de outras áreas do conhecimento, nomeadamente da arquitetura paisagista e do urbanismo, que quando interligados ao Turismo, nos permitem por inerência um exercício mais criativo e atual.

Numa formulação de Serrão (2013) é entendida a paisagem como a natureza tal qual como se singulariza no lugar e que sem paisagem não haverá cidade, lugar das casas, ruas e praças, habitável, aberta ao céu e penetrada pela visão rasgada do horizonte que a transporta para fora dela. Como interpretação, compreendemos que sem paisagem, não há cidade. Sem cidade não há turismo urbano. Sem paisagem urbana não há residentes citadinos, nem turistas a descobrir culturas. Sem este espaço físico urbano não existem nem conflitos nem oportunidades a retirar da interação entre quem habita e quem visita.

A parte empírica do trabalho de investigação incidiu na realização de um inquérito por questionário a uma amostra de 291 residentes e de 384 turistas na cidade de Guimarães. Foram ainda incluídas 5 entrevistas a entidades com papel ativo na cidade. Tendo em conta os resultados dos inquéritos por questionário (residentes e turistas) e das entrevistas a entidades, realçamos as seguintes reflexões:

Os constrangimentos criados pelo trânsito são um ponto referido nos inquéritos (pergunta 6) aos residentes e turistas (quando questionados se o trânsito prejudica a paisagem, a maioria dos residentes respondeu que ‘Sim’ (n=148) e a maioria dos turistas respondeu que ‘Não’ (n=224), e nas entrevistas aos representantes das associações. A problemática não se resume à circulação no centro histórico, mas também no acesso à cidade. Durante 2020 decorreram obras na rotunda, que representa o maior fluxo rodoviário, e onde se formavam diariamente filas de trânsito nas primeiras horas da manhã e também ao final do dia. Já em março de 2021, foi inaugurada a obra que permitiu o desnivelamento da rotunda de acesso à autoestrada, em Silvaes, e que se espera que vá solucionando o congestionamento que existia.

No centro histórico, dada a redução de circulação, imposta pelo confinamento na prevenção da covid-19 e de todas as medidas que vão surgindo no combate pandémico, os constrangimentos atuais não serão os mesmos dos que foram abordados pelos residentes em 2019 e 2020, quando responderam aos questionários ou nas entrevistas. A circulação viária diminuiu e o número de visitantes e turistas também. A afluência de visitantes aos Postos de Turismo de Guimarães constitui um importante indicador da procura turística e para termos um paralelo de comparação, em 2019 registaram-se 107.638 visitas aos postos de turismo e em 2020 a queda foi acentuada, tal como esperado, baixando para 23.964 visitantes, sendo uma queda na ordem dos 78% face a 2019 (Turismo de Guimarães, 2021).

No momento em que se realiza esta análise (maio de 2021), o Município de Guimarães põe em discussão pública o ‘Plano de Gestão para o Património Mundial’. Embora seja um documento exigido pela Unesco para todos os bens Património Mundial, como é o caso do Centro Histórico de Guimarães, este ainda não havia sido elaborado. Este Plano de Gestão (com data prevista de lançamento para novembro/dezembro de 2021) abrange o Centro Histórico de Guimarães e a Zona de Couros (em processo de alargamento da área classificada para incluir a Zona de Couros), e não "apenas" o Centro Histórico classificado em 2001 (Município de Guimarães, 2021). Este documento complexo conta com a auscultação de entidades das mais variadas áreas, quer locais, nacionais ou internacionais e convida ainda toda a população a participar nas ações públicas que irão decorrer. Numa análise ao documento, estão incluídas muitas das preocupações que se foi trabalhando face aos resultados dos inquéritos e das entrevistas: conservação do edificado, competências, comunicação e comunidade. Este documento será uma ferramenta muito útil em futuras investigações sobre o CH de Guimarães.

O Turismo Urbano carrega intrinsecamente uma forte componente cultural. Quando a esta se adiciona a classificação de Património Mundial como o caso de Guimarães, além do que realmente existe na cidade, há ainda a expectativa e a imagem criada na mente do turista e visitante. Este tipo de turismo, que vinha a ter uma importância crescente, até acontecer a pandemia, é ainda uma forma de atração de investimento interno e externo e que acaba por influenciar a melhoria da imagem da cidade, no sentido em que se tiram proveito das receitas que a despesa turística movimenta.

Em Guimarães, a par da questão do Turismo Urbano existem todas as implicações e responsabilidades que permitiram a classificação como Património Mundial. Coelho (1997) afirmou que uma classificação da UNESCO abre um processo, contudo não o fecha. Analisando criticamente esta afirmação, denota-se que aborda a questão da responsabilidade inerente a esta mesma classificação. É como se nos remetesse a fazer uma retrospectiva passados 20 anos do reconhecimento a nível mundial, alicerçado no seu legado histórico-cultural e nas marcas quer de recuperação, mas também de conjugação da sua própria modernização e desenvolvimento enquanto cidade e enquanto sociedade. Estas distinções terão um papel tão ou mais relevante, quanto mais agregador se tornar o plano geral de gestão dos locais classificados e que inevitavelmente nesta classificação materializam-se em dinâmicas participativas envolvendo a comunidade. O Turismo de qualidade só surge quando a atratividade do destino se eleva além do expectável, do comum, do globalizado.

A cidade atua como uma paisagem cenográfica para os turistas: o inevitável registo fotográfico para perpetuar a viagem na nossa memória. Para uma geração de visitantes é completamente impossível viver sem a partilha destas vivências nas redes sociais. O facebook para um determinado público, mas a maior tendência é o instagram e tirar uma foto perfeita no local que é mais ‘instagramável’ (a atração principal por exemplo) na cidade é quase um momento obrigatório, uma tendência dos mais jovens e um dos públicos que a estratégia Guimarães 2019-2029 pretende captar. Destaque-se que a comunicação que inclui o uso dos equipamentos móveis é mais precisa e com mais retorno, se for adaptada aos potenciais utilizadores ou clientes (Car *et al*, 2015).

O que antes se chamava de publicidade ‘boca a boca’ agora poder-se-á chamar ‘de instagram em instagram’. As imagens de determinado local podem correr o mundo e criar vontade e necessidade de fazer o mesmo. Quanto mais poder influenciador tiver quem partilha, maior será o alcance que apenas uma foto pode gerar. Esta é a parte positiva: ter uma cidade bonita, atrativa, fotogénica e que suscita interesse a possíveis turistas. A parte menos positiva é quando um local se torna tão ‘instagramável’ que se massifica sem que estivessem reunidas as condições infraestruturais para que isso acontecesse. Felizmente, Guimarães está num ponto ainda de controlo de fluxos turísticos, e todos os estudos que se vão fazendo, contribuirão para que os planos de gestão que se desenvolvam, tenham perspetivas temporais e de múltiplas áreas conhecimento, que permitam ir reposicionando estratégias e ações perante a realidade com que se deparam.

Os destinos são modas. As modas são lançadas pelos destinos ou existem atrativos que são descobertos por outros e que são publicitados através de revistas de viagem, de sites de viagens, de agências e operadores turísticos e de não deixar de referir os guias como *Michelin* ou *Lonely Planet* que são referências mundiais. Alguns destinos mantêm-se pela diversão noturna, outros por turismo de nicho, outros criam atrações extra, há tantas formas de se viver e planejar o turismo, tantas quantas forem os gostos das pessoas que procuram o desejo de evasão para férias.

Quanto maior for a complexidade da paisagem urbana e do valor cultural que lhe é atribuída, ainda maior é a necessidade de precisão na atuação dos organismos e entidades com poder de decisão, a nível local, regional, nacional.

As paisagens adquirem significados diferentes e com uma conotação de subjetividade, perante quem a observa ou vive. Foi também isso que se pôde inferir nesta fase de conclusões da investigação. A forma de viver individual ou em grupo, influenciam a forma de ver e absorver o lugar, oferecendo-nos experiências e pensamentos perante a mesma paisagem. A paisagem urbana é um recurso aproveitado pelo Turismo e sem pretender anular outros recursos turísticos, nomeadamente os naturais, não podemos deixar referir o papel que desempenha quanto ao modo como o homem se reposiciona perante as várias necessidades que vão surgindo. O Homem como ser transformador do meio e que opera transformações que respondam à necessidade de reabilitar o edificado com vista a suprir necessidades habitacionais (de residência a longo prazo, mas também de alojamento temporário), comerciais, sociais, institucionais, etc.

O Turismo é uma “indústria de realização de sonhos” e para que todos beneficiem desta cadeia económica, há que necessariamente contar com todos os *stakeholders* envolvidos. Os residentes, a par dos restantes, são peça-chave na qualificação do Turismo, que não se resume a uma compatibilização entre a oferta de produtos turísticos e a procura turística, uma vez que existem uma infinidade de interações entre turistas e residentes que nem sempre são colocadas na balança das experiências turísticas e a aceitação da comunidade local deve ser um elemento a ter em conta (Andereck, K. & Vogt, 2000).

7.2 Limitações e recomendações

Uma das principais limitações desta investigação foi a pandemia Covid-19. Os inquéritos aos residentes foram abaixo do que foi estipulado inicialmente e os que se realizaram, foram, na sua maioria, *online*. O Turismo depende da mobilidade e interação social e dadas todas as restrições a nível mundial, os números de visitantes e turistas em Guimarães foi, tal como descrito acima, muito abaixo dos números que se vinham a registar nos últimos anos.

Apesar das condicionantes de mobilidade, a presente investigação deixou para análise posterior de projeto, as seguintes questões:

- Avaliar o valor da paisagem dos destinos turísticos urbanos para a competitividade, através de estudos comparativos nos diferentes estudos de caso (Salamanca, Málaga, Porto e Guimarães).
- Desenhar uma aplicação prática, detalhando os aspetos metodológicos mencionados em setores específicos dos centros urbanos históricos do Porto e Guimarães, selecionados como estudos de caso.
- Elaborar uma lista de procedimentos e ações estratégicas para o tratamento desta questão (normativo).

Este trabalho poderá servir de base a outras investigações ligadas à cidade e pode por isso ser a ponte entre o conhecimento que existe atualmente e o que à época já possa existir. Sendo o turismo, uma área multidisciplinar, é com os contributos de todas que se vai construindo e desenvolvendo esta área das Ciências Sociais.

A primeira das recomendações será a de integrar vários estudos comparativos (estava previsto Salamanca, Málaga e Porto) potenciando que este tipo de estudo possa ser replicado no maior número de locais.

Apesar de se terem consultado muitos documentos oficiais de planeamento urbanístico e turístico da cidade de Guimarães, poder-se-ia, por um lado, ter incluído uma pergunta aberta nos questionários, para que as pessoas pudessem dar sugestões, do que poderia integrar um plano de gestão da paisagem urbana de Guimarães (e que seriam mais uma ferramenta útil no capítulo das ações estratégicas). Por outro lado, seria relevante ouvir uma personalidade ligada ao Município, que nos apresentasse a perspetiva institucional e

mais uma vez, traria contributos relevantes para se incluírem nas propostas que surgirão em fase posterior, no projeto em que esta dissertação se enquadra.

7.3 Considerações finais

Um dos pontos marcantes para a cidade de Guimarães aconteceu em 2001 com a classificação como Património Mundial. Para que tal acontecesse, e tal como já foi referido, houve um trabalho imenso de Homens e Mulheres que se dedicaram a salvaguardar o que cidade tinha de único e essa foi a verdadeira viragem. O reconhecimento por parte da Unesco, apenas veio a revelar uma importante afirmação da imagem da cidade, quer a nível regional, nacional ou internacional. Na senda do que veio a ser feito, destaca-se ainda a Capital Europeia da Cultura em 2012 que permitiu a recuperação e criação de várias estruturas culturais, que vieram dotar a cidade de novas valências e potenciar novas linhas de ação. Esta data foi muito referida ao longo das entrevistas com os responsáveis das entidades que tivemos a oportunidade e o privilégio de conversar. Destacam mesmo o ano de 2012 com diferenciador e estratégico na consolidação do protagonismo da cidade, que no seu ciclo ascendente acabou por inevitavelmente atrair mais visitantes e turistas nos anos posteriores a este evento.

A esta investigação serão acrescentadas, em âmbito do projeto em que se enquadra, contribuições (já anteriormente referidas) nomeadamente procedimentos e ações estratégicas para que o Turismo não seja um dos fatores dissociativos relacionado com os desequilíbrios da cidade. Assim como os turistas procuram nos destinos, aquilo que é absolutamente único, também a arquitetura, a arquitetura paisagista e o urbanismo procuram manter nas cidades, exatamente o mesmo, e a partir do existente, os recursos podem ou não evoluir para recursos turísticos.

Referências bibliográficas

- Abbud, B. (2010). Arquitetura paisagística: uma profissão do futuro. *Revista LABVERDE, 1*, 163–166.
- Acevedo Rodrigues, P.; Del Risco Yera, Y. (2000). Fundamentos teórico-metodológicos para la planificación ambiental del turismo en paisajes sensibles. *Geographicalia, 1*, 25.
- Agenda Urbana para a União Europeia. (2016). *Pacto de Amesterdão*.
- Aguiar, J. (1998). A experiência de reabilitação urbana do GTL de Guimarães. *ReHabitatar Centros Antigos, Ordem dos Arquitetos e Câmara Municipal de Guimarães*.
- Amirou, R. (2007). *Imaginário Turístico e as sociabilidades de viagem* (Presses Universitaires de France (Ed.)). Estratégias criativas - APTUR.
- Andereck, K. & Vogt, C. (2000). The relationship between resident's attitudes towards tourism and tourism development options. *Journal of Travel Research, 39*, 27–36.
- Antunes, J. (2015). ASL Associados, uma empresa onde se trabalha com paixão. *Revista Pontos de Vista, 50*, 63.
- Associação Portuguesa dos Municípios com Centro Histórico. (2021). *Associação Portuguesa dos Municípios com Centro Histórico*. Acedido em 14 de dezembro de 2021.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Batista, Cristina Sales; Sousa, M. J. (2011). *Como Fazer Investigação, Dissertações, Tese e Relatórios Segundo Bolonha*. Factor.
- Benevolo, L. (1998). *A cidade e o Arquitecto* (Edições 70).
- Bernardo, E. (2020). *Patrimonialização e Turismo cultural no Douro: o caso do barro de Bisalhães* [Universidade de Aveiro].
- Berque, A. (1998). *Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural*.
- Bertrand, G.; Bertrand, C. (2002). *Une Géographie Traversière. L'environnement à Travers Territoires et Temporalités, Paris, Éditions Arguments*.
- Bisquerra, R. (1989). *Métodos de investigacion educativa: Guia pratica*. Ediciones CEAC.
- Bloom Consulting. (2019). *Guimarães - Estratégia Turística 2019-2029*.
- Caldas, P. . A. J. F. (1996). *Guimarães, apontamentos para a sua história*. Câmara Municipal de Guimrães/ Sociedade Martins Sarmiento.

- Caldeira, T. (2016). Peripheral urbanization: Autoconstruction, transversal logics, and politics in cities of the global south. *Environment and Planning D: Society And Space*, 35 (1), 3–20.
- Campos, A. M. F. de. (2015). *Contributo para a avaliação da qualidade da paisagem urbana*. Universidade Técnica de Lisboa.
- Cangueiro, J. (2018). *CCDRN - Comissão de Coordenação e Desenvolvimento da Região Norte*. Breve Historial Do Tratamento Da Paisagem Na Região Norte (30 Anos).
- Car, Tomislav; Šimunić, Mislav ; Laškarin, M. (2015). *Mobile marketing and advertising strategies in tourism and hospitality industry*. 1–8.
- Careto, H.; Lima, S. (2007). As dinâmicas territoriais e o turismo. In *Turismo e desenvolvimento sustentável -2* (p. 294). Geota - Grupo de Estudos de Ordenamento do território e ambiente.
- Carneiro, Maria João; Eusébio, Celeste; Caldeira, A. (2017). The Influence of Social Contact in Residents' Perceptions of the Tourism Impact on Their Quality of Life: A Structural Equation Model. *Journal of Quality Assurance in Hospitality & Tourism*.
- Carvalho, P. (2009). *Planeamento, redes territoriais e novos produtos turísticos eco-culturais*.
- Charles, C. M. (1998). *Introduction to educational research* (3^a ed.). Longman.
- Coelho, M. (1997). *Património Mundial*. Estar Editora.
- Coentrão, A. (2016). O turismo pode trazer problemas, mas Lisboa e Porto não o reconhecem. *Jornal Público*.
- Conselho da União Europeia (UE). (2011). *Agenda Territorial da União Europeia 2020*.
- Conselho da União Europeia (UE). (2016). *Agenda Urbana para a UE-Pacto de Amesterdão*.
- Conselho Europeu de Urbanistas. (2003). *A Nova Carta de Atenas 2003. A Visão do Conselho Europeu de Urbanistas sobre as Cidades do séc. XXI*.
- Conselho Europeu de Urbanistas. (2012). *Adenda de Istambul para a Nova Carta de Atenas*.
- Correa, R.; Rosendahl, Z. (1998). Paisagem, Tempo e Cultura. *Geografia Cultural: Uma Antologia, Volume 1*.
- Correia, A. (2017). *A gentrificação e as cidades temporárias*.
- Costa, C. (2006). Tourism Planning, Development and the Territory. *Buhalis, D., Costa, C. (Eds). Tourism Management Dynamics - Trends, Management and Tolls, Burlington, 236–243*.
- Costa, Carlos. (1996). *Towards the improvement of the efficiency and effectiveness of*

tourism planning and development at the regional level: planning, organisations and networks. The case of Portugal. University of Surrey.

- Costa Monteiro, L. R. N. da. (2016). *Reinventar a Paisagem na era digital*. Universidade Católica Portuguesa.
- Coutinho, C. P. (2016). *Metodologias de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Edições Almedina.
- Cruz, R. (2002). As paisagens artificiais criadas pelo turismo. *Turismo e Paisagem*, In YÁZIGI, E. (Org).
- Cruz, R. (2007). *Geografias do turismo. De lugares a pseudo-lugares*. Roca.
- Cullen, G. (2010). *Paisagem Urbana*. Edições 70.
- Cunha, A; Abrantes, A. (2013). *Introdução ao Turismo* (Lidel (Ed.); 5º Edição).
- DGT - Direção Geral do Território. (2000). *Convenção Europeia da Paisagem*. Acedido em 28 de novembro de 2019.
- DGT - Direção Geral do Território. (2007). *Plano Nacional da Política de Ordenamento do Território de (PNPOT)*. Acedido em 28 de novembro de 2019.
- DGT - Direção Geral do Território. (2016). *Fórum das Cidades*. Acedido em 9 de dezembro de 2019.
- DGT - Direção Geral do Território. (2018). *PNPOT - Alteração estratégica*. Acedido em 13 de dezembro de 2019.
- Diehl, Astos Antonio; Tatim, D. C. (2006). *Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas* (Pearson (Ed.)).
- Doodley, L. M. (2002). Case Study Research and Theory Building. *Advances in Developing Human Resources*, 4, 335–354.
- Dumont, E. (2006). *Strategic Urban Governance Framework for the Sustainable Management of Cultural Tourism*.
- Eisman, L. B. (1992). El método de investigación. *Investigación Educativa*, In M.P. Colás Bravo, L.B. Eisman (Eds).
- Fernandes, Isabel; Correia, F. (2012). *Guimarães Moderna* (Universida).
- Fernandez Latorre, F. (2010). Análisis legislativo y jurisprudencial en materia de paisaje y turismo. Implicaciones prácticas. *Medio Ambiente y Derecho: Revista Electrónica de Derecho Ambiental*, 20.
- Ferrão, Bernardo; Afonso, J. F. (n.d.). *A evolução da forma urbana de Guimarães e a criação do seu património edificado*.
- Ferreira, A. I. G. (2016). *Cidade e turismo: contributo para uma avaliação crítica, o caso de estudo da Mouraria*.
- Ferronato, M. (2010). *A relação da paisagem com o turismo: uma reflexão teórica*.

Unicentro.

- Filipe, A. I. et tal. (2012). Conclusões do Estudo Multidisciplinar Centro Histórico de Guimarães. In *Paisagem com cidade e Maças Vermelhas*.
- Finn, Mick; Walton, Mike e Elliot-White, M. (2000). *Tourism & leisure research methods: data collection, analysis and interpretation* (Pearson Ed).
- Fortin, M. F. (2009). *Fundamentos e etapas do processo de investigação*. Publicações Lusodidacta.
- Freire, M. (2018). *Paisagem e Arquitetura paisagista: conceitos, valores, componentes e competências à intervenção*.
- Freire, T. (2012). Pensar e Sentir os espaços... Viver os lugares na cidade. In SetePés (Ed.), *Paisagem com cidade e Maças Vermelhas*.
- Freitas, Izabel vaz; Marques, Jorge; Ribeiro, Susana; Yasar, S. (2017). Urban Landscape and Tourism in the Historic Centre of Porto: the perception of residents. *The First Internation Congress on Future Tourism: Innovation, Entrepreneurship and Sustainability*, 1626–1642.
- G.T.L., C. M. de G. (2002). *Guimarães Património Cultural da Humanidade Vol. I* (Câmara Municipal de Guimarães).
- García-Hernandez, M., Calle-Vaquero, M e Ybero, C. (2017). Cultural heritage and urban tourism: historic city centres under pressure. *Sustainability*, Vol.9(Nº 8), 1–19.
- García, S. B. (2013). Valoración de la calidad estética de los paisajes de La Habana (Cuba) con métodos de participación social. *Estudios Geográficos*, 74(274), 45–66.
- Gessler, S. C. (2014). *O Descanso e a Teoria dos Ambientes Restauradores*. Universidade de Brasília.
- Ghiglione, R. & Matalon, B. (1997). *O inquérito: Teoria e prática* (3ª Edição). Celta Editora.
- Gil, A. C. (2002). *Como Elaborar Projetos de Pesquisa* (Atlas (Ed.); 4ª edição).
- Gilman, R. (2019). *Tornos - Uma escatologia turístico-patrimonial*. Punkto.
- Gonçalves, A. (2001). *A componente cultural do Turismo Urbano como oferta complementar ao produto “sol e praia” - O caso de Faro e Silves* (Gabinete de Estudos e Prospecção Económica - Ministério da Economia (Ed.)).
- Gravari-Barbas, M.; Guinanand, S. (2017). Introduction: addressing tourism-gentrification processes in contemporary metropolises. In *Tourism Gentrification in Contemporary Metropolises*.
- Guimarães, M. de. (2021). *Centro Histórico de Guimarães e Zona de Couros Plano de Gestão 2021–2026*.
- Guimarães Digital. (2020). *Afluência aos postos de turismo de Guimarães aumentou*. Acedido em 19 de janeiro de 2020.

- Guimarães Turismo. (2020). *Guimarães Turismo - Estatística*. Acedido em 19 de janeiro de 2020.
- Gunn, C. A. (2002). *Tourism Planning* (Routledge (Ed.); 4th Editio).
- Horn, E. (1998). *Impacts of Tourism on Space and Place in Jonesborough, Tennessee*. University of Tennessee.
- ICOMOS. (2011). Princípios de La Valletta para a Salvaguarda e Gestão de Cidades e Conjuntos Urbanos Históricos. *17.ª Assembleia Geral Do ICOMOS*.
- ICOMOS - Comissão Nacional Portuguesa. (2017). *Património Mundial - Proposta de alargamento da classificação de Couros*.
- INE. (2014). *Tipologia de áreas urbanas*. Acedido em 26 de janeiro de 2020.
- INE. (2019). *Retrato Territorial de Portugal*. Acedido em 26 de janeiro de 2020.
- Infopédia. (2020). *Infopédia*. Acedido em 20 de janeiro de 2020.
- Jornal de Notícias*. (2020, June). Acedido em 10 de junho de 2020.
- Lamas, J. (2004). *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade* (Fundação C).
- Łapko, A. (2014). Urban Tourism in Szczecin and its Impact on the Functioning of the Urban Transport System. *Procedia - Social and Behavioral Sciences. Green Cities - Green Logistics for Greener Cities, 151 (0)(Szczecin)*, 207–214.
- Lees, L., Shin, H. B., & López-Morales, E. (2016). *Planetary Gentrification* (C. P. Press. (Ed.); Cambridge:).
- Liang, Z. X., Bao, J. (2015). Tourism gentrification in Shenzhen, China: causes and sociospatial consequences. *Tourism Geographies, Vol. 13(nº3)*, pp 461–481.
- Machado, Á. (2000). Eça e a Mitologia da cidade. In Câmara Municipal de Cascais (Ed.), *Actas dos VII Cursos Internacionais de Verão de Cascais* (pp. 33–44).
- Mais Guimarães. (2020). *Paço dos Duques e Castelo na liderança dos monumentos mais visitados do país*. Acedido em 19 de janeiro de 2020.
- Malhotra, N. (2006). *Pesquisa de Marketing: Uma Orientação Aplicada*. Artmed.
- Marín, Jefferson; Del Cairo, C. (2013). Reflexiones en torno a dos iniciativas estatales de construcción de memoria colectiva en Colombia. *Memoria y Sociedad, v.17(n.35)*, p.76-92.
- Marques, C.; Santos, C. (2015). Como medir a efetividade das políticas públicas na economia do Turismo? Uma proposta. *Revista Turismo & Desenvolvimento, 24*, 125–134.
- Marques, Vítor; Remoaldo, Paula; Ribeiro, J. Cadima; Vareiro, L. C. (2012). *O turismo cultural urbano e impacto na população residente - o caso de Guimarães*.
- Martins Faria, P. M. (2014). *Reabilitação no Centro Histórico de Guimarães - Uma visão estratégica*. Universidade do Porto.

- Marujo, Noémi; Santos, N. (2012). Turismo, Turistas e Paisagem. *Investigaciones Turísticas*, nº4, 35–48.
- Maslow, A. H. (1943). A theory of human motivation. *Psychological Review*, 50(4), 370–396.
- Matos, A. R. (2014). *Cidade Património Cultural da Humanidade, Guimarães. Da construção à reabilitação do centro histórico*. Universidade do Porto.
- Meirinhos, Manuel; Osório, A. (2010). O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. *EDUSER: Revista de Educação*, 2(2).
- Mendes, L. (2014). Gentrificação e políticas de reabilitação urbana em Portugal: uma análise crítica à luz da tese rent gap de Neil Smith. *Cadernos Metrópole*, 16(nº32), 487–511.
- Mertens, D. (1998). *Research methods in education and psychology: integrating diversity with quantitative & qualitative approaches* (Sage Publi).
- Moltó, M. C. C. (2002). *Introducción a los métodos de investigación en Educación* (Editorial).
- Moura, D.; Guerra, I.; Seixas, J.; Freitas, M. (2006). A revitalização urbana, contributos de um conceito operativo. *Revista*, nº12/13, pp 15-34.
- Naranjo, F. Z. (2014). Los paisajes como patrimonio natural y cultural. *Centro de Estudios Paisaje y Territorio*.
- Natário, D. (2020). *Tudo é Paisagem*.
<https://www.youtube.com/watch?v=CTDRbo9R1W8&t=1787s>
- Neuhofer, Barbara; Buhalis, Dimitrios, Ladkin, A. (2015). Smart technologies for personalized experiences: a case study in the hospitality domain. *Electronica Markets*, 25(3), 243–254.
- Nora, P. (1985). Entre mémoire e histoire. La problématique des lieux. *La République*, Vol.I (nº26).
- Pacheco, J. A. (1993). *O pensamento e a ação do professor em formação*. Universidade do Minho.
- Pereira, M. A. (2017). *Cidades, Comunidades e Territórios*. 89–107.
- Pires, P. dos S. (2011). MARCO TEÓRICO-METODOLÓGICO DE LOS ESTUDIOS DEL PAISAJE Perspectivas de aplicación en la planificación del turismo. *Estudios y Perspectivas En Turismo*, 20, 522–541.
- Pratas, J. (2014). *Conteúdos de Comunicação e de posicionamento das marcas destino turístico em brochuras e folhetos turísticos*. Universidade do Porto.
- Prats, L. (2005). Concepto y gestión del patrimonio local. *Cuadernos de Antropología Social*, n.21, p.17-35.
- Quivy, Raymond; Campenhout, L. Van. (2018). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (Gradiva (Ed.)).

- Reckert, S. (1989). *O imaginário da cidade* (Fundação Calouste Gulbenkian (Ed.)).
- Relph, E. (2002). *Paisagem Urbana Moderna*. Edições 70.
- Richardson, R. J. (1989). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. Atlas.
- Rodrigues, M. R. (2009). *Universidade de Lisboa Faculdade de Letras Departamento de Geografia A Forma Urbana em Portugal Continental: Aplicação de Índices Quantitativos na Caracterização Morfológica das Cidades*. Universidade de Lisboa.
- Rodríguez, G.G., Flores, J.G., Jiménez, E. G. (1999). *Metodología de la investigación cualitativa* (Ediciones).
- Serrão, A. V. (2013). *Filosofia da Paisagem* (Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa (Ed.); Ed. 1).
- Silva Pérez, R., & Fernández Salinas, V. (2008). El patrimonio y el territorio como activos para el desarrollo desde la perspectiva del ocio y del turismo. *Investigaciones Geográficas*, 46, 69–88.
- Silverman. (2000). *Doing qualitative research: a practical guide* (Thousand Oaks (Ed.)). SAGE Publications.
- Stake, R. E. (1999). *Investigación con estudio de casos* (Morata).
- Turismo de Portugal*. (2019). Acedido em 19 de dezembro de 2020.
- UNESCO. (2013). *Managing Cultural World `heritage (World Heritage Resource Manual)*.
- Wiersma, W. (1995). *Research methods in Education: An introduction* (6^a ed.). Allyn and Bacon.
- Yin, R. K. (2005). *Estudo de caso. Planejamento e Métodos*. Bookman.
- Yin, R. K. (2010). *Estudo de caso: planejameto e métodos* (4^a edição). Bookman.

Apêndices

Apêndice I - Guião da Entrevista Semi-Estruturada

Projeto: Paisagem Urbana e Turismo: perceções, conflitos e tratamento normativo.
Estudo de caso na cidade de Guimarães (Portugal)

O objetivo geral do projeto é o de analisar as inter-relações entre a paisagem urbana (entendida como património) e a atividade do turismo, identificando e avaliando conflitos e oportunidades que surgem desse relacionamento.

- 1- Qual a sua perceção acerca da paisagem urbana da cidade, nomeadamente nos seguintes pontos:
 - 1.1- Sinalização
 - 1.2- Publicidade
 - 1.3- Mobiliário Urbano
 - 1.4- Arborização e Jardins
 - 1.5- Trânsito e zonas pedonais (quais os pontos críticos na cidade)

- 2- Na sua opinião, quais os pontos na cidade que mais atraem turistas e visitantes? Pode explicar a razão da sua resposta?
 - 2.1 – Quais os locais que ainda não são muito visitados e que merecem algum tipo de promoção?
 - 2.2 – No seu entender, as principais festividades da cidade, mantêm ainda a essência da tradição?
 - 2.3- Considera que apesar do nº de visitantes | turistas, as festividades mantêm a tradição?

- 3- Relativamente ao Turismo em Guimarães, classificaria como positivo ou negativo o seu impacto na cidade? Justificação
 - 3.1- De que forma é que o Turismo tem impacto no dia-a-dia dos residentes?
 - 3.1.1- Se positivo, qual poderá ser a estratégia para fixar os turistas, durante mais dias e desta forma, dinamizar a economia local?
 - 3.1.2- Se negativo, como se pode inverter e credibilizar o turismo como factor determinante para o desenvolvimento de Guimarães?
 - 3.2- Quais as principais diferenças (se existentes) que foi notando na cidade desde que foi classificada como Património Mundial?

- 4- Considera importante que os habitantes da cidade se identifiquem com o que é programado a nível cultural? Ou por outro lado, a programação é feita a pensar nos turistas?

- 4.1- Sente que os residentes na cidade têm orgulho, sentimento de pertença, relativamente ao que é desenvolvido na cidade, quer a nível cultural ou social?
- 4.2- Considera importante a existência de modelos/estudos que permitam avaliar as perceções dos residentes e turistas, em relação à percepção que tem da cidade?
- 4.3- Caso estes modelos/ estudos sejam realizados periodicamente, considera que avaliar a evolução das perceções dos residentes e turistas, trará uma nova forma de pensar e programar a promoção da cidade?
- 5- Em que medida, a instituição que representa contribui para a dinamização cultural da cidade

Anexos

Anexo I - Questionário em português

QUESTIONÁRIO A TURISTAS E RESIDENTES SOBRE A PAISAGEM URBANA NA CIDADE DE GUIMARÃES (Elaboração do Questionário: Inmaculada Mercado Alonso. Universidad de Sevilla)



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

Por favor, preencha com uma cruz (X) a opção que melhor corresponde à sua opinião.

Género: Feminino Masculino

Idade: _____

Nacionalidade: Português. Região _____ Estrangeiro. País _____

Nº de dias de Estadia: _____

Profissão: _____

1. SINALIZAÇÃO DIRECIONAL

A Quantidade é: Excessiva Suficiente Insuficiente

O Desenho é (cor, formas, tamanho...) Muito Adequado Adequado Inadequado

A Localização é: Muito Adequado Adequado Inadequado

A Utilidade é: Muito Útil Útil Inútil

Deteriora a imagem da cidade histórica Sim Não

Alguns comentários que deseje fazer sobre o tema

2. Publicidade Exterior

A Quantidade é Excessiva Suficiente Insuficiente

O Desenho é (cor, forma, tamanho...) Muito Adequado Adequado Inadequado

Deteriora a imagem da cidade histórica Sim Não

Alguns comentários que deseje fazer sobre o tema

3. Mesas, Cadeiras, Guarda-Sóis dos Estabelecimentos de Restauração

A Quantidade é Excessiva Suficiente Insuficiente

O Desenho é (cor, forma, tamanho...) Muito Adequado Adequado Inadequado

Deteriora a imagem da cidade histórica Sim Não

Alguns comentários que deseje fazer sobre o tema

QUESTIONÁRIO A TURISTAS E RESIDENTES SOBRE A PAISAGEM URBANA NA CIDADE DE GUIMARÃES (Elaboração do
Questionário: Inmaculada Mercado Alonso. Universidad de Sevilla)

4. Mobiliário Urbano (Bancos, Suportes Publicitários Estáticos, Papeleiras, Candeeiros de Rua...)

| | | | |
|--|---|-------------------------------------|---------------------------------------|
| A Quantidade é | <input type="checkbox"/> Excessiva | <input type="checkbox"/> Suficiente | <input type="checkbox"/> Insuficiente |
| O Desenho é (cor, formas, tamanho...) | <input type="checkbox"/> Muito Adequado | <input type="checkbox"/> Adequado | <input type="checkbox"/> Inadequado |
| A Localização é | <input type="checkbox"/> Muito Adequada | <input type="checkbox"/> Adequada | <input type="checkbox"/> Inadequada |
| A Utilidade é | <input type="checkbox"/> Muito Útil | <input type="checkbox"/> Útil | <input type="checkbox"/> Inútil |
| Deteriora a imagem da cidade histórica | <input type="checkbox"/> Sim | <input type="checkbox"/> Não | |

Algum comentário que deseje fazer sobre o tema

(Nota para o inquiridor: Reforçar o funcionamento e nível de iluminação dos candeeiros de rua.)

5. Arborização, Jardins e Outros Elementos Naturais

| | | | |
|--|---|-------------------------------------|---------------------------------------|
| A Quantidade é | <input type="checkbox"/> Excessiva | <input type="checkbox"/> Suficiente | <input type="checkbox"/> Insuficiente |
| O Desenho é (cor, forma, tamanho...) | <input type="checkbox"/> Muito Adequado | <input type="checkbox"/> Adequado | <input type="checkbox"/> Inadequado |
| Deteriora a imagem da cidade histórica | <input type="checkbox"/> Sim | <input type="checkbox"/> Não | |

Algum comentário que deseje fazer sobre o tema

6. Outros

| | | | |
|---|---|---|---|
| O Trânsito deteriora a imagem do centro histórico | <input type="checkbox"/> Sim | <input type="checkbox"/> Não | |
| As Zonas Peatonais são suficientes | <input type="checkbox"/> Sim | <input type="checkbox"/> Não | |
| As Zonas Peatonais estão | <input type="checkbox"/> Muito Cuidadas | <input type="checkbox"/> Normais | <input type="checkbox"/> Descuidadas |
| A limpeza | <input type="checkbox"/> Muito Boa e Cuidada | <input type="checkbox"/> Normal | <input type="checkbox"/> Insuficiente |
| A afluência de turistas é | <input type="checkbox"/> Excessiva e Incomodativa | <input type="checkbox"/> Normal, Não Incomodativa | <input type="checkbox"/> Sem Apreciação |

Algum comentário que deseje fazer sobre o tema

7. Olhe à sua volta. Estamos num (lugar emblemático da cidade)

Existe algum elemento ou elementos que chamem a sua atenção porque deterioram a imagem deste local? Não Sim Assinalar qual:

O que é que mais lhe agrada neste local?

8. Mobilidade

Tendo em conta o usufruto do espaço:

Considera que a rede de transportes para o centro histórico da cidade é:

Excessiva Suficiente Nem suficiente nem insuficiente Insuficiente Muito insuficiente

Considera que os locais de estacionamento no centro histórico da cidade são:

Excessivos Suficientes Nem suficientes nem insuficientes Insuficientes Muito insuficientes

Considera que o centro histórico da cidade é (ex. nível dos passeios/policiamento):

Muito segura Segura Nem segura nem insegura Insegura Muito insegura

9. Intervenções

Considera que a escala dos projetos e obras realizados no centro histórico são:

Totalmente adequada Muito adequada Adequada Inadequada Totalmente inadequada

10. Poluição sonora e visual

Considera que o ruído no centro histórico da cidade é:

Nada incomodativo Pouco incomodativo Normal Incomodativo Muito incomodativo

Considera que as bancas exteriores do comércio de rua no centro histórico da cidade são:

Excessivas Suficientes Nem suficientes nem insuficientes Insuficientes Muito insuficientes

11. Satisfação

Tendo em conta as suas expectativas, indique o seu grau de satisfação relativamente à paisagem urbana do centro histórico da cidade.

Muito satisfeito Satisfeito Nem satisfeito nem insatisfeito Insatisfeito Muito insatisfeito

12. Classificação

Como classifica a paisagem envolvente do centro histórico da cidade?

Muito boa Boa Razoável Má Muito má

Indique, por favor, uma palavra que caracterize a paisagem urbana do centro histórico da cidade.

Se é residente, o seu questionário termina aqui. Muito obrigada pela colaboração!

13. Motivação de visita

Considera que a paisagem urbana do centro histórico é fator de motivação de visita à cidade de Guimarães?

Concordo totalmente Concordo Nem concordo nem discordo Discordo Discordo totalmente

Encontrando-se em visita à cidade de Guimarães, indique o contexto que melhor se adequa à sua situação de visita:

Sozinho(a) Com amigo(s) Com companheiro(a)

Em grupo (excursão guiada) Com família, sem filhos Com família, com filhos

Outros. Quais? _____

Obrigada pela sua colaboração

Anexo II - Questionário em inglês

QUESTIONNAIRE TO TOURISTS AND RESIDENTS ABOUT THE URBAN LANDSCAPE IN THE CITY OF GUIMARÃES
(Elaboration of Questionnaire: Inmaculada Mercado Alonso. Universidad de Sevilla)



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

Please fill in with a cross (X) the option that best matches your opinion.

Gender Female Male

Age: _____

Nationality: Portuguese. Region _____ Foreign. Country _____

Days of stay: _____

Professional occupation: _____

1. DIRECTIONAL SIGNALING

The quantity is : Excessive Sufficient Insufficient

The Drawing is (color, shapes, size ...) Very Suitable Suitable Inadequate

Location is: Very Suitable Suitable Inadequate

Utility is: Very useful Useful Useless

Deteriorates the image of the historic city: Yes No

Any comment you want to make on the topic:

2. OUTDOOR ADVERTISING

The Quantity is: Excessive Sufficient Insufficient

The Drawing is (color, shapes, size ...): Very Suitable Suitable Inadequate

Deteriorates the image of the historic city: Yes No

Any comment you want to make on the topic:

8. Mobility

Having regard to the enjoyment of the space:

Do you consider that the transport network to the historic city center is:

Excessive Sufficient Neither sufficient nor insufficient Insufficient Very insufficient

Do you consider that parking places in the historic city center are:

Excessive Sufficient Neither sufficient nor insufficient Insufficient Very insufficient

Do you consider that the historical center of the city is (eg level of sidewalks / policing):

Very Safe Safe Neither Safe nor Unsafe Unsafe Very Unsafe

9. Interventions

Do you consider that the scale of projects and works carried out in the historic:

Fully adequate Very adequate Adequate Inadequate Completely inadequate

10. Noise and visual pollution

Do you consider that noise in the historic center of the city is:

Nothing annoying Bit uncomfortable Normal annoying Very annoying

Do you consider that the street stalls in the historic center of the city are:

Excessive Sufficient Neither sufficient nor insufficient Insufficient Very insufficient

11. Motivation to visit

Do you consider that the urban landscape of the historic center is a motivating factor for visiting the city of Guimarães?

Strongly agree Agree Neither agree nor disagree Disagree Strongly disagree

Visiting the city of Guimarães, indicate the context that best suits your visit situation:

Alone With Friends Couple

Grup (Tour) Family, no Kids Family with Friends

Other. Which? _____

12. Satisfaction

Taking into account their expectations, indicate your level of satisfaction with the urban landscape of the historic city center.

Very satisfied Satisfied Neither satisfied nor dissatisfied Dissatisfied Very dissatisfied

13. Ranking

How do you rate the landscape of the historic city center?

Very Good Good Reasonable Bad Very Bad

Please, indicate a word that characterizes the urban landscape of the historic city center.

Thank you for your cooperation.

